

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANDREZA DA COSTA LEME

**IDIOMATICIDADE E COMPOSICIONALIDADE
DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LÍNGUA INGLESA:
O SIGNIFICADO NA INTERFACE
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA-ETIMOLÓGICA**

Porto Alegre
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANDREZA DA COSTA LEME

**IDIOMATICIDADE E COMPOSICIONALIDADE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS
DA LÍNGUA INGLESA: O SIGNIFICADO NA INTERFACE
SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA-ETIMOLÓGICA**

Tese apresentada como requisito parcial p
para a obtenção do grau de Doutor,
pelo Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Jorge Campos da Costa

Porto Alegre
2008

Dedico esta tese à minha mãe (*in memoriam*), que me ensinou o verdadeiro significado da vida e da palavra 'amor' na sua real essência.

AGRADECIMENTOS

À PUCRS e à CAPES pela bolsa concedida nos anos iniciais do curso.

À coordenação, aos professores e às secretárias do PPGL, em especial à Professora Dr. Regina Lamprecht, que me incentivou a retomar os estudos.

Ao meu orientador, Professor Dr. Jorge Campos, pelo entusiasmo com o qual apresentou-me à teoria pragmática e por suas valiosas sugestões ao longo da construção deste trabalho.

Às colegas, pela amizade e companheirismo, especialmente à Cibele, por todas as contribuições feitas durante a escritura do texto.

Aos meus familiares, pela torcida. Principalmente ao Roberto, pela compreensão e estímulo nos momentos de angústia, e à minha irmã, Alessandra, pela paciência e pelo carinho dado à minha filha, Daphne.

*“A ship is safe in harbor,
But that’s not what ships are for.”*

William Shedd

RESUMO

A problemática apresentada pelas expressões idiomáticas é, para muitos pesquisadores e teóricos, uma evidência contra a onipotência das teorias sintática e da semântica e a favor de uma nova perspectiva que melhor esclareça o comportamento destas expressões. Tradicionalmente, as expressões idiomáticas eram definidas como blocos fixos de palavras que possuíam um sentido igualmente fixo e distinto do significado composto a partir da soma de suas partes. Porém, a partir do final da década de 60 com os estudos de Fraser (1970), surgiram pesquisas que abordavam o caráter composicional das expressões idiomáticas com base em dois aspectos principais: (1) algumas expressões permitem que a ordem de seus elementos seja alterada, ou seja, permitem a flexibilidade sintática e (2) algumas expressões aceitam o acréscimo de novas palavras, a supressão de partes da sua estrutura ou a substituição de seus elementos, sem que o sentido idiomático seja alterado, ou seja, respeitando a flexibilidade lexical. Esta nova perspectiva passou, então, a atribuir novas características para o grupo de expressões idiomáticas, entre elas, a idiomaticidade e a composicionalidade que, por sua vez, constituem-se em fatores essenciais para sua adequada observação. De acordo com esta nova abordagem, foi estabelecida uma interface entre as Teorias Semântica, Pragmática e Etimológica, com o intuito de melhor descrever o comportamento das expressões idiomáticas e suas características. Nesse sentido, a presente pesquisa visa comprovar a natureza composicional do significado implícito destas expressões, através da investigação etimológica acerca da origem da criação das expressões idiomáticas, e também, esclarecer como fatores como a idiomaticidade e a composicionalidade podem influenciar a compreensão do significado implícito destas expressões, conforme afirmam Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000). Além disso, o estudo busca ilustrar aspectos a favor da Teoria Pragmática, que é capaz de descrever e explicar, mais adequadamente, as expressões idiomáticas em situações reais de comunicação, a fim de comprovar que o sentido idiomático destas expressões é mais facilmente compreendido quando em contextos reais de uso através da Teoria das Implicaturas de Grice (1975). Logo, o estudo segue uma abordagem de pesquisa bibliográfica com observações empíricas acerca do comportamento das expressões idiomáticas da língua inglesa. Além disso, a pesquisa analisa um corpus de 18 expressões idiomáticas com o objetivo de ilustrar as propostas defendidas. E, através das análises realizadas, os resultados evidenciam a importância da idiomaticidade e a composicionalidade como os fatores que mais caracterizam

este grupo de expressões, que aliados às teorias semântica, pragmática e etimológica, melhor esclarecem alguns aspectos comuns às expressões idiomáticas.

Palavras-chave: Composicionalidade. Etimologia. Expressões Idiomáticas. Idiomaticidade. Pragmática. Semântica.

ABSTRACT

The issue presented by the idiomatic expressions is, for many researchers and academics, evidence against the omnipotence of the syntactic and semantic theories, and in favor of a new perspective which better clarifies the behavior of these expressions. Traditionally, idiomatic expressions were defined as fixed blocks of words which had an also fixed meaning, and distinct from the composed meaning of its parts. However, from the late 60's according to Fraser's researches, studies which approached the compositional character of the idiomatic expressions appeared. They were based on two main aspects: (1) some expressions allow that the order of their elements be altered, that is, they allow syntactic flexibility and (2) some expressions allow the addition of new words, the suppression of parts of their structure or the substitution of their elements, without the alteration of their idiomatic meaning, that is, respecting the lexical flexibility. This new perspective passed, then, to assign new characteristics for the group of idiomatic expressions, among them, idiomaticity and compositionality which, by their turn, constitute essential factors for the expressions' adequate observation. According to this new approach, an interface among Semantics, Pragmatics and Etymology Theories was established, with the intention of better describing the behavior of idiomatic expressions and their characteristics. In this sense, the present research aims to prove the compositional nature of the implied meaning of these expressions, through the etymologic investigation about the origin of the idiomatic expressions' creation, and also, to clarify how factors such as idiomaticity and compositionality can influence the comprehension of the implied meaning of these expressions, as it is described by Fernando (1996) and Pitt and Katz (2000). Moreover, this study aims to illustrate aspects in favor of the Pragmatics Theory, which is capable of describing and explaining, in a more adequate way, the idiomatic expressions in real situations of communication, to prove that these expressions' idiomatic meaning is more easily understood when in real contexts of usage, through Grice's Implicatures Theory (1975). Therefore, the study consists in a bibliographical research with empirical observations concerning the behavior of idioms. Besides, it analyses a sample consisted of 18 idioms with the objective of illustrating the proposal of this research. So, it seems that idiomaticity and compositionality are the factors which characterize this group of expressions the most, which, together with the semantics, pragmatics and etymologic theories, better clarify some aspects common to idiomatic expressions.

Keywords: Compositionality. Etymology. Idiomatic Expressions. Idiomaticity. Pragmatics. Semantics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – As operações permitidas em cada nível da Escala da Hierarquia de Rigidez de Frase.....	23
Tabela 2 – Os estágios para a formação de uma expressão idiomática.....	50
Tabela 3 – A escala de idiomaticidade.....	52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A representação do significado das expressões idiomáticas.....	22
Figura 2 – A escala da hierarquia de rigidez de Fraser.....	23
Figura 3 – A representação sintática do significado das expressões idiomáticas.....	28
Figura 4 – As variações permitidas por uma expressão idiomática.....	57
Figura 5 – As variações das expressões idiomáticas e sua influência nas características destas expressões.....	58
Figura 6 – Os graus de idiomaticidade e de composicionalidade das expressões idiomáticas.....	96

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O ESTADO DA ARTE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	18
2.1	DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	18
2.2	UMA NOVA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	30
2.3	UMA DEFINIÇÃO PARA AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	46
3	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: IDIOMATICIDADE E COMPOSICIONALIDADE NA INTERFACE SEMÂNTICO- PRAGMÁTICA	49
3.1	AS CARACTERÍSTICAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	49
3.2	FATORES PRAGMÁTICOS E A COMPREENSÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	65
3.3	AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E A TEORIA DAS IMPLICATURAS DE GRICE.....	84
4	A ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DA LÍNGUA INGLESA: A INTERFACE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA-ETIMOLÓGICA	93
4.1	CRITÉRIOS NORTEADORES DA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	93
4.2	A ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE ACORDO COM A TEORIA DAS IMPLICATURAS DE GRICE.....	99
4.3	RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ANÁLISES.....	144
5	CONCLUSÃO	148
	REFERÊNCIAS	156
	ANEXOS	161

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da evolução das línguas, muitos estudos surgiram para analisar os fatos que envolvem suas organizações e estruturações, sejam eles sob as perspectivas fonológica, sintática, semântica, pragmática, etimológica ou mesmo histórica. Dentre os vários fenômenos estudados, encontram-se as expressões idiomáticas, que se constituem num aspecto bastante interessante e intrigante na formação das línguas.

Cacciari e Tabossi (1993) acreditam na existência de três razões principais que demonstram a importância destas expressões. A primeira delas é sua universalidade, ou seja, estão amplamente difundidas no campo lingüístico de um dado idioma. A segunda razão envolve o surgimento do significado de uma expressão idiomática. De acordo com as autoras, estas expressões surgem no uso cotidiano da linguagem natural e sua criação demonstra novos conceitos sobre o mundo, descreve novas maneiras de os indivíduos construírem modelos mentais acerca do mundo e indica formas inovadoras de propagar estas idéias. E, por fim, o terceiro motivo é a facilidade que os falantes nativos de um idioma possuem para utilizar este grupo de termos expressivos, já que lidam com o sentido literal dos vocábulos e com o significado idiomático de expressões sem qualquer tipo de problema na comunicação.

Porém, as expressões idiomáticas não são um consenso para as abordagens que analisam as estruturas lingüísticas, tendo em vista as diferentes posições de teóricos que pesquisaram seu comportamento. Características diversas foram apontadas ao longo do tempo, na tentativa de descrever e elucidar traços obscuros deste grupo de expressões. Entre as características mais comuns elencadas para as expressões idiomáticas, estão a opacidade do seu significado¹, a rigidez estrutural apresentada por elas, a ausência da composicionalidade do seu sentido e sua convencionalidade.

Além disso, as expressões idiomáticas podem ser utilizadas dentro de um contexto informal ou de acordo com padrões formais de um idioma, embora suas raízes estejam ligadas a alguma situação motivacional que deu origem à sua criação. Tais características podem ser observadas através dos exemplos a seguir:

¹ As palavras 'significado' e 'sentido' serão utilizadas como sinônimos na presente pesquisa.

- (1) *I heard Jack has a new job and he is earning good money.* (informal)
(2) *By and large, your plan is good.* (formal)

A opacidade do significado de uma expressão idiomática pode ser mais facilmente observada através do exemplo (2), já que o sentido da expressão é aparentemente imprevisível, ou seja, ele não corresponde à soma dos significados de suas partes. Para um aprendiz da língua inglesa este fenômeno pode ser de extrema importância, já que mesmo que ele conheça o sentido de cada uma das palavras e que também seja capaz de aplicar as devidas regras gramaticais do idioma, é possível que ele não tenha competência comunicativa para compreender os exemplos. A saber, *earn good money* significa ‘ganhar muito dinheiro’ e *by and large* significa ‘de modo geral’.

A rigidez estrutural deste tipo de expressão se dá pelo fato de que algumas expressões idiomáticas não permitem nenhum tipo de alteração em sua estrutura, nem tampouco qualquer tipo de substituição lexical, que acarretaria na perda de seu sentido idiomático.

Por sua vez, a ausência do traço composicional para a formação do sentido figurado das expressões idiomáticas está intimamente relacionada com a opacidade de seu significado. Portanto, pode-se afirmar que quanto maior o grau de opacidade do significado de uma expressão idiomática, menor será a composicionalidade de seu sentido idiomático. Tal afirmação pode ser observada nos exemplos acima, onde a expressão do exemplo (1) é mais facilmente compreendida do que a expressão do exemplo (2). A expressão *earn good money* apresenta menor opacidade de sentido, e, portanto, possui maior composicionalidade na formação do seu significado, ao passo que a expressão *by and large* apresenta maior opacidade e menor composicionalidade na formação do seu significado figurado.

Já a convencionalidade destas expressões se dá pelo fato do seu sentido figurado ser institucionalizado, ou seja, as expressões idiomáticas são formas de expressão que surgem a partir de uma situação motivacional que dá origem ao seu sentido figurado, e que, ao longo do tempo, se tornam parte do vocabulário de uma determinada língua.

Dessa maneira, de acordo com as teorias tradicionais, as expressões idiomáticas eram definidas como expressões fixas, que possuem características específicas e que se comportam de maneira distinta das demais expressões de uma língua.

Teóricos como Smith (1925), Roberts (1944), Weinreich (1969), Fraser (1970), Makkai (1972), Katz (1973) e Chomsky (1980) compreendem a primeira etapa das pesquisas acerca do comportamento de tais expressões e defendem que as expressões idiomáticas são como blocos rígidos de palavras que possuem um significado igualmente fixo e distinto do significado composto a partir da soma de suas partes.

Porém, no final da década de 60, surgiram estudos que abordavam o caráter composicional das expressões idiomáticas com base nos seguintes fatos: (1) algumas expressões idiomáticas permitem que a ordem de seus elementos seja alterada (flexibilidade sintática) e (2) algumas expressões idiomáticas aceitam o acréscimo de novas palavras ou a substituição de seus elementos, sem que o sentido idiomático seja alterado (flexibilidade lexical).

Fraser (1970) é o primeiro pesquisador a explorar o caráter variável e transformacional das expressões idiomáticas e suas descobertas são bastante relevantes. Segundo ele, a estrutura das expressões idiomáticas pode permitir mudanças diferenciadas, já que algumas expressões permitem a mudança para a voz passiva, outras permitem o movimento do objeto direto, ao passo que outras não permitem qualquer tipo de alteração na sua estrutura.

A partir de seus apontamentos, surge uma nova tendência de análise das expressões idiomáticas. Autores como Nunberg (*apud* Nunberg *et al.*, 1994), Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Nunberg *et al.* (1994), Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000) passam a observar o comportamento deste grupo de expressões a partir de uma perspectiva que considera, então, duas características principais: a composicionalidade do seu sentido idiomático e a idiomaticidade de uma dada expressão.

Assim sendo, o foco de trabalho deste estudo se dá na análise do processo de compreensão do significado não-literal das expressões idiomáticas considerando-se o surgimento deste significado figurado de uma expressão idiomática e seu comportamento diacrônico, na tentativa de verificar se a composicionalidade ainda se encontra presente no significado da expressão idiomática atualmente e se a permanência do traço composicional contribui para que os falantes compreendam mais facilmente o sentido de uma expressão idiomática.

A partir disso, as questões norteadoras a serem testadas nesta pesquisa são cinco:

1. As pesquisas tradicionais caracterizam as expressões idiomáticas como entidades fixas, que apresentam um sentido opaco e ilógico;
2. Estudos recentes indicam haver a presença de novas características para este grupo de expressões, como, por exemplo, a possibilidade de realizar mudanças estruturais e também de acrescentar ou suprimir vocábulos da expressão;
3. Existem duas características principais para as expressões idiomáticas: a composicionalidade e a idiomaticidade, que num grau maior ou menor, formam o sentido idiomático de uma expressão;
4. As expressões idiomáticas em seu uso podem ser mais facilmente compreendidas através da interface semântico-pragmática, que relaciona as características atribuídas para estas expressões com o contexto situacional em que elas são utilizadas, ou seja, a relação entre o que é dito e o que é implicado melhor caracteriza a natureza do significado de uma expressão idiomática.
5. A contribuição do traço etimológico auxilia o processo de compreensão do significado implícito de uma expressão idiomática e ilustra a natureza composicional da formação das expressões idiomáticas.

Portanto, é fundamental referir que esta pesquisa consistirá num estudo essencialmente teórico cujo objetivo é analisar a origem do significado das expressões idiomáticas e sua respectiva evolução diacrônica, através do traço composicional do seu significado e do fenômeno da idiomaticidade. Tal metodologia se justifica através de observações empíricas das diversas pesquisas analisadas.

Assim, a pesquisa está estruturada da seguinte forma: o segundo capítulo apresenta o estado da arte das abordagens acerca das expressões idiomáticas, ou seja, um panorama histórico das pesquisas realizadas ao longo do tempo é traçado com o objetivo de contextualizar a problemática que envolve estas expressões.

No terceiro capítulo, as principais características apontadas para as expressões idiomáticas são explicitadas, de acordo com a teoria semântica. Além disso, questões pragmáticas, que auxiliam o falante a compreender o sentido de uma expressão idiomática, são também trazidas a fim de elucidar o processo de utilização de uma dada expressão.

No quarto capítulo, é feita uma análise das expressões idiomáticas de acordo com as perspectivas semântica, pragmática e etimológica, com o objetivo de contrastar a composicionalidade no momento da criação da expressão idiomática com o significado atribuído a ela atualmente, na tentativa de verificar se ainda há alguma influência do significado literal original no sentido dado às expressões idiomáticas na atualidade.

Tal análise é realizada com um *corpus* formado por 18 expressões idiomáticas do inglês. O critério de seleção das expressões integrantes do *corpus* se deu através da presença delas nos dicionários utilizados neste estudo.

Por fim, as conclusões deste trabalho são apresentadas ao final da pesquisa, bem como uma listagem com todas as expressões idiomáticas da língua inglesa utilizadas, acompanhadas da sua tradução para a língua portuguesa, no intuito de auxiliar o leitor em possíveis dúvidas que possam surgir ao longo da leitura. É importante salientar, que, juntamente com a tradução das expressões idiomáticas, são apresentados também, os significados originais dos vocábulos das expressões idiomáticas a fim de fornecer subsídios suficientes para a análise realizada no terceiro capítulo.

Espera-se que as discussões que serão levantadas ao longo desta pesquisa possam ajudar na compreensão dos aspectos que causam dificuldade durante o processo de aquisição deste grupo de expressões. Tal conhecimento poderá ser útil para os que lidam com o ensino de língua estrangeira e concordam que as expressões idiomáticas se constituem num dos vários desafios desta tarefa.

2 O ESTADO DA ARTE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

“If natural language had been designed by a logician, idioms would not exist.”

Philip Johnson-Laird, 1993, pag. vii

Este capítulo visa contextualizar a natureza das expressões idiomáticas, bem como ilustrar a problemática que, historicamente, acompanha estas expressões. Deste modo, neste primeiro capítulo é apresentado um panorama histórico de algumas pesquisas realizadas até a atualidade, apontando características pertencentes às expressões idiomáticas. Além disso, a questão da composicionalidade do significado não-literal de uma expressão idiomática e o fenômeno da idiomatidade são delineados. Por fim, uma definição das expressões idiomáticas utilizada ao longo da pesquisa é explicitada.

2.1 DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

O que se segue nesta seção é a apresentação das primeiras pesquisas realizadas acerca do comportamento das expressões idiomáticas, que tinham por objetivo definir o que são expressões idiomáticas, através de uma perspectiva diacrônica. Dentro deste espectro, os principais problemas, bem como as principais características que envolvem a definição das expressões idiomáticas são apontadas.

Para Smith (1925), um dos primeiros teóricos a estudar a dinâmica das expressões idiomáticas, em *Words and Idioms*, uma expressão idiomática é definida como uma forma de expressão, uma construção gramatical, que é peculiar a uma língua e é aprovada pelo seu uso, embora seu significado seja diferente do sentido gramatical e lógico do idioma². Para o autor, tal definição permite classificar muitas expressões, diferentes em seu grau de unidade semântica e na sua estrutura, como sendo expressões idiomáticas.

Seus estudos focam as peculiaridades estruturais das expressões idiomáticas nas relações estabelecidas dentro de uma língua, chamadas de idiossincrasias e, também, contemplam as peculiaridades estabelecidas entre diferentes línguas, definidas como transgressões idiomáticas.

² Nesta pesquisa, as palavras ‘idioma’, ‘língua’ e ‘linguagem’ são utilizadas como sinônimos.

Ibidem (1925) expressões idiomáticas são aquelas formas de expressão específicas de uma língua, sem importar se elas possuem um sentido figurado ou não. O autor fornece uma variedade de combinações de palavras, consideradas, de acordo com sua definição, expressões idiomáticas. São elas: verbo e partícula/preposição ou expressões adverbiais (ex. *at hand, by far, on hand, of late...*) até a grande quantidade de verbos frasais (ex. *keep down, set up, put through...*).

Vale referir ainda que o mesmo autor acrescenta uma subclasse de expressões idiomáticas, chamada de colocações habituais que inclui expressões corriqueiras, como por exemplo, *heart and soul, bag and baggage e milk and honey*, entre outras. Inclui, também, nesta subclasse, as citações familiares, como, por exemplo, *as plain as a pike staff*, e ainda os provérbios, por exemplo, *out of sight* ou *out of mind*, entre outros.

Em seu livro, Smith defende a idéia de que algumas expressões idiomáticas quebram regras da gramática e da lógica das línguas, definindo o fenômeno como ‘transgressões idiomáticas’. São exemplos de quebra das regras gramaticais as expressões *It’s me, who did you see?* e *try and go*, e como exemplos da quebra da lógica das línguas *to keep one’s head above the water* e *curry favour*. Assim, estas expressões formam uma classe particular, já que fogem ao padrão gramatical do idioma e possuem um sentido não-literal e ilógico.

Smith (1925) defende que algumas das expressões que compõem o grupo das transgressões idiomáticas são figurativas, como é o exemplo de *to sail too near the wind*, enquanto outras são semi-opacas, chegando até aquelas consideradas totalmente opacas, devido a sua natureza obscura, como por exemplo, *to curry favour, to Peter out, to go to the whole dog*, entre outras.

Através destas observações do autor, poder-se-ia inferir que Smith não acreditava no fenômeno da composicionalidade, já que ele categoriza algumas expressões como tendo um significado opaco e de natureza obscura, desconsiderando a possível contribuição do sentido original das palavras para a formação do significado idiomático da expressão. Outro ponto contra o traço composicional do significado figurado das expressões idiomáticas, é o fato de Smith afirmar que as expressões idiomáticas quebram as regras da gramática e da lógica das línguas, e que elas apresentam, portanto, um sentido ilógico.

Alguns anos mais tarde, Roberts (1944) define, em suas pesquisas, que expressões idiomáticas são expressões peculiares a uma língua em contraste a outra, e que elas apresentam diferenças no uso em línguas diversas. O ponto importante de seu estudo é a comparação entre as línguas através da perspectiva da lingüística comparativa e o estabelecimento de peculiaridades e características pertencentes às expressões idiomáticas.

O autor defende o processo de convencionalização, através do paradigma da dicotomia de Saussure entre *langue* / *parole*. Ele acredita que a criatividade individual (*parole*) se torna parte do sistema comum de elementos (*langue*) que compõem a língua. Então, toda expressão idiomática é resultado de uma inovação pessoal em um determinado período do tempo. Uma expressão criada, logo, pode ser adotada por uma comunidade e se torna uma institucionalização, para se tornar parte do vocabulário daquela comunidade.

Outro autor que também observa a natureza das expressões idiomáticas e faz importantes considerações acerca de seu comportamento é Katz (Katz e Postal, 1963 e Katz, 1973). Ele acredita que a característica clássica das expressões idiomáticas seja o seu significado completo e único. Katz afirma que o sentido de uma expressão idiomática não surge através da função composicional do significado dos elementos constituintes da expressão em questão. Ele postula que não se pode inferir o significado figurado de uma expressão idiomática a partir do sentido de cada um de seus constituintes semânticos. Afirmção que vai ao encontro das idéias de Smith (1925) já apresentadas.

Por sua vez, Weinreich (1969) faz uma análise formal utilizando a teoria, o modelo e a terminologia da gramática gerativa (*Transformational Generative Grammar*). O autor postula que somente expressões formadas por mais de um vocábulo se constituem em expressões idiomáticas, mas nem todas as expressões compostas são aceitas como expressões idiomáticas.

Uma das características das expressões idiomáticas é a sua potencial ambigüidade, que surge a partir do sentido de suas partes em determinados contextos discursivos. Em outras palavras, *Op. Cit.* (1969) ressalta que, o significado não-literal surge da combinação do significado literal das palavras que, então, funciona como uma expressão idiomática semanticamente indivisível. Para o autor, as expressões *spick and span*, *blow to kingdom come* e

*by and large*³ não são classificadas como expressões idiomáticas porque o significado de suas partes não poderia ser utilizado na linguagem usual, já que estas expressões não respeitam as regras da gramática.

Então, pode-se afirmar que, a partir da afirmação do autor, uma expressão só é considerada idiomática se apresentar um sentido não-literal e sua contra-parte, seu significado literal. Em outras palavras, pode-se inferir que uma expressão idiomática pode ser utilizada por um falante em duas situações diferentes: a primeira com o seu sentido composicional e a segunda utilizando seu significado idiomático. Tal ambigüidade é que seria um traço fundamental para definir quais expressões pertencem ou não ao grupo das expressões idiomáticas.

Weinreich (1969) define que uma expressão idiomática é uma unidade fraseológica que envolve, no mínimo, dois constituintes polissêmicos e onde há uma seleção contextual recíproca dos seus subsentidos. Um exemplo de expressão idiomática, segundo ele, é *by heart*. O autor analisa a expressão da seguinte maneira: a 'memória' do coração não tem relação semântica com o coração sendo o órgão que bombeia o sangue. O subsentido da expressão *by heart* que é 'de memória' aparece como o resultado da relação de co-ocorrência entre *by* e *heart*, e somente quando estas duas palavras ocorrem juntas é que surge seu significado idiomático. Por exemplo, a expressão *from heart*, não é considerada uma expressão idiomática. Logo, a co-ocorrência de *by* e *heart* forma uma unidade fraseológica com um significado especial que é 'de memória'.

Um ponto bastante interessante nos estudos de Weinreich é a apresentação de uma fórmula para diferenciar as expressões idiomáticas de unidades linguísticas não-idiomáticas, através da violação do princípio da composicionalidade⁴ semântica: Observe a figura a seguir:

³ Os exemplos que constam neste estudo estão propositadamente em inglês para que o leitor compreenda, de forma mais clara, o sentido das expressões idiomáticas da língua inglesa, que são o objeto de pesquisa do presente trabalho. Todas as expressões idiomáticas utilizadas estão listadas e traduzidas no final do estudo com o objetivo de esclarecer dúvidas quanto aos seus significados implícitos.

⁴ O princípio da composicionalidade será apresentado no capítulo 3 desta pesquisa.

O destaque de suas pesquisas se dá na exploração do potencial transformacional das expressões idiomáticas, que segundo o autor, pode diferir bastante. Fraser propõe, então, uma escala de hierarquia de rigidez com o objetivo de capturar as possíveis diferenças estruturais das expressões idiomáticas. Observe a escala de hierarquia proposta pelo autor, logo abaixo:

- L6 – Irrestrito
- L5 – Reconstituição
- L4 – Extração
- L3 – Permutação
- L2 – Inserção
- L1 – Adjunção
- L0 – Rigidez completa / Totalmente congelada

Figura 2 – A escala da Hierarquia de Rigidez de Fraser
 Fonte: Fraser (1970:22)

Através da proposta de Fraser, é possível distribuir as expressões idiomáticas num *continuum*, desde as mais flexíveis (L6) até aquelas totalmente rígidas (L0), observando possíveis operações sintáticas no funcionamento das expressões idiomáticas.

Neste ponto, torna-se importante exemplificar quais operações são permitidas em cada nível e visualizar um exemplo de expressão idiomática que poderia sofrer tal modificação. Observe a tabela seguinte:

Tabela 1 – As operações permitidas em cada nível da Escala da Hierarquia de Rigidez de Fraser

NÍVEL	OPERAÇÃO PERMITIDA	EXEMPLOS
L6 – Irrestrito	Qualquer tipo de operação sintática	Não há EIs neste nível
L5 – Reconstituição	A reorganização da estrutura da EI	Who <u>let the cat out of the bag</u> ? <u>It was let out</u> by George.
L4 – Extração	A retirada de um elemento da expressão	Who <u>let the cat out of the bag</u> ? <u>It was let out</u> by George. (... of the bag)

Tabela 1 – As operações permitidas em cada nível da Escala da Hierarquia de Rigidez de Fraser

NÍVEL	OPERAÇÃO PERMITIDA	EXEMPLOS
L3 – Permutação	A troca de posição entre os objetos direto ou indireto	He <u>bought the oranges up</u> from all the groves. He <u>bought up</u> all the oranges from the groves and drove up the price.
L2 – Inserção	A adição de um constituinte não idiomático	She <u>didn't spill a single bean</u> .
L1 – Adjunção	A nominalização geruntiva; o acréscimo de genitivo 's.	John <u>kicked the bucket</u> . <u>John's kicking the bucket</u> made everybody sad.
L0 – Rigidez completa	Nenhuma operação é permitida.	<u>Face the music</u> . <u>By and large</u> your plan is good.

Fonte: adaptada de FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. **Foundations of language**. Cambridge, v. 6, p. 22-42, 1970.

Há dois pontos interessantes no estudo de Fraser: o primeiro deles consiste na possibilidade de uma expressão idiomática do nível 4, por exemplo, aceitar as operações dos níveis inferiores. Desse modo, se a expressão *let the cat out of the bag* está classificada em L4, significa que essa expressão pode, mas não necessariamente, deve aceitar as transformações concedidas nos níveis L3, L2 e L1. O segundo ponto relevante é o fato de Fraser reconhecer que falantes nativos de uma mesma língua podem atribuir operações distintas às expressões idiomáticas, ou seja, os falantes nativos da língua inglesa, podem, por exemplo, não concordar com as mesmas operações sintáticas aplicadas a uma determinada expressão.

É importante ressaltar neste ponto as singularidades apresentadas por cada teórico elencado nesta perspectiva histórica sobre as expressões idiomáticas. O primeiro autor a trazer contribuições acerca do comportamento das expressões idiomáticas é Smith (1925). Em suas pesquisas, ele afirma que uma expressão idiomática é uma forma específica de uma determinada língua sem levar em consideração se tal expressão apresenta um sentido figurado. Para Smith, então, basta uma expressão ter seu *status* dentro de um idioma, que ela está classificada como sendo uma expressão idiomática. Ainda, o autor postula que a característica mais importante destas expressões é o fato de elas quebrarem os padrões gramaticais e lógicos de uma língua.

Roberts (1944), que segue a linha de pesquisa de Smith, também acredita que uma expressão idiomática é uma forma peculiar existente em uma língua em contraste a outra. Sua contribuição se dá através das observações acerca do surgimento e do uso de uma expressão idiomática. O autor faz uma pesquisa dentro dos parâmetros da lingüística comparativa e acredita que o surgimento de uma expressão se dá em um determinado ponto do tempo e se torna uma institucionalização, para então fazer parte do discurso de uma comunidade, de uma linguagem.

Tal afirmação permite relacionar o surgimento de uma expressão idiomática com o traço composicional dos vocábulos que compõem a expressão. Afinal, se num determinado momento histórico, um falante cria uma expressão que utiliza alguma motivação situacional, os vocábulos desta expressão carregam uma forte característica composicional. A partir disto, é possível concluir que as expressões idiomáticas apresentam, sim, traços composicionais nas palavras que as compõem, que estão diretamente relacionadas com o momento de sua criação. A análise das expressões idiomáticas *versus* a natureza composicional das mesmas, que é foco de estudo neste trabalho, será analisada no capítulo 3 desta pesquisa.

Por sua vez, Katz (Katz e Postal, 1963 e Katz, 1973) e Weinreich (1969) também não acreditam na natureza composicional do significado figurado das expressões idiomáticas. Katz *Op. Cit.* afirma que uma expressão idiomática tem um sentido completo e único e *Ibidem* (1969) faz uma análise formal ilustrando que tais expressões não seguem o princípio da composicionalidade semântica. Segundo Katz:

[...] any constituent's meaning is a compositional function of the meanings of its parts and thus, ultimately, its morphemes. Idioms are the exceptions that prove this rule. Locutions like 'shoot the breeze', 'stir up trouble' [...] make no sense whatever if construed compositionally⁶. (Katz, 1973: 35).

Fraser (1970) é que parece ser o pioneiro em apresentar possíveis mudanças estruturais nas expressões idiomáticas. Segundo ele, o número de vocábulos que constituem uma expressão idiomática não importa, mas sua escala de rigidez é um marco importante dentro dos estudos teóricos sobre este grupo de expressões.

⁶ “O significado de qualquer constituinte se dá em função da composicionalidade do sentido de suas partes, e, portanto, de seus morfemas. As expressões idiomáticas são as exceções para a comprovação desta regra. Expressões como *shoot the breeze*, *stir up trouble* (...) não fazem sentido se interpretadas composicionalmente.”

Outro pesquisador que analisa a questão do significado das expressões idiomáticas é Makkai (1972). O autor defende a tese de que o significado de uma expressão idiomática não é previsível a partir da soma de suas partes constituintes, que são vazias de seus significados usuais, e acredita que existam dois tipos de expressões idiomáticas, que são as de decodificação e as de codificação.

As expressões de codificação receberam pouca atenção do teórico, e são definidas como sendo aquelas que veiculam uma informação complexa de uma forma simples e breve. Além disso, são aquelas formas que representam idiosincrasias ou irregularidades de acordo com o padrão do idioma. Exemplos deste tipo de expressão idiomática fornecida pelo autor é o uso de *nothing loath* e *easy does it*.

Já as expressões de decodificação, que receberam grande parte da atenção dos estudos de Makkai, apresentam semelhança entre a construção do seu sentido figurado e o seu significado literal. Por exemplo, a expressão *spill the beans* apresenta uma certa relação com o cenário de ‘derramar os feijões’, onde o fato de cometer a indiscrição (seu sentido idiomático) descreve a cena ilustrada através do sentido original dos vocábulos. Além disso, as expressões idiomáticas de decodificação são divididas em dois subgrupos: os lexemas e os sememas.

O primeiro subgrupo, dos lexemas, envolve os verbos frasais (*bring up, get away with,...*), as expressões do nosso cotidiano (*fly off the handle, rain cats and dogs...*), os binômios irreversíveis (*salt and pepper, bag and baggage...*), os compostos frasais (*blackmail, high-handed...*) e as pseudo-expressões idiomáticas (*spick and span, kith and kin...*).

Por sua vez, o subgrupo dos sememas inclui os provérbios (*don't count your chickens before they are hatched*), as citações familiares (*not a mouse stirring*), as estruturas institucionalizadas de caráter formal (*May I...?* com a entoação interrogativa para substituir a frase *I want to ...*) e as hipérboles (*I wasn't too crazy about him* ou *he won't even lift a finger*).

Makkai (1972) refere ainda que a diferença entre os lexemas e os sememas se dá no traço funcional de cada subgrupo. Os sememas, em oposição aos lexemas, possuem um papel interpessoal, um sentido que está correlacionado com significados culturalmente pragmáticos e institucionalizados dentro de uma língua e de uma cultura e veiculam mensagens de cuidado, atenção, solicitações, avaliações, entre outras.

A partir de suas pesquisas e apontamentos, pode-se afirmar que *Ibidem* (1972) adota conceitos e classificações associados à gramática tradicional e que o uso de modelos específicos faz de seu estudo um exemplo de metodologia formal para analisar as expressões idiomáticas. O autor oferece um grupo de critérios precisamente estabelecidos para identificar as expressões idiomáticas, suas categorias e subgrupos, baseado nas suas diferenças funcionais e estruturais.

Cabe ressaltar que o mesmo autor refere que, para uma expressão ser considerada como expressão idiomática, ela precisa ter, no mínimo, dois itens lexicais independentes e precisa apresentar duplicidade de sentido, ou seja, uma expressão idiomática, para *Idem* (1972), necessita apresentar seu sentido idiomático sem deixar de apresentar seu significado literal. Caso uma expressão não possa ser utilizada com seu significado literal, ela é excluída do domínio da idiomaticidade, e não é considerada uma expressão idiomática.

Observe a definição de expressão idiomática fornecida pelo autor em seu livro:

A form of expression, grammatical construction, phrase etc., peculiar to a language; a peculiarity of phraseology approved by the usage of a language, and often having a significance other than its grammatical or logical one.⁷ (Makkai, 1972: 4).

Outro importante estudioso que também analisa a questão do significado das expressões idiomáticas é Chomsky (1980). Em seus estudos acerca do comportamento da linguagem, ele não acredita na contribuição do traço composicional para a formação do sentido não-literal das expressões idiomáticas. Segundo Chomsky, expressões idiomáticas o são já que seu significado é não composicional, ou seja, as partes de uma expressão não esgotam a totalidade de seu significado.

O autor delinea a diferença entre as seqüências não-idiomáticas e as expressões idiomáticas através da perspectiva sintática. Segundo Chomsky (1982) as expressões idiomáticas são diferentes das unidades lingüísticas não-idiomáticas pelo fato de serem tratadas como estruturas X^0 , ou seja, são definidas como blocos fixos de palavras semelhantes aos demais itens lexicais⁸, conforme se pode observar na figura seguinte, que ilustra tal afirmação:

⁷ “Uma forma de expressão, uma construção gramatical, uma expressão, etc. peculiar a uma língua e aprovada pelo seu uso e que freqüentemente apresenta um significado diferente do que o gramatical e lógico do idioma”.

⁸ Por estruturas X^0 entende-se a categoria mais baixa na representação arbórea, isto é, a categoria do item lexical. Para maiores esclarecimentos acerca da teoria, consulte Chomsky, 1982 e Webelhuth, 1995.

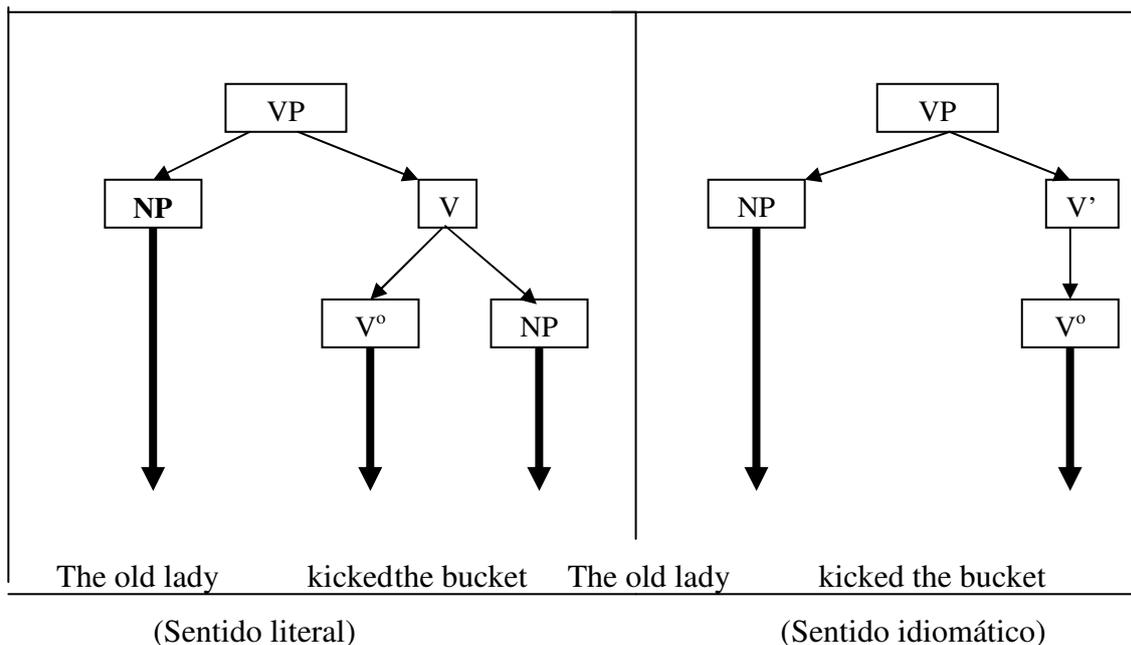


Figura 3 – A representação sintática do significado das expressões idiomáticas
 Fonte: Chomsky (1982:76)

A partir do exposto até então, pode-se afirmar que a idiomaticidade surge a partir do uso de palavras específicas em usos peculiares, que ao longo do tempo se tornam estereotipadas na língua. Os primeiros estudos sobre as expressões idiomáticas apresentados nesta pesquisa parecem ter como traço comum o fato de que o sentido destas expressões é fixo, ou seja, o significado idiomático de uma expressão, na maioria dos exemplos citados até então, parece não ter relação com o significado composicional de seus elementos constituintes.

Uma definição de expressão idiomática que ilustra a idéia defendida pelos autores mencionados nesta pesquisa até o presente momento pode ser ilustrada através das conclusões apresentadas por van der Linden (van der Linden, 1992): “The traditional definition of an idiom states that its meaning is not a function of the meanings of its parts and the way these are syntactically combined; that is, an idiom is a noncompositional expression.”⁹ (van der Linden, 1992:223)

Tal definição corrobora com as idéias apresentadas, já que, conforme citado anteriormente, Smith (1925) acredita que o sentido não-litera de uma expressão idiomática é diferente do significado gramatical e lógico de um idioma. Roberts (1944), por sua vez, define

⁹ “A definição tradicional de expressão idiomática postula que seu sentido não é uma função do significado de suas partes e da maneira como elas estão sintaticamente combinadas; ou seja, uma expressão idiomática é uma expressão não-composicional”.

as expressões idiomáticas como sendo o resultado de um processo de convencionalização, através do qual as expressões se tornam institucionalizadas, se tornam parte do vocabulário de uma comunidade. Katz e Postal (1963) defendem a idéia de que elas possuem um sentido completo e único. Para Weinreich (1969) as expressões idiomáticas são formadas por mais de um vocábulo e necessitam apresentar ambigüidade de sentido para serem consideradas como idiomáticas. Fraser (1970), também citado anteriormente, postula que a interpretação de uma expressão idiomática não é formada pelo sentido composicional de suas partes, embora reconheça várias mudanças estruturais no comportamento destas expressões. Makkai (1972) define que o significado de uma expressão idiomática não é previsível a partir da soma de suas partes constituintes, que são vazias de seus sentidos usuais. Chomsky (1980) por fim, afirma que as expressões idiomáticas possuem idiomaticidade justamente por possuírem um significado não-composicional, exemplificado através da teoria sintática.

Desse modo, de acordo com as pesquisas descritas, pode-se inferir que as expressões idiomáticas são como metáforas mortas, já que a motivação metafórica que deu origem ao significado implícito de uma expressão idiomática pode vir a desaparecer ao longo do tempo, fazendo com que a expressão tenha um significado obscuro e que, em grande parte dos exemplos, não corresponda ao padrão gramatical de uma língua.

Ainda, o traço mais característico de uma expressão idiomática pode ser identificado como a integridade lexical. Na maioria dos exemplos extraídos dos autores já referidos ao longo deste texto, uma expressão idiomática não pode ser alterada ou ter uma palavra sinônima substituída na sua composição original. Elas são caracterizadas pela maneira como se comportam nas línguas, com sua composição fixa, e pelo fato de não obedecerem a determinadas regras sintáticas e semânticas das mesmas.

Por exemplo, a expressão idiomática *by and large* é composta por uma preposição, uma conjunção aditiva e um adjetivo, violando assim, a regra da coordenação, que prevê a ligação de estruturas isomorfas. Outro exemplo é a expressão *kick the bucket*, cuja transformação para a voz passiva altera, imprevistamente, o sentido idiomático assegurado na voz ativa:

- (3) *The old man kicked the bucket. (The old man died = sentido idiomático)*
- (4) *The bucket was kicked by the old man. (Sentido idiomático inexistente)*

Fraser (1970) faz constatações inovadoras ao descrever possíveis alterações na estrutura das expressões idiomáticas. Sua escala de hierarquia que caracteriza o maior ou o menor grau de rigidez destas expressões é um ponto importante a ser ressaltado no percurso histórico das pesquisas sobre as expressões idiomáticas.

Posteriormente, Cacciari (1993) sugere três possíveis justificativas para o fato de as primeiras pesquisas apontarem a propriedade não-composicional para as expressões idiomáticas. São elas: (a) as palavras que compõem uma expressão idiomática parecem ser semanticamente vazias e apenas o sentido global da expressão é interpretado; (b) o armazenamento destas expressões na memória é semelhante ao das demais unidades lexicais, ou seja, as expressões idiomáticas estão, possivelmente, contidas no léxico como os substantivos compostos (ou unidades lexicais de múltiplas palavras); e (c) o fato de a não-composicionalidade ser a principal característica que distingue as expressões idiomáticas de outros grupos, como, por exemplo, as expressões metafóricas.

Através destas constatações, Cacciari (1993) apresenta sua perspectiva sobre as expressões idiomáticas e defende o fato de que estas expressões apresentam graus de composicionalidade. E uma vez consideradas composicionais, as expressões idiomáticas não mais se comprometem com a rigidez estrutural e passam a serem estudadas sob novos aspectos, como o da flexibilidade estrutural e o da produtividade sintática e semântica, conforme mostra a seção seguinte.

2.2 UMA NOVA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Apesar das evidências apresentadas contra a composicionalidade das expressões idiomáticas, conforme ilustrado na seção anterior, o surgimento de novas pesquisas indica que as expressões idiomáticas apresentam o traço composicional na formação do seu significado idiomático. Assim sendo, o que se segue é a apresentação de algumas pesquisas que passam a considerar tal característica como um fator importante na formação e na compreensão do significado idiomático destas expressões.

Baseado na hierarquia de Fraser, Numberg (*apud* Nunberg *et al.*, 1994¹⁰) parece ser o primeiro pesquisador a dar continuidade aos estudos sobre as possíveis alterações permitidas em determinadas expressões e relaciona a natureza composicional do sentido das expressões idiomáticas articulando o processamento destas expressões a um *continuum* de composicionalidade, sugerindo que certas expressões possam ser interpretadas composicionalmente, enquanto outras preservam seu caráter não-composicional.

Seguindo esta perspectiva, Gross (1982) desenvolveu um estudo sintático formal e, mediante um levantamento de dados sobre as possíveis estruturas de uma expressão idiomática, concluiu que é possível detectar variações de caráter sintático nestas expressões. Fato este que vai ao encontro das observações de Fraser (1970) e de sua hierarquia de rigidez e *Loc. Cit.* (1994). Ele ainda ressalta variações no nível do sujeito, do tempo verbal, do modo do verbo, do advérbio de tempo, das inserções de advérbio entre o verbo e o complemento e algumas alterações lexicais.

Através destas constatações de *Op. Cit.* (1982), pode-se inferir que ele considera o fenômeno da idiomatidade relacionado com a questão composicional; afinal, se mudanças sintáticas são permitidas, sem que haja perda de sentido de uma expressão idiomática, então a idiomatidade de uma dada expressão apresenta graus de composicionalidade na formação de seu sentido figurado.

Cérmak (1988) também utiliza a abordagem estrutural sobre as expressões idiomáticas e argumenta que todas as pesquisas sobre o comportamento de tais expressões requerem a análise das relações sintagmáticas e paradigmáticas, dentro e fora destas expressões. O autor postula que os conceitos de ‘paradigma’ e ‘sintagma’ são aplicáveis a todos os níveis da língua e não exclusivamente a morfologia ou a sintaxe e propõe, então, uma nova definição para as expressões idiomáticas, baseada na função que desempenham as suas partes constituintes e não no seu significado, posto que o sentido de uma expressão nunca surge antes da utilização de todos seus itens constituintes conforme a combinação dentro de um sintagma.

¹⁰ A fonte referida também consta em Cacciari (1993), Gibbs (1993, 1995), Glucksberg (1993), entre outros. Não foi possível o acesso direto a essa obra por se tratar de uma publicação avulsa.

Idem (1988) afirma também que é um contra-senso atribuir o caráter não-composicional às expressões idiomáticas, conforme a definição tradicional, e, ao mesmo tempo, procurar os sentidos individuais de suas partes ou as possíveis transformações em sua estrutura interna. Cérnak (1988) postula que o fato de procurar atribuir sentido para cada componente de uma expressão já é, por si só, um indício de que tais expressões possuem um traço composicional na formação de seu significado, bem como reconhecer possíveis mudanças em sua estrutura também se constitui em tal crença.

Autores como Gibbs e Nayak (1989) estendem os estudos de Fraser (1970) e classificam as expressões idiomáticas em dois grupos distintos: as composicionais (ou decomposicionais) e as não-composicionais. No grupo das composicionais, os autores incluem as expressões cujos componentes possuem referentes figurados que contribuem para a interpretação do significado idiomático de uma expressão. Observe o exemplo que segue:

(5) *The young girl spilled the beans about the surprise party.*

Pode-se perceber através da frase acima que cada um dos elementos da expressão *spill the beans* possui um referente figurado individual, a saber: *spill* significa ‘revelar’ e *the beans* significa ‘o segredo’ (observe que estes sentidos pertencem ao significado figurado da expressão, e não aos seus sentidos literais que seriam ‘derramar os feijões’, respectivamente).

Já no grupo das expressões não-composicionais, os elementos que compõem a expressão idiomática são semanticamente vazios e parecem não intervir na interpretação do sentido idiomático. É o caso da expressão *by and large*, cuja combinação (preposição + conjunção + adjetivo) viola as restrições sintáticas e semânticas da língua, o que impede a interpretação do sentido literal da expressão, restando, apenas, o seu sentido global e idiomático.

É interessante, nesse ponto, registrar a posição de Flores d’Arcais (1993) em relação à composicionalidade das expressões idiomáticas. O autor argumenta que a tentativa de se decompor uma expressão idiomática acarreta a perda de seu significado idiomático. Ou seja, a partir do momento em que a expressão “*spill the beans*” é decomposta, por exemplo, não se está mais lidando com o sentido global da mesma, mas com o sentido figurado das palavras que a compõem.

Nesta mesma linha de pesquisa, Cacciari (1993) e Glucksberg (1993) também analisam o comportamento das expressões idiomáticas e atribuem o traço composicional para a formação do sentido figurado destas expressões. Os autores acreditam que as expressões idiomáticas composicionais são aquelas sintaticamente bem formadas e se constituem na grande maioria das expressões. Em contrapartida, as expressões idiomáticas não-composicionais são aquelas sintaticamente malformadas e que, portanto, possuem uma estrutura totalmente rígida. Além disso, os pesquisadores afirmam que estas se constituem num número inexpressivo de expressões, e não as incluem em pesquisas mais detalhadas.

Outro trabalho que apresenta conceitos inovadores sobre a composicionalidade das expressões idiomáticas é o artigo de Nunberg et al. intitulado *Idioms* (Nunberg et al., 1994). Nele, os autores analisam várias dimensões da idiomaticidade e sua relação com a teoria gramatical e concluem que o fenômeno da idiomaticidade é fundamentalmente semântico em sua natureza. Além disso, afirmam que ao definir que uma determinada expressão é uma expressão idiomática, um grupo de características surge:

(a) **Convencionalidade:** está ligada ao fato de o significado de uma expressão idiomática não ser previsível com base no conhecimento das regras sintáticas e semânticas de uma língua. Em outras palavras, seu significado figurado ou seu uso por um falante não pode ser previsto com base no conhecimento de convenções que determinam o uso de seus constituintes quando elas surgem em determinadas situações comunicacionais.

Combinações como *salt and pepper*, *bag and baggage*, e *body and soul*, são exemplos de convenções puramente sintáticas, pois apenas a ordem dos seus elementos é que ficou consagrada pelo uso. Já exemplos como *kick the bucket*, *shoot the breeze* ou ainda *go down the drain* são convenções sintáticas e semânticas, pois além da ordem, também o sentido da expressão é estabelecido pelo uso da língua.

(b) **Inflexibilidade:** caracteriza a rigidez sintática e semântica das expressões idiomáticas. Conforme explicitado anteriormente, é pequeno o número de variações sintáticas permitidas por uma expressão idiomática e, em relação à flexibilidade lexical, é provável que nem mesmo palavras sinônimas possam substituir os elementos de uma expressão. Por exemplo, a expressão *shoot the breeze* parece não permitir a forma apassivada “*the breeze was shot*”. Logo, as expressões idiomáticas apresentam um número limitado de construções sintáticas e semânticas, e

estão, assim, em oposição às expressões que são compostas livremente dentro de uma língua. Um exemplo que pode ilustrar a inflexibilidade lexical das expressões idiomáticas é a substituição do vocábulo 'bucket' por 'pail' no exemplo seguinte (6), que acarreta a perda do sentido idiomático da expressão no exemplo (7):

(6) *He was very sick and kicked the bucket last night.*

(7) ? *He was very sick and kicked the pail last night.*

(c) **Figuração:** corresponde às figuras de linguagem que estão subentendidas na formação das expressões idiomáticas. Por exemplo, a metáfora na expressão *take the bull by the horns*, a metonímia na expressão *lend a hand*, *count heads*, a hipérbole no exemplo *not worth the paper it's printed on* e outras formas de linguagem figurada que estão envolvidas na formação do sentido das expressões idiomáticas.

(d) **Proverbialidade:** decorre do fato de as expressões idiomáticas descreverem uma situação que se repete num contexto social com um objetivo particular em virtude da semelhança ou da relação envolvida. Ou seja, as expressões idiomáticas são tipicamente utilizadas para descrever uma situação recorrente ou de interesse social em virtude de sua semelhança ou relação com o cenário envolvido. São exemplos as expressões *climbing walls*, *as easy as a pie*, *like taking candy from a baby* e também *spilling beans*.

(e) **Informalidade:** caracteriza o estilo coloquial das expressões idiomáticas. Embora estas expressões também sejam utilizadas no discurso formal, a sua origem está vinculada à cultura popular e ao discurso oral, por isso o seu caráter informal.

(f) **Afeto:** representa a posição ou o sentimento do falante diante da situação descrita, ou seja, o uso de uma determinada expressão idiomática implica numa avaliação ou define um traço afetivo sobre o que ela denota. Sabe-se que, por exemplo, *to kick the bucket*, *to pass away* e *to die* têm significados semelhantes, mas não se pode considerá-los sinônimos idênticos. O sentido idiomático de *kick the bucket* possui uma conotação (a propriedade do afeto) que, para Nunberg *et al.* (1994), inviabiliza o exemplo a seguir:

(8) *I just listened that the President of the United States kicked the bucket because he had a terrible accident.*

Nunberg e outros (1994) acrescentam que a presença de todas estas propriedades não é obrigatória em todas as expressões idiomáticas. Segundo os pesquisadores, algumas expressões, por exemplo, não envolvem a figuração, como *by dint of*. Além disso, nem todas as expressões idiomáticas possuem um sentido literal e outro figurado, como é o caso de *at sixes and sevens* e *come true*. A única característica que parece ser obrigatória, de acordo com os autores, é a convencionalidade, já que a construção do significado das expressões idiomáticas não se dá através dos padrões semânticos da linguagem.

Os autores postulam ainda que, para explicar adequadamente a estrutura e o funcionamento das expressões idiomáticas, é necessário observar suas propriedades semânticas, os processos figurativos que são inerentes a estas expressões e as funções discursivas que elas geralmente expressam. Somente depois de todo este processo, é que se poderia, então, elucidar as propriedades específicas de cada expressão idiomática. De acordo com sua teoria, Nunberg *et al.* (1994) descrevem então as três propriedades semânticas que envolvem a natureza do significado das expressões idiomáticas.

A primeira propriedade semântica das expressões idiomáticas apresentada pelos autores é a sua relativa convencionalidade, ou seja, o grau de convencionalização das expressões é determinado pela discrepância entre o significado idiomático da expressão e o sentido que o falante poderia prever para a expressão se ele fosse consultar somente as regras que determinam os significados dos constituintes isolados e as operações da composicionalidade semântica.

A segunda propriedade semântica está relacionada com o grau de opacidade (ou de transparência) da expressão idiomática. Pode-se dizer que a opacidade é a facilidade, ou não, de se recuperar a motivação que deu origem ao sentido figurado da expressão idiomática. Quanto maior seu grau de transparência, mais fácil é a recuperação do seu sentido original.

E a terceira propriedade semântica envolve a questão da composicionalidade. Em outras palavras, pode-se afirmar que o sentido de uma expressão idiomática, uma vez já conhecido para um falante, pode ser analisado sob a perspectiva da contribuição das partes que compõem a expressão. E a partir disto, Nunberg *et al.* dividem as expressões idiomáticas em dois grupos: as

‘expressões combinadas idiomáticamente’ (*Idiomatically combining expressions*) e os ‘sintagmas idiomáticos’ (*Idiomatic Phrases*).

Os autores postulam que no grupo das expressões que apresentam idiomaticidade, as partes constituintes das expressões carregam sentidos que podem ser relacionados com o significado da expressão idiomática. Além disso, o contexto possibilita ao falante fazer as inferências necessárias para estabelecer as relações entre os constituintes. Observe a frase:

(9) *John was able to pull strings to get the job, since he had a lot of contacts in the industry.*

Através deste exemplo, é possível inferir que o significado da expressão *pull strings* é ‘aproveitar ou explorar as relações sociais’ com um objetivo prévio, já determinado. Dentro de um contexto comunicacional, onde as informações contextuais acerca da situação são conhecidas pelos participantes da conversa, o falante seria capaz de estabelecer as correspondências entre as partes constituintes da estrutura da expressão idiomática com seu sentido denotativo (ou seja, as conexões de aproveitar ou explorar alguém) e as partes constituintes da própria expressão (*pull* e *strings*) de uma maneira que cada elemento será relacionado metaforicamente a um elemento da interpretação. Assim, a expressão idiomática é analisada sob uma perspectiva composicional.

Os autores acrescentam que afirmar que uma expressão é do tipo *Idiomatically combining expression* não requer maiores explicações de como cada elemento da expressão ganha seu significado idiomático, mas é necessário apenas apontar a relação entre seus elementos e o sentido idiomático. Desta maneira, quando um falante ouve a expressão *spill the beans*, por exemplo, utilizada com seu sentido figurado de ‘divulgar uma informação ou um segredo’, ele assume que *spill* denota a relação de ‘divulgação’ e *beans* é a informação revelada.

Um ponto importante ressaltado por Nunberg *et al.* (1994) é a questão da impossibilidade de substituir itens lexicais das expressões idiomáticas. Segundo os autores, ainda não é possível apontar com clareza quais são os motivos que não permitem tal operação, mas parece para os pesquisadores que a disponibilidade dos significados idiomáticos de cada constituinte pode ser dependente da presença dos dois elementos da expressão. Assim, não é possível substituir o elemento *beans* por ‘*lentils*’, que acarreta a perda do sentido idiomático da expressão, bem como a presença do verbo *spill* é necessária para a concretização do significado figurado da mesma.

Tal fenômeno é definido como uma dependência semântica dos elementos de uma determinada expressão idiomática, nos estudos de Nunberg *et al.* (1994).

Já no grupo dos ‘sintagmas idiomáticos’ (*Idiomatic Phrases*), os pesquisadores afirmam apenas que eles se constituem numa classe bem menor e que sua interpretação não pode ser distribuída entre suas partes. São exemplos de sintagmas idiomáticos as expressões *saw logs*, *kick the bucket* e *shoot the breeze*. Desse modo, pode-se concluir que *Ibidem* (1994) não atribuem o traço composicional para este grupo de expressões e que o sentido delas é puramente arbitrário e convencional.

Os pesquisadores também apresentam em seu artigo a análise semântica das *Idiomatically Combining Expressions* com argumentos a favor da composicionalidade do significado destas expressões idiomáticas. Em primeiro lugar, Nunberg *et al.* (1994) elencam que partes de algumas expressões podem ser modificadas, sem que haja perda do significado figurado da expressão. Em segundo lugar, postulam que partes de expressões podem ser quantificadas, como é possível observar nos exemplos abaixo:

(10) *touch a couple of nerves*

(11) *We could try to pull yet more strings so that John could get a new job.*

Afirmam também que algumas expressões idiomáticas permitem serem enfatizadas através do processo de topicalização, conforme os exemplos a seguir:

(12) *Those strings, he wouldn't pull for you.*

(13) *His closets, you might find skeletons in.*

Do mesmo modo, partes de expressões idiomáticas podem ser omitidas em construções elípticas, como se pode observar:

(14) *My goose is cooked, but yours isn't.*

(15) *We thought the bottom would fall out of the housing market, but it didn't.*

Através destes exemplos, Nunberg *et al.* (1944) postulam que as mudanças parecem afetar somente parte do sentido da expressão. *Touch a couple of nerves*, no exemplo 10 não

possui exatamente o mesmo significado da expressão idiomática original *touch a nerve a couple of times*. Mas o fato de poder quantificar os nervos idiomáticamente, segundo os autores, indica que alguma parte do sentido figurado da expressão é identificável com o novo sentido dado para a expressão idiomática no exemplo em questão.

Além disso, os pesquisadores afirmam que não faria sentido enfatizar partes de expressões idiomáticas, como nos exemplos 12 e 13, se estas partes não tivessem sentidos identificáveis com seu uso idiomático.

Finalmente, sobre os exemplos 14 e 15, os autores postulam que se os antecedentes dos elementos que estão elípticos nos exemplos correspondem a unidades semânticas, então eles podem ser pedaços de uma interpretação. Já que os antecedentes dos exemplos são partes de expressões idiomáticas, o que se segue é que porções destas devem possuir algum tipo de interpretação própria.

Nunberg *et al.* (1944) concluem a pesquisa afirmando que a distinção que se faz entre os dois tipos de expressões idiomáticas, *Idiomatically combining expressions* e *Idiomatic phrases* é somente um primeiro passo para traçar as correlações que existem entre a análise semântica e os processos lexicais. Os autores sugerem que os processos de passivização, a possibilidade de modificação e quantificação interna e a possibilidade da referência pronominal ou da elipse de parte da expressão são propriedades que sugerem o traço da idiomaticidade.

Além disso, defendem que a distinção entre os dois tipos de expressões pode fornecer somente uma parte característica da intrigante distribuição da interpretação do significado idiomático. Fatores interativos, relacionados com a natureza da função discursiva de construções específicas e os elementos que permeiam as diversas combinações idiomáticas, também têm um papel muito importante. Por fim, os pesquisadores acreditam que uma teoria que contemplasse todo este panorama requeriria formulações sobre a semântica e a pragmática de exemplos de expressões idiomáticas, mostrando como suas interpretações, idiomática e literal, estão relacionadas.

Para tanto torna-se importante salientar, a partir de todas as referências aqui abordadas, que o objetivo desta pesquisa é estudar as relações entre a forma como as expressões idiomáticas surgiram e sua evolução diacrônica, analisando a composicionalidade no surgimento da

expressão e o estado atual da expressão idiomática, de acordo com a teoria semântica e dentro de uma perspectiva pragmática. Para tal objetivo, ainda se faz necessário delinear outras pesquisas que corroboram com a idéia da contribuição do significado composicional e idiomático deste grupo de expressões.

Fernando (1996) também apresenta idéias inovadoras em seu livro *Idioms and Idiomaticity*. A autora acredita que as expressões idiomáticas foram negligenciadas ao longo do tempo, já que outras funções da linguagem receberam mais atenção dos teóricos. Ela afirma que grande parte das pesquisas se concentrou na forma, no significado, em detrimento das suas funções discursivas. Entretanto, a duplicidade de sentido destas expressões só é completamente explicada através das funções discursivas da língua.

Desse modo, a pesquisadora apresenta, ao longo de sua obra, as funções que as expressões idiomáticas possuem e mostra como elas são utilizadas pelos falantes de uma língua. A tese de seu livro é defender o princípio de que quando os usuários de um idioma produzem discurso, eles geralmente combinam o novo com o convencional. E aí surge uma das motivações para a utilização de uma expressão idiomática, e, segundo a autora, o ponto de vista de como as pessoas utilizam as palavras é muito mais esclarecedor do que, simplesmente, categorizá-las de acordo com uma teoria.

Op. Cit. (1996) faz então uma breve revisão da literatura e apresenta as três características mais freqüentemente elencadas para definir o que é uma expressão idiomática. A primeira característica apontada é o fato de a expressão ser composta, ou seja, uma expressão idiomática é comumente aceita como um tipo de expressão com várias palavras, embora poucos teóricos aceitem vocábulos isolados. A segunda característica é a institucionalização do sentido de uma expressão idiomática. Em outras palavras, elas são expressões convencionalizadas e o resultado final, seu sentido figurado, se constitui numa novidade, numa criação dos usuários de uma comunidade e de uma língua. Finalmente, a terceira característica é a opacidade semântica que é apresentada através do sentido não-literal dos vocábulos que compõem uma expressão idiomática. Sabe-se que o significado de uma expressão idiomática não se dá pela soma do sentido literal de seus constituintes.

A seguir, *Ibidem* (1996) postula que as expressões idiomáticas estão intimamente relacionadas com o fenômeno da idiomaticidade e que embora os dois itens sejam bastante

semelhantes, não são a mesma coisa. Ela refere ainda que a natureza das expressões idiomáticas e da idiomaticidade é a mesma, ou seja, elas são criadas a partir da co-ocorrência habitual de palavras específicas. A diferença se dá no fato de as expressões idiomáticas envolverem um horizonte menor de ocorrências do que a idiomaticidade. Assim, pode-se inferir que todas as expressões idiomáticas apresentam idiomaticidade, mas o contrário não ocorre, nem todas as combinações de palavras que carregam idiomaticidade são expressões idiomáticas.

Op. Cit. (1996) afirma que somente as expressões que se tornam convencionalmente fixas, apresentam uma ordem específica e possuem uma forma lexical determinada, ou apresentam uma gama restrita de variações, adquirem o *status* de expressão idiomática. E elas são, portanto, as expressões que estão listadas nos dicionários de expressões idiomáticas, como, por exemplo, *bread and butter*, *curry favour*, *the coast is clear*, *as good as gold*, *guess what?*, *while the cat is away*, *the mice will play* e outras.

Em contrapartida, as combinações que mostram um relativo grau de variabilidade, especialmente em relação à substituição lexical de seus vocábulos, como na expressão *catch a bus* ou *catch a plane* ou ainda *catch a train*, não são classificadas como expressões idiomáticas, embora elas exemplifiquem o fenômeno da idiomaticidade. Ou seja, elas apresentam idiomaticidade em virtude da co-ocorrência habitual em que elas são usadas pelos usuários de um idioma. Sabe-se que *catch* significa ‘estar a tempo de pegar’ que co-ocorre com um meio de transporte, formando o sentido global da expressão, que é conseguir subir/entrar no ônibus, no avião ou em qualquer meio de transporte em questão.

Dessa maneira, a pesquisadora define em seu livro que expressões idiomáticas são unidades individuais onde seus componentes não podem ser alterados ou substituídos e permitem variações estruturais pequenas. Além disso, nem todas as expressões são regulares gramaticalmente, como em *nothing loath*, *footloose and fancy free* e *beside oneself*, entre outras. Por fim, elas apresentam também idiomaticidade.

Porém, o fato de algumas expressões idiomáticas apresentarem possíveis mudanças na sua estrutura, indica, de acordo com a autora, que há uma necessidade de se organizar estas expressões numa escala de idiomaticidade. Segundo Fernando, (1996) alguns autores como Cowie e Mackin (1975), Cowie *et al.* (1983) e Alexander (1984), entre outros, utilizaram escalas para demonstrar a idiomaticidade elencando subclasses de expressões idiomáticas. Tal fato é

possível de ser verificado através dos autores apresentados nesta pesquisa, como Smith (1925), Fraser (1970), Makkai (1972), Gibbs e Nayak (1989) e ainda em Nunberg *et al.* (1994).

Passim (1996) introduz uma escala que define graus de idiomaticidade das expressões idiomáticas e de expressões habituais, objetivando delinear a diferença destes dois tipos de expressões. A escala apresentada pela mesma autora fará parte do capítulo três deste trabalho, onde o foco será a questão da composicionalidade e do fenômeno da idiomaticidade das expressões idiomáticas.

Ainda, Fernando (1996) elenca, em sua obra, quatro fatores que colaboram para a criação e formação do ‘*status*’ de expressões idiomáticas para algumas expressões e não para outras. O primeiro fator é a necessidade da expressão composta estar de acordo com as regras gramaticais do idioma, embora existam algumas exceções, como *long time no see*, *waste not*, *want not*, *White lie*, e outras, que consistem num grupo pequeno e foram convencionalizadas pelo seu uso. O segundo é a invariância ou a rigidez das palavras que compõem a expressão. Em terceiro lugar, aparece a não-literalidade do sentido das palavras da expressão idiomática, que é dividida em graus. E, o quarto fator é definido como os ‘códigos culturais’ que são capturados pela expressão e estão relacionados com algum fenômeno proeminente do consciente coletivo.

A partir destes fatores, a autora delinea graus de variabilidade da estrutura e de não-literalidade do sentido das expressões idiomáticas. São eles:

1. Completamente fixas e semanticamente não-literais
2. Possibilidade de algumas mudanças gramaticais
3. Poucas variações lexicais
4. Mudanças irrestritas e sentido semiliteral

Finalmente, *Op. Cit.* (1996) divide as expressões idiomáticas em três grupos, de acordo com suas características: as expressões idiomáticas puras ou ‘*pure idioms*’, as semi-expressões idiomáticas ou ‘*semi idioms*’ e as expressões idiomáticas literais ou ‘*literal idioms*’.

As expressões idiomáticas puras são aquelas expressões formadas por mais de um vocábulo, sua forma é convencionalizada e seu sentido é não-literal. Um exemplo deste tipo de expressão é *spill the beans*, que apresenta contraste entre seu significado literal e figurado, que

não tem qualquer ligação com ‘feijões’. O sentido global da expressão idiomática surge como um todo e é ‘cometer uma indiscrição’ ou ‘revelar um segredo’.

Já o segundo grupo, chamado de semi-expressões idiomáticas, possui um ou mais constituintes com significado literal e, no mínimo, um subsentido não-literal, geralmente peculiar àquela relação de co-ocorrência e a mais nenhuma outra. Um exemplo deste grupo é a expressão *catch one's breath*, que significa recuperar o fôlego da respiração e não literalmente, agarrar a respiração.

E as expressões idiomáticas literais apresentam invariância ou variação restrita quanto à sua forma. Entretanto, são semanticamente menos complexas do que os grupos apresentados anteriormente. São exemplos, *on foot*, *on the contrary*, *a (very) happy birthday*, *a merry Christmas*, *a happy new year*, entre outros.

Assim, a pesquisadora conclui que a possibilidade da substituição lexical e da reorganização da estrutura de uma expressão idiomática causa uma certa aflição para as taxonomias em todas as áreas da linguagem, e faz com que as expressões idiomáticas se constituam num intrigante campo de estudo. Além disso, estas expressões não podem ser categorizadas como inflexíveis, já que algumas mudanças são permitidas, contribuindo para que o universo lingüístico das expressões idiomáticas seja bastante diversificado.

Por fim, Fernando (1996) afirma ainda que a escala de graduação, sugerida por ela, que distribui as expressões idiomáticas num *continuum* de idiomaticidade, é a melhor maneira de acomodar tal diversidade lingüística. Além disso, a escala possibilita discutir tipos lexicais semelhantes, tal como as colocações habituais, que não são expressões idiomáticas, embora apresentem algumas características semelhantes.

Ainda dentro da perspectiva da contribuição da idiomaticidade para a formação do sentido de uma expressão idiomática, bem como para uma melhor compreensão de sua organização estrutural, Pitt e Katz (2000) delineiam um novo arcabouço teórico para explicar o funcionamento destas expressões.

Em seu artigo *Compositional Idioms*, os autores argumentam que a intencionalidade do falante e a produtividade lingüística devem ser levadas em consideração quando se analisa uma

expressão idiomática. Portanto, uma teoria pragmática adequada deve elucidar as questões relevantes dentro do contexto situacional onde uma expressão é utilizada. Além disso, uma teoria semântica deve ser capaz de fornecer os subsídios necessários para ilustrar possíveis mudanças ou substituições lexicais que possam ocorrer quando um falante usa uma expressão idiomática em seu discurso.

Pitt e Katz (2000) realizam então vários testes que analisam o comportamento destas expressões dentro da sua nova perspectiva. Eles afirmam que fatores como a composicionalidade, a idiomaticidade, a intencionalidade do usuário da linguagem e a capacidade produtiva de um idioma são fatores muito importantes para uma compreensão adequada do funcionamento das expressões idiomáticas. *Ibidem* (2000) também fornecem três características acerca das expressões idiomáticas:

1. As expressões idiomáticas são composicionais porque seus constituintes contribuem com o seu significado individual para a totalidade do sentido da expressão;
2. Elas são idiomáticas porque sua interpretação envolve a atribuição de um sentido outro que não é o fornecido nas entradas lexicais dos dicionários (para cada um dos seus vocábulos) e sua estrutura sintática tem características diversas;
3. E as expressões idiomáticas são decomposicionais porque seus significados possuem partes próprias e específicas que não possuem o sentido literal dos seus constituintes sintáticos.

Além disso, eles acrescentam a descoberta de um fenômeno sobre o comportamento das expressões idiomáticas, que é a combinação da composicionalidade e da idiomaticidade. *Ibidem* (2000) defendem, ainda, a idéia de que a formação do significado composicional do sentido e a interpretação adequada de uma expressão idiomática são capazes de descrever satisfatoriamente tais expressões.

Por fim, Pitt e Katz (2000) concluem seus estudos elencando três grupos de expressões compostas, que estão organizadas em função da natureza do seu sentido. Observe a divisão apresentada pelos autores:

1. Uma expressão sintaticamente complexa E é totalmente composicional se o sentido de E e de cada subconstituente sintático de E é uma função dos significados dos elementos de E e de suas relações sintáticas.
2. Uma expressão sintaticamente complexa E é uma expressão idiomática do tipo standard se o sentido de E não é uma função dos significados dos elementos em E e de suas relações sintáticas.
3. Uma expressão sintaticamente complexa E é uma expressão idiomática composicional se o significado de E não é totalmente composicional, mas é uma função dos significados dos elementos de E e de suas relações sintáticas.

Assim, pode-se inferir que o primeiro grupo definido está relacionado com as expressões compostas livremente num idioma, já que o significado delas é totalmente composicional. Um exemplo deste tipo de expressão pode ser observado a seguir:

(16) *Edward kicked the pail yesterday and broke his leg.*

No exemplo supra referido, o uso da expressão *kick the pail* é totalmente composicional, ou seja, basta somar os sentidos das palavras que compõem a expressão para se ter o significado total da mesma. Em outras palavras, pode-se definir tal grupo contendo expressões compostas não-idiomáticas.

Outro exemplo de expressão que ilustra o segundo grupo descrito pelos autores é a seguinte frase:

(17) *By and large, your plan is good.*

Neste exemplo, o uso da expressão idiomática *by and large* não apresenta traços composicionais para a interpretação do seu significado. Assim, ela se torna uma expressão sintaticamente complexa e o seu significado não se dá em função da soma do sentido de seus vocábulos.

Finalmente, o último grupo descrito por Pitt e Katz (*Op. Cit.*) é ilustrado no exemplo seguinte:

(18) *There is a surprise party for Heidi on Wednesday. Please, don't spill the beans.*

Através deste exemplo, é possível inferir o significado da expressão em questão se o contexto da situação for considerado. Se há uma festa surpresa, tal fato não deve ser divulgado. Suposição que está de acordo com o sentido idiomático da expressão. Logo, ela se constitui numa expressão sintaticamente complexa, já que seu significado não é totalmente composicional, mas é uma função dos sentidos de seus elementos e de suas relações internas.

A partir do exposto até então, é possível observar as diversas teorias que objetivam traçar as características das expressões idiomáticas, sempre considerando a questão da natureza composicional do seu significado figurado. Gross (1982) faz uma análise sintática formal para analisar o comportamento de tais expressões e observa possíveis variações sintáticas das expressões. Seus apontamentos vão ao encontro das descobertas de Fraser (1970) e de sua escala de hierarquia de rigidez. Cérnak (1988) também realiza um estudo de acordo com a abordagem estruturalista da linguagem e conclui que é necessário analisar as relações paradigmáticas e sintagmáticas da língua para conseguir atribuir adequadamente as funções das expressões idiomáticas. Além disso, ele atribui o traço composicional para o significado destas expressões como melhor forma de compreendê-las.

Por sua vez, Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993) e Nunberg *et al.* (1994) dividem as expressões idiomáticas em dois grupos, a partir da presença ou não, do traço composicional do seu significado e os autores também apontam características acerca de seu funcionamento. Fernando (1996) apresenta idéias novas sobre a questão da idiomaticidade e fornece uma escala de idiomaticidade para distribuir as expressões idiomáticas num *continuum* que melhor descreve o comportamento de tais expressões. Por fim, Pitt e Katz (2000) atribuem quatro características principais pertencentes ao grupo das expressões idiomáticas: a composicionalidade, a idiomaticidade, a intencionalidade do usuário da linguagem e a capacidade produtiva de um idioma.

A partir destes apontamentos, na próxima seção é apresentada a definição de expressão idiomática que será utilizada nesta pesquisa para fins metodológicos.

2.3 UMA DEFINIÇÃO PARA AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Através do panorama histórico apresentado anteriormente nesta pesquisa, é possível observar a variedade de conceitos que envolvem a definição de uma expressão idiomática. Parece claro que a primeira etapa dos estudos acerca do comportamento de tais expressões valoriza demasiadamente o traço indivisível e ilógico que as expressões idiomáticas possuem. Pesquisadores como Smith (1925), Roberts (1944), Katz e Postal (1963), Katz (1973), Weinreich (1969), Makkai (1972) e Chomsky (1980 e 1982) não atribuíam o caráter composicional da formação do sentido de uma expressão idiomática, mas, ao contrário, afirmavam que tais expressões são blocos fixos de palavras que possuem um significado ilógico e único.

Fraser (1970) parece demarcar uma divisão histórica acerca de tal crença. Suas pesquisas sobre as mudanças estruturais que são permitidas em algumas expressões idiomáticas e sua escala da hierarquia de rigidez são importantes descobertas que alteraram o curso das investigações posteriores. Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Nunberg et al. (1994), Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000) trazem novas perspectivas de análise. Surgem, então, dois novos fenômenos que passam a ser vistos com maior ênfase: a composicionalidade do sentido das expressões idiomáticas e o fator da idiomaticidade.

Dentro de tal perspectiva, as expressões idiomáticas, nesta pesquisa, serão analisadas de acordo com as considerações de Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000) que contemplam a questão da idiomaticidade e da composicionalidade.

Assim sendo, para fins metodológicos, expressões idiomáticas são definidas como formas de expressão, que possuem um alto grau de idiomaticidade na formação de seu sentido figurado. Além disso, a composicionalidade de seus componentes ajuda o falante a inferir seu significado idiomático e mostra alguns indícios do motivo pelo qual algumas expressões permitem certas mudanças estruturais, ao passo que outras são invariáveis.

A partir do que foi exposto até então neste capítulo, é possível afirmar que o grupo das expressões idiomáticas se constitui num desafio para as teorias que analisam aspectos da linguagem. Pode-se inferir que a problemática destas expressões decorre do fato de elas se

constituírem num bloco antes considerado rígido, e que muitas vezes, violam regras sintáticas e semânticas das línguas.

No que tange à sintaxe, sabe-se que a formação da voz passiva, por exemplo, na maioria dos casos, não altera o significado de uma dada estrutura. Esta regra, porém, parece não valer para grande parte das expressões idiomáticas, conforme ilustram os exemplos 3 e 4 descritos anteriormente. No âmbito da semântica, as expressões idiomáticas parecem violar o princípio da composicionalidade, isto é, o significado de uma expressão idiomática não corresponde à somatória dos sentidos de seus elementos, como mostram os exemplos 5, 6, 9 e outros já explicitados.

Dentro de uma perspectiva diacrônica, foram apresentadas algumas pesquisas cujo principal objetivo é descrever o que são as expressões idiomáticas e analisar o comportamento destas expressões. Pode-se inferir que as pesquisas indicam haver duas tendências de análise para o comportamento de tais expressões. A primeira delas, mais antiga e que serviu de base para futuras investigações, atribui o caráter arbitrário para o significado idiomático de uma expressão e considera sua estrutura como rígida. Autores que corroboram com tal afirmação são Smith (1925), Roberts (1944), Katz e Postal (1963), Katz (1973), Weinreich (1969), Makkai (1972) e Chomsky (1980 e 1982).

A segunda tendência, liderada por Fraser (1970), passa a observar as mudanças estruturais que certas expressões permitem e que indicam haver uma nova característica no comportamento das expressões idiomáticas. Afinal, se determinadas mudanças estruturais e até mesmo poucas substituições lexicais são permitidas, sem que haja perda do sentido idiomático de uma expressão, não se pode postular que seu sentido seja totalmente arbitrário. Em oposição a esta arbitrariedade, surge o conceito da composicionalidade semântica de uma expressão idiomática, que pode explicar porque algumas alterações são permitidas em determinadas expressões. Junto a ela, a questão da idiomaticidade cresce e também se torna um subsídio para explicar o surgimento do significado de uma expressão idiomática. Pesquisadores como Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Nunberg et al. (1994), Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000) ilustram tais conceitos.

Por fim, a definição de expressão idiomática que será utilizada ao longo desta pesquisa foi apresentada. Assim, no capítulo seguinte, o que se segue, é a apresentação dos dois fatores

elencados na definição de expressão idiomática. Portanto, será delineada a teoria da composicionalidade semântica e será apresentado o fenômeno da idiomaticidade.

3 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: IDIOMATICIDADE E COMPOSICIONALIDADE NA INTERFACE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA

“Idiomatic expressions are not a deviation from normal literal language. Instead, they are part and parcel of our language as we use it, as their pervasiveness clearly demonstrates.”
Tabossi e Jardon (1995, p. 281)

Este capítulo tem como objetivo descrever as principais características elencadas na conceituação das expressões idiomáticas: o fenômeno da idiomaticidade e o traço composicional do seu significado, ambos dentro do escopo semântico da linguagem. Além disso, são também explicitadas questões pragmáticas a fim de definir os fatores que influenciam a compreensão das expressões idiomáticas quando em situações reais de utilização.

3.1 AS CARACTERÍSTICAS DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

O que se segue, neste momento, é a apresentação das duas características apontadas na definição de uma expressão idiomática, respaldadas por pesquisas atuais e ilustradas com exemplos.

A idiomaticidade, primeira característica apontada na descrição das expressões idiomáticas nesta pesquisa, conquistou, recentemente, sua importância dentro da área das pesquisas linguísticas. Estudos de acordo com as perspectivas da psicolinguística, da semântica, da sintaxe, da psicologia, e até mesmo, da ciência da computação têm crescido e comprovado seu valor.

Tal interesse se justifica na medida em que as línguas, e entre elas o inglês, foco de estudo desta pesquisa, contêm milhares de expressões que possuem um significado que vai além daquele convencional, formado através da soma do sentido de suas partes constituintes. E este significado figurado, por sua vez, é de suma importância para que um falante seja capaz de compreender adequadamente todas as nuances da significação de um idioma.

Desse modo, a relação das expressões idiomáticas com a idiomaticidade é de importância fundamental, já que o significado deste grupo de expressões não é literal, conforme ilustrado no capítulo 1. Além disso, há um extenso número de expressões idiomáticas nas línguas e, de acordo com Spears (2004), existem mais de 24.000 expressões idiomáticas na língua inglesa. São exemplos as expressões *don't bite off more than you can chew*, *fall head over heels in love*, *go ahead and make my day!*, *kick the bucket*, *spill the beans*, entre várias outras.

Em seus estudos, Cacciari (1993) e Nunberg *et al* (1994) investigam o papel desempenhado pelas expressões idiomáticas dentro do funcionamento das línguas e afirmam que uma determinada estrutura não se torna, automaticamente, uma expressão idiomática, mas que ela vai gradativamente adquirindo seu grau de idiomaticidade. Além disso, através de suas pesquisas, os autores acreditam que o verdadeiro fenômeno da idiomaticidade é de natureza semântica.

De acordo com este princípio, *Ibidem* (1993) afirma, então, que existam estágios de formação para uma expressão idiomática e que a origem delas está relacionada com a criação de uma metáfora. Observe a tabela a seguir:

Tabela 2 – Os estágios para a formação de uma expressão idiomática

FASE	DESCRIÇÃO
1	Criação da metáfora; a metáfora é viva e criativa.
2	A metáfora já é familiar.
3	A metáfora já está cansada.
4	A metáfora já está morta e consta no dicionário como uma expressão idiomática.

Fonte: CACCIARI, Cristina. The Place of Idioms in a literal and metaphorical world. In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 27-56.

Através deste processo de formação do significado figurado de uma dada expressão, a mesma autora postula que o sentido idiomático não é arbitrário em relação ao sentido literal de uma expressão idiomática, e, portanto, que os elementos de uma expressão não podem ser considerados vazios de significado.

Tal afirmação acerca do surgimento do significado figurado de uma dada expressão idiomática, permite traçar uma relação entre a motivação que inspira a criação de uma expressão com o traço composicional do seu sentido não-literal. Afinal, se o sentido idiomático de uma expressão não é arbitrário, ele deve carregar, então, uma motivação composicional. Além disso, se os elementos de uma expressão não podem ser considerados vazios de significado, então, pode-se inferir que eles carreguem, também, graus de idiomaticidade do seu significado.

Gibbs (1995) também postula que as expressões idiomáticas possuem um alto grau de idiomaticidade, que é definido como a reinterpretação semântica de uma determinada expressão. O autor afirma que a idiomaticidade está ligada à noção de opacidade de uma expressão, ou seja, é a facilidade ou o grau de dificuldade apresentada por uma expressão idiomática durante a compreensão de seu sentido figurado.

Ibidem (1995) acrescenta que a complexidade das expressões idiomáticas indica haver um *continuum* de estruturação destas expressões, ou seja, algumas delas são consideradas rígidas, já que não permitem alterações estruturais, e, outras permitem algumas mudanças nas suas estruturas. Tal diversidade possibilita inferir que existam graus de idiomaticidade, e que pode haver uma relação entre a rigidez estrutural e o nível de idiomaticidade envolvida em uma expressão idiomática.

Outra pesquisadora, de suma importância no campo dos estudos lingüísticos, é Fernando (1996) que também acredita que uma das principais características das expressões idiomáticas seja o princípio da idiomaticidade, que segundo a autora, é definido como a co-ocorrência habitual das palavras. Em *Op. Cit.* (1996) é através da idiomaticidade que é possível se explicar como funciona uma importante parte do vocabulário das línguas e a questão da criação de novas estruturas com significados que, nem sempre, são literais.

O usuário de um idioma é sensível às combinações de palavras ou de expressões e ele é capaz de criar e utilizar tais combinações por várias razões. Talvez o principal motivo seja o fato do falante querer misturar o novo com o convencional, já que conforme afirma ainda Fernando, (1996) quando os usuários de uma língua produzem discurso, eles acrescentam novas estruturas àquelas já existentes no idioma. E as expressões idiomáticas situam-se dentro do grupo destas novas estruturas, já que apresentam um sentido figurado, que é diferente do significado literal das suas partes constituintes. O problema apresentado pelas expressões idiomáticas é a variedade

de estruturas que elas possuem, e que nem sempre respeitam as regras gramaticais e estruturais de uma língua.

Além disso, a pesquisadora acredita que a possibilidade de realizar algumas mudanças estruturais nas expressões idiomáticas indica a necessidade de se organizar uma escala de idiomaticidade, a fim de distribuir estas expressões num *continuum* para que se possa observar, com maior clareza, o funcionamento deste grupo de expressões.

Fernando (1996) apresenta, então, sua Escala de Idiomaticidade que distribui as expressões idiomáticas num *continuum* que esclarece o grau de variabilidade de algumas expressões e o descreve o traço léxico-gramatical das mesmas. Observe a Escala de Idiomaticidade criada pela autora:

Tabela 3 – A Escala de Idiomaticidade

Expressões Idiomáticas

I Expressões Idiomáticas Puras

a. Invariáveis e não-literais

Ex.: devil-may-care, backlash, chin wag, red herring, make off with, spick and span, smell a rat, the coast is clear, e outras.

b. Variação restrita e não-literais

Ex.: pitter-patter/pit-a-pat, take/have forty winks, seize/grasp the nettle, get/have/cold feet, e outras.

II Expressões Idiomáticas Semi-literais

a. Invariáveis

Ex.: drop names, catch fire, kith and kin, foot the bill, fat chance you've got, e outras.

b. Variação restrita

Ex.: chequered career/history, blue film/story/joke/gag/comedian, good morning/day, e outras.

III Expressões Idiomáticas Literais

a. Invariáveis

Ex.: on foot, one day; in sum; in the meantime; on the contrary; arm in arm; very important person; potato crisps; tall, dark and handsome; waste not, want not; happy New Year, e outras.

Tabela 3 – A Escala de Idiomaticidade

b. Variação restrita

Ex.: opt in favour of/for, for example/instance, in order to/that, happy/merry Christmas, e outras.

IV Expressões Idiomáticas Literais

a. Variação restrita e elementos opcionais

Ex.: abstain (from), (even) worse, worse (still), develop (from) (into), e outras.

Fonte: adaptada de FERNANDO, Chitra. **Idioms and Idiomaticity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Fernando acredita que a escala é a melhor forma de acomodar a diversidade apresentada pelas línguas de modo geral e, especificamente, em relação às expressões idiomáticas, pois permite analisar diferentes padrões lexicais. Pode-se observar que as expressões citadas na tabela mostram uma variedade de estruturas, que por sua vez, estão organizadas através dos tipos lexicais, modelo que, segundo a autora, é muito mais esclarecedor, já que explica como as pessoas utilizam as palavras, no caso as expressões idiomáticas.

De acordo com a Escala de Idiomaticidade, os primeiros itens da tabela (Ia) são expressões invariáveis e não-literais, enquanto que os próximos exemplos (Ib) mostram variação restrita embora seus significados sejam também não-literais. Ambos os grupos são definidos como Expressões Idiomáticas Puras já que apresentam um sentido totalmente idiomático, ou seja, figurado.

Já os exemplos IIa e IIb representam o traço invariável ou variável da estrutura da expressão e seus significados são considerados quase literais, daí sua classificação em Expressões Idiomáticas Semi-literais.

Os exemplos fornecidos no próximo grupo são definidos como Expressões Idiomáticas Literais e apresentam a seqüência estrutural invariável (IIIa) e variável (IIIb). Finalmente, as expressões idiomáticas do último grupo (IVa) são consideradas também como Literais e apresentam preposições, que embora sejam opcionais, geralmente co-ocorrem com os verbos em questão.

Pode-se afirmar, a partir da análise da Escala de Idiomaticidade, que as expressões idiomáticas estão distribuídas num *continuum* de idiomaticidade, que demonstra que quanto

maior é a liberdade de uma determinada expressão, seja em relação à substituição de itens lexicais ou em pequenas mudanças na sua estrutura, menor é o grau de idiomaticidade do seu significado. E, em contrapartida, quanto menor é a liberdade de uma determinada expressão, maior será o grau de idiomaticidade envolvido na formação do seu sentido figurado.

Portanto, pode-se inferir que o primeiro grupo, definido como Expressões Idiomáticas Puras, é o grupo que possui maior idiomaticidade, pois seu sentido não é formado a partir da soma dos significados de suas partes e apenas poucas mudanças estruturais são permitidas em algumas expressões.

Já o segundo grupo, das Expressões Idiomáticas Semi-Literais, apresenta um item com um significado não-literal que geralmente, só adquire este sentido especial na relação de co-ocorrência com o todo da expressão idiomática e em nenhum outro caso. Por exemplo, *foot* tem o sentido de ‘pagar’ somente quando co-ocorre com *the bill*. Outros exemplos são *drop names* e *catch one’s breath*, entre outras expressões.

O terceiro grupo, das Expressões Idiomáticas Literais, é semanticamente menos complexo do que as expressões idiomáticas puras ou semi-literais, já que seu sentido é mais facilmente reconhecido, apresentando, portanto, menor grau de idiomaticidade.

A partir destas observações feitas, pode-se concluir que Fernando (1996) acredita que a co-ocorrência das palavras é a base do fenômeno da idiomaticidade, e que, por sua vez, leva à formação das expressões idiomáticas puras, semi-literais ou literais. Além disso, o traço maior ou menor da idiomaticidade ilustra a resistência das expressões em diferentes graus, desde a possível substituição lexical até pequenas alterações estruturais de uma expressão ou, até mesmo, a rigidez apresentada por outras expressões.

Da mesma maneira, a não-literalidade do significado das expressões idiomáticas puras faz com que a perda do sentido literal das suas palavras constituintes se desenvolva ao longo do tempo e então, o resultado faz parecer que o significado externo é imposto à expressão como um todo, ou no caso das expressões semi-literais, faz com que determinados vocábulos desenvolvam um sub-sentido que é desencadeado em determinados contextos.

Fernando (1996) ainda faz mais algumas considerações acerca da estrutura léxico-gramatical das expressões idiomáticas. Ela acredita que as duas características mais importantes sejam a composição e a rigidez destas expressões. Em outras palavras, a pesquisadora afirma que quanto menor é a possibilidade de se substituir as palavras de uma expressão, mais forte é o seu *status* de unidade indivisível. *Smell a rat, make off with, pins and needles* e outros exemplos fornecidos, são estruturas invariáveis e estão no topo de qualquer escala que exemplifique a possibilidade de substituição lexical. Desse modo, as expressões idiomáticas puras, que estão no topo da escala de idiomaticidade, são expressões invariáveis, ou permitem variações pequenas, como por exemplo *burn one's boats/bridges*.

Além disso, a pesquisadora postula que se as expressões idiomáticas forem observadas somente em relação à sua rigidez, como em *fat chance you've got, all gone, arm in arm* ou em *on foot*, elas estão num nível mais elevado da escala do que expressões do tipo *give/have/get cold feet* ou *burn one's boats/bridges*, sem levar em consideração seu sentido semi-literal ou completamente literal.

Da mesma maneira, Fernando (*Op. Cit.*) mostra que existem outras possibilidades de mudanças permitidas pelas expressões idiomáticas. Ao passo que algumas não permitem adições ou supressões e nem mesmo variações na sua forma verbal (*say no more, fat chance you've got, waste not, want not, pins and needles*) outras permitem a concordância em relação ao sujeito ou ao número (*I twisted Richie's arm/I can twist the arms of a few friends*).

A partir de todas estas considerações feitas pela pesquisadora, pode-se afirmar que as variações transformacionais das expressões idiomáticas envolvem a adição, a substituição, a permutação ou a supressão de itens em sua estrutura. Além disso, estas mudanças podem ser de dois tipos: as variações usuais, que fazem parte do sistema da linguagem, e que, portanto, respeitam os padrões gramaticais de uma língua; e, as variações que mostram inovações e, que, muitas vezes não respeitam estes padrões.

Pode-se acrescentar ainda, que o primeiro tipo de mudança, costuma produzir novas estruturas que apresentam formas corretas de acordo com as regras gramaticais. Com relação ao segundo grupo de alterações, pode-se inferir que elas são criações feitas pelos falantes de um idioma e que ilustram, dessa maneira, a criatividade dos seus usuários.

Além disso, com base nos estudos de Fernando (1996) também é possível postular que o grau de composicionalidade das expressões idiomáticas pode ser alterado ao longo do tempo, e que quanto maior for a composicionalidade de uma determinada expressão, maior será sua liberdade estrutural, já que seus vocábulos constituintes podem funcionar independentemente, ou seja, com maior autonomia.

Do mesmo modo, como o nível de rigidez destas expressões é bastante variável, a melhor maneira de observá-las é distribuindo-as dentro de uma escala, para que suas características fiquem organizadas de maneira adequada, como, por exemplo, de acordo com a Escala de Idiomaticidade sugerida pela autora.

Outro ponto que pode ser enfatizado a partir das afirmações da mesma autora (1996), é uma das características de uma expressão idiomática, definida como a sua unidade semântica, ou seja, elas são expressões compostas de vocábulos que parecem ser semanticamente vazios. Fato que atribui um novo significado para a expressão, que é geralmente diferente do sentido original das palavras.

Tal característica pode causar dificuldade para os aprendizes de um idioma e até mesmo para falantes nativos de uma língua, se eles não estiverem familiarizados com uma dada expressão idiomática. E a tendência nestes casos, é pensar que as expressões são estruturas opacas e que parecem oferecer um significado incongruente com relação à situação comunicacional em que elas estejam sendo utilizadas.

Outra característica apresentada pelas expressões idiomáticas é a não-literalidade do seu sentido. Pode-se inferir que, a partir deste fato, é que surgem as afirmações acerca da não-composicionalidade do significado das palavras de uma expressão. Afinal, se não é possível compreender adequadamente uma dada expressão a partir da soma do significado de suas partes constituintes, então esta expressão não apresenta um sentido que pode ser interpretado composicionalmente. Tal fato será analisado no próximo capítulo desta pesquisa, onde as expressões idiomáticas serão observadas a partir de seu sentido original, a fim de comprovar como a natureza composicional do seu sentido ajuda na compreensão deste grupo de expressões.

Finalmente, a última característica atribuída para as expressões idiomáticas é a opacidade do seu significado, que é entendida como o grau de dificuldade imposto por uma determinada expressão durante o processo de compreensão do seu sentido idiomático.

A partir das afirmações feitas por Fernando (1996) e das conclusões apresentadas nesta pesquisa, pode-se afirmar que existam três fatores que influenciam a compreensão do significado idiomático de uma expressão. O primeiro deles é a questão da rigidez estrutural de uma expressão, que pode apresentar um maior ou menor grau. O segundo fator é a não-literalidade do sentido das expressões idiomáticas, que também pode apresentar maior ou menor grau. Por fim, o terceiro fator é a opacidade de uma expressão idiomática, entendida como a facilidade ou a dificuldade imposta por uma expressão durante a recuperação do seu significado figurado.

Portanto, os três fatores apresentam graus, que podem variar bastante dependendo da expressão idiomática. Tal fato permite ilustrar as variações numa figura, num *continuum* que ilustra as possibilidades de mudanças permitidas pelas expressões idiomáticas:

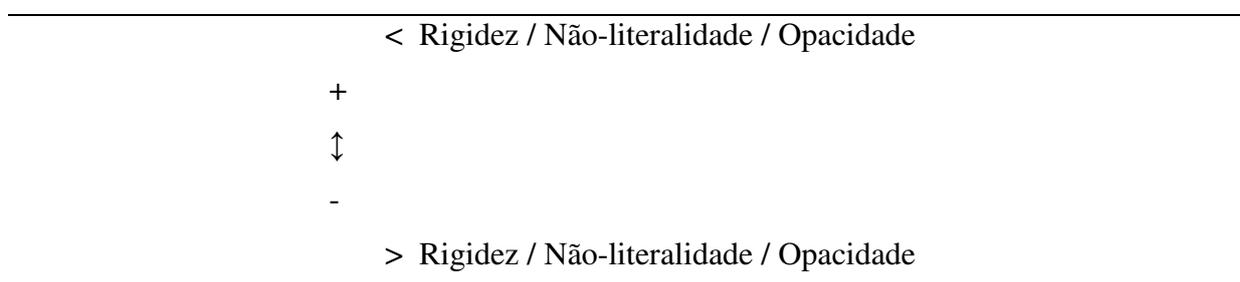


Figura 4 – as variações permitidas por uma expressão idiomática
Fonte: A autora (2008)

Tais variações, por sua vez, se refletem e influenciam as duas características elencadas no capítulo 1 desta pesquisa, como sendo as mais importantes para o grupo das expressões idiomáticas. São elas, a idiomaticidade e a composicionalidade do seu significado. Esta influência pode ser observada na medida em que, a idiomaticidade e a composicionalidade recebem a interferência destes fatores. Em outras palavras, pode-se dizer que quanto mais rígida for uma expressão, mais idiomaticidade ela apresentará. Na mesma direção, quanto mais não-literal for seu significado, mais idiomaticidade ela transmitirá. E, ainda, quanto mais opaco for seu sentido, mais idiomático ele será.

Do mesmo modo, essas relações também se estabelecem com a composicionalidade do significado destas expressões. Pode-se inferir que quanto mais fixa é uma dada expressão, menor é o seu grau de composicionalidade. Além disso, quanto maior for o grau de não-literalidade do seu sentido, menor será a composicionalidade do seu significado. E, por fim, quanto mais opacidade aparece na compreensão de uma expressão, menor será a presença do traço composicional do seu significado.

Tais conclusões podem ser mais facilmente visualizadas através da figura a seguir que ilustra, de forma sucinta, a análise apresentada pela autora desta pesquisa:

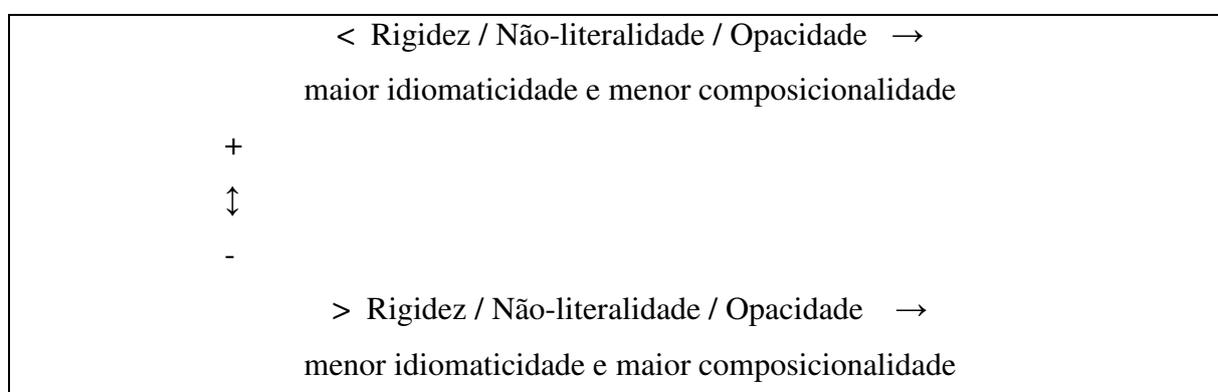


Figura 5 – As variações das expressões idiomáticas e sua influência nas características destas expressões
 Fonte: A autora (2008)

Outra pesquisadora que também analisa a contribuição da idiomaticidade no comportamento das expressões idiomáticas é Moon (1998). A autora acredita que tal característica é bastante importante para a adequada compreensão deste grupo de expressões. Segundo ela, a idiomaticidade é um fenômeno lingüístico universal, que pode ser analisado em qualquer linguagem natural.

Além disso, *Op. Cit.* (1998) também é favorável à distribuição das expressões idiomáticas num *continuum*, que pode melhor descrever o funcionamento destas expressões. A autora define dois marcos para estabelecer sua escala de idiomaticidade, sendo um extremo representado pelas expressões não-composicionais (ou também chamadas de totalmente idiomáticas) e o outro extremo definido pelas expressões idiomáticas composicionais (que possuem um traço idiomático menor).

A pesquisadora também salienta a questão da heterogeneidade lingüística apresentada por estas expressões e acredita que outros três fatores também devam ser considerados ao se fazer

uma análise das expressões idiomáticas. Segundo ela, a institucionalização, ou o processo através do qual uma expressão adquire seu *status* de expressão idiomática, é importante na medida em que observa o processo que uma expressão sofre para então se tornar idiomática dentro do sistema de uma língua.

O segundo fator é a rigidez léxico-gramatical apresentada por grande parte das expressões, que pode ser medida em graus. Ou seja, a autora também credita um *continuum* de modificações possíveis para as expressões idiomáticas, e, portanto, pode-se concluir que tal afirmação corrobora os estudos feitos por Fernando (1996) e sua Escala de Idiomaticidade.

O terceiro fator é definido como a não-composicionalidade do sentido deste grupo de expressões. Moon (1998) afirma que a interpretação semântica de cada vocábulo de uma expressão idiomática não leva a compreensão adequada do seu sentido, ou seja, não leva o falante a inferir o significado institucionalizado da expressão. Porém, a não-composicionalidade do sentido de uma dada expressão não pode ser considerada em sua totalidade. Segundo a autora, algumas expressões parecem possuir um grau maior ou menor de composicionalidade, que por sua vez, facilita, ou não, a compreensão das mesmas.

Através das afirmações feitas por Moon (1998), pode-se inferir que as observações feitas anteriormente por Fernando (1996) estão validadas. Afinal, a pesquisadora também reconhece o valor da idiomaticidade e da composicionalidade das expressões idiomáticas, que por sua vez, são influenciadas por outros fatores, como, por exemplo, a institucionalização do significado de uma expressão, que pode ser relacionada com a opacidade de uma expressão também definida por *Op. Cit.* (1996). Tal afirmação é possível já que a opacidade de uma expressão se dá no grau de dificuldade maior ou menor que um falante tem para compreender o sentido idiomático de uma expressão. E este fenômeno pode estar relacionado com a institucionalização do seu significado, já que quanto mais freqüente é o uso de uma expressão, mais facilmente reconhecida ela será e menor será o grau de opacidade apresentado por ela.

Outro fator apresentado por ambas pesquisadoras é a rigidez léxico-estrutural das expressões idiomáticas. Fernando (1996) e Moon (1998), através de suas pesquisas e exemplos, ilustram tal rigidez através de um *continuum*, que envolve aquelas expressões consideradas totalmente congeladas (como *by and large*) até aquelas que possuem uma liberdade maior (como

break the ice que permite algumas mudanças, entre elas a transformação para *ice-breaker* ou *ice-breaking*).

Finalmente, o último fator elencado pelas autoras, é a questão da composicionalidade do sentido figurado das expressões idiomáticas. Fernando (1996) postula que a composicionalidade destas expressões está disposta num *continuum* que, está diretamente relacionado com a idiomaticidade delas. Fato que pode ser observado através da Escala de Idiomaticidade criada pela autora, descrita na tabela 3 deste capítulo. E Moon (1998), que não elabora uma escala para distribuir as expressões idiomáticas, mas afirma que elas apresentam diferentes graus de composicionalidade e as distribui em diferentes grupos.

Schapira (1999) segue a mesma linha de pesquisa e também investiga a natureza das expressões idiomáticas e reconhece o valor do fenômeno da idiomaticidade destas expressões. Segundo a autora, através de suas pesquisas e observações, a idiomaticidade é um traço de natureza fundamentalmente semântica e que ele não pode ser deixado de lado, ao se analisar estas expressões.

Ibidem (1999) define que todas as expressões idiomáticas, em sua origem, sofreram uma influência motivacional, e acredita que tal fato influencie no funcionamento semântico da idiomaticidade. Além disso, a pesquisadora argumenta que tal motivação, ao longo da evolução diacrônica das línguas, pode ter sido fortalecida ou enfraquecida, o que determinaria o grau de composicionalidade apresentado por uma dada expressão.

Op. Cit. (1999) acrescenta ainda que a perda do sentido original da expressão, ou o reconhecimento da motivação que deu origem a ela, torna a composicionalidade mais ou menos aparente, ou seja, é o que determina que cada expressão seja mais ou menos composicionalmente reconhecida. Por fim, tal influência, também pode estar relacionada com a questão da rigidez estrutural destas expressões, pois a autora acredita que a composicionalidade do sentido original das expressões pode ser a causa da possibilidade de algumas expressões permitirem mudanças em sua estrutura.

Tais fatos evidenciados por Cacciari (1993), Nunberg *et al.* (1994), Gibbs (1995), Fernando (1996), Moon (1998) e Schapira (1999) reforçam a tese deste trabalho, que tem como objetivo ilustrar que a situação motivacional que deu origem a uma determinada expressão

idiomática, influencia na composicionalidade do sentido da expressão. Além disso, a evolução diacrônica das línguas pode exercer influência sob este significado figurado, e este seria o motivo que faz as expressões idiomáticas apresentarem maior ou menor grau de composicionalidade, e em contrapartida, maior ou menor grau de idiomaticidade. E este panorama é que será utilizado no próximo capítulo desta pesquisa, quando a análise das expressões idiomáticas será realizada.

Resta ainda, traçar uma breve revisão histórica acerca da segunda característica definida para as expressões idiomáticas, que é a questão da composicionalidade do significado figurado destas expressões. É importante reforçar neste momento, que esta característica começou a ser explanada ainda no capítulo 1 deste trabalho, durante a revisão histórica dos estudos sobre o comportamento das expressões idiomáticas.

Outro ponto que deve ser mencionado aqui é a relação que se dá entre a idiomaticidade e a composicionalidade deste grupo de expressões. Conforme pode ser analisado no início deste capítulo, há uma co-relação entre as duas características, que parece ser marcada pela relação de influência de uma sobre a outra. Ou seja, como foi ilustrado na Figura 5, anteriormente descrita nesta seção, as variações das expressões idiomáticas e suas influências nas características destas expressões, demonstram que quanto maior é o grau de idiomaticidade, menor será o grau de composicionalidade de uma dada expressão.

Portanto, o objetivo que se faz presente neste momento do trabalho é o de traçar uma breve revisão das pesquisas mais importantes acerca desta segunda característica, sem desmerecer as considerações feitas até então. Dentro deste contexto, Gibbs em vários artigos (1990, 1993) assegura que durante o processo de aprendizagem e de compreensão de uma expressão idiomática, algumas palavras individuais contribuem significativamente para o entendimento global da expressão, o que contraria a noção da não-composicionalidade do significado destas expressões.

O autor, em estudos mais recentes, afirma que uma das características mais interessantes das línguas é o fator da idiomaticidade, que leva à formação do sentido figurado de determinadas expressões, e, entre elas, as expressões idiomáticas. Além disso, Gibbs (1995) acredita que muitas línguas possuem várias expressões idiomáticas que possuem sentidos figurados muito parecidos. Por exemplo, o inglês tem algumas expressões relacionadas com o conceito de sentir

raiva ou ficar bravo, como *blow your stack*, *hit the ceiling*, *blow your steam*, *bite your head off*, *get pissed off*. Outro exemplo que ilustra tal afirmação são as expressões *spill the beans*, *let the cat out of the bag*, *blow the lid off* ou *blow the whistle* para veicular a idéia de revelar um segredo.

Cabe ressaltar que este fato curioso é que leva à suposição de que cada expressão é supostamente determinada por situações históricas diferentes que se desenvolveram em convenções pragmáticas através do seu uso.

Desse modo, é possível traçar uma ligação entre a situação motivacional que deu origem a uma expressão idiomática e o significado figurado atribuído aos seus constituintes. Tal relação permite, ainda, postular que o sentido idiomático de uma expressão não é arbitrário, como indicavam as primeiras pesquisas sobre o comportamento das expressões idiomáticas, e que, portanto, não pode ser definido como não-composicional. Ao contrário, a motivação que dá origem às expressões idiomáticas faz com que seu sentido figurado apresente, no mínimo, graus de composicionalidade, na medida em que seus vocábulos carregam mais ou menos indícios sobre seu sentido.

Dessa maneira, estas descobertas possibilitam reforçar as conclusões feitas no capítulo 1 desta pesquisa sobre as teorias de análise das expressões idiomáticas. Foi postulada a existência de dois grupos principais, ou seja, aqueles autores que não atribuem a composicionalidade como traço das expressões idiomáticas, mas ao contrário, acreditam que tais expressões funcionem com um bloco único e indivisível.

Tal tendência de análise foi refugada, pois o surgimento de uma segunda perspectiva demonstrou mais coerência frente aos argumentos apresentados e discutidos. Esta tendência mais moderna e que foi liderada pelos estudos de Fraser (1970) e seguida por muitos teóricos, conforme pode ser observado no capítulo 1 desta pesquisa, é, então, corroborada também através das afirmações de Gibbs (1990, 1993 e 1995) que comprovam como a natureza das expressões idiomáticas pode sugerir a composicionalidade do sentido figurado destas expressões, e, inclusive, indicar a influência da evolução diacrônica no significado dos vocábulos que formam uma expressão.

Dentro deste mesmo quadro, Glucksberg (1993) e Flores d'Arcais (1993) acreditam que o fato das expressões idiomáticas serem, aparentemente, consideradas como unidades unitárias (como *by and large*) ou como expressões nas quais o sentido idiomático é capturado a partir dos significados originais de suas partes e da relação com seu conteúdo alusional (como *carry coals to Newcastle*), já é, por si só, um indício de que elas apresentam graus de composicionalidade da sua interpretação semântica.

Autores como Cacciari e Tabossi (1988), Gibbs, Nayak e Cutting (1989) e Gibbs (1992) entre outros, apresentam em suas pesquisas maneiras de classificar as expressões idiomáticas de acordo com o traço composicional. De modo geral, estas tipologias procuravam abordar o caráter variável destas expressões (através de sua estrutura léxico-gramatical) e o grau de facilidade apresentado por elas durante a recuperação do seu sentido figurado (através da presença ou não da composicionalidade).

Com este objetivo, características sintáticas, semânticas e pragmáticas foram esclarecidas com o intuito de determinar um padrão de funcionamento para estas expressões. Entretanto, os autores parecem concordar que as expressões idiomáticas se constituem num dos fenômenos mais desafiadores para as teorias tradicionais sobre a linguagem natural.

Glucksberg (1993) afirma também que as dificuldades encontradas pelas abordagens tradicionais estão relacionadas com a ausência do reconhecimento do traço idiomático durante a análise destas expressões, que falham ao fazer considerações e generalizações que negligenciam a verdadeira natureza destas expressões. Em contrapartida, estudos mais recentes passam a considerar a idiomaticidade como um fator importante para a adequada compreensão do sentido de uma expressão idiomática.

Tal afirmação do autor permite, mais uma vez, traçar a relação entre os dois blocos de pesquisas apresentados na revisão bibliográfica no capítulo 1 desta pesquisa. As primeiras tentativas de descrição das expressões idiomáticas, ilustradas através dos estudos de Smith (1925), Roberts (1944), Katz e Postal (1963), Katz (1973), Weinreich (1969), Makkai (1972) e Chomsky (1980 e 1982) não reconhecem a composicionalidade destas expressões e as consideram como blocos fixos de palavras, que, muitas vezes, recebem um significado ilógico.

Em oposição a este grupo, Fraser (1970), Gross (1982), Cérmak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000), entre outros pesquisadores citados ao longo do corpo deste trabalho, trazem uma nova perspectiva de estudo e passam a considerar novas características para este grupo de expressões. Elas passam, então, a serem analisadas composicionalmente e de acordo com a idiomaticidade que carregam no seu significado.

Tais características são, desta maneira, utilizadas na definição de expressão idiomática nesta pesquisa, com o objetivo metodológico de uniformizar a ótica de análise deste estudo.

Flores d'Arcais (1993) postula que as expressões idiomáticas são composicionais e que seus sentidos figurados são motivados pelo conhecimento metafórico que as pessoas possuem a respeito do mundo. E estas relações metafóricas é que estão presentes na construção semântica e no sentido idiomático de uma expressão e faz, então, com que as expressões idiomáticas sejam totalmente compreendidas, se observadas adequadamente.

Portanto, se estas expressões forem analisadas de acordo com esta nova perspectiva, não se pode mais atribuir o traço não-composicional ao seu sentido. E, a partir daí, pode-se concluir que a complexidade das expressões idiomáticas, apresentada pelas diversas abordagens que tentaram explicar corretamente seu funcionamento, pode ser adequadamente observada se as expressões forem dispostas num *continuum* com a presença das duas principais características atribuídas a elas: a idiomaticidade *versus* a composicionalidade.

Além disso, a primeira tendência de análise das expressões idiomáticas torna-se inválida, e corrobora as conclusões feitas anteriormente nesta pesquisa, pois não contempla os princípios envolvidos na caracterização destas expressões, além de não oferecer uma descrição satisfatória das mesmas. Em contrapartida, reforça a segunda etapa dos estudos acerca destas expressões e corrobora a definição de expressão idiomática postulada pela autora deste trabalho, bem como as duas características atribuídas a elas.

Dentro desta perspectiva, ainda se faz necessário, esclarecer como as expressões idiomáticas são compreendidas durante o desenvolvimento de uma situação comunicacional, ou seja, em que medida fatores situacionais podem contribuir para a adequada interpretação destas expressões.

Para atingir tal objetivo, as expressões idiomáticas, na próxima seção, serão relacionadas com princípios pragmáticos, que auxiliam o leitor a inferir o significado não-literal de uma expressão, contemplando o fator composicional e idiomático do seu sentido.

3.2 FATORES PRAGMÁTICOS E A COMPREENSÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Nesta seção, são delineados pontos principais de acordo com o escopo pragmático de análise da linguagem com o objetivo de esclarecer quais são os fatores que auxiliam o falante a compreender mais facilmente o sentido figurado de uma expressão idiomática.

Deste modo, o modelo de Grice (1975) é descrito tal como ele se encontra no seu artigo "*Logic and Conversation*" de maneira não problemática, isto é, não é feita uma crítica ao modelo; a teoria é delineada dados os interesses da pesquisa. Assim, primeiramente, são apresentadas as principais características da Teoria das Implicaturas de Grice. A seguir, é ilustrada a classificação das Implicaturas, seguida das propriedades destas. Logo após, são mencionados alguns aprimoramentos feitos à teoria griceana.

Conforme já ilustrado através dos estudos de Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Flores d'Arcais (1993), Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000), entre outros pesquisadores, a parcial composicionalidade das expressões idiomáticas está comumente relacionada com a possibilidade de realizar mudanças na sua estrutura devido ao caráter metafórico que os itens em questão adquirem.

Moon (1998) aborda esta potencial transformação das expressões idiomáticas associada a evolução diacrônica das línguas. A autora relata evidências sintáticas que mostram exemplos de expressões da língua inglesa antiga e eles apresentam menor rigidez na sua forma original. Porém, outros estudos relacionam, mais especificamente, as mudanças diacrônicas ao aspecto semântico da linguagem e, mais especificamente, argumentam em favor da noção da composicionalidade como Gibbs (1990), Jackendoff (1991), Cacciari (1993), Nunberg *et al.* (1994), entre outros.

Todavia, Glucksberg (2001) acredita que a melhor maneira de observar as mudanças e as características das expressões idiomáticas seja de acordo com a perspectiva pragmática, que analisa a linguagem em situações reais de uso. Dentro desta abordagem, as expressões

idiomáticas são analisadas não somente em relação a sua forma, mas também de acordo com a intenção do falante e das informações contextuais onde a expressão é utilizada. Além disso, a pragmática também aborda o fenômeno inferencial de compreensão das mesmas, ou seja, os mecanismos utilizados pelos usuários da língua para apreender seu significado idiomático.

Para que se possa realizar a análise das expressões idiomáticas à luz da teoria pragmática, a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e suas características são delineadas, acompanhadas das máximas conversacionais, ilustradas com exemplos brevemente analisados.

De maneira geral, pode-se afirmar que a pragmática e a Teoria das Implicaturas Conversacionais possuem algumas motivações comuns. Ambas tentam aproximar o significado literal de um enunciado ao seu contexto extralingüístico e ao seu significado extraliteral (significado que vai além do dito). Além disto, a pragmática e a Teoria das Implicaturas de Grice têm como motivação metodológica a capacidade de complementar o significado semântico das frases. Finalmente, elas procuram tratar também de partículas e expressões isoladas (como, por exemplo, a expressão "*tá ligado*") e de fenômenos lingüísticos complexos (como, por exemplo, a tautologia "*guerra é guerra*").

Em sua obra "*Logic and Conversation*" (1975), Grice delinea a Teoria das Implicaturas Conversacionais, que analisa como os ouvintes fazem para captar o significado completo da mensagem quando os falantes querem dizer/comunicar algo a mais do que estão efetivamente dizendo. O mérito de sua teoria consiste no delineamento de um modelo de comunicação inferencial que se dá a partir de informações não-lingüísticas, supondo a intenção do comunicador. Grice, então, concentra-se no que ele definiu como o significado não-natural ou significado conversacional, ou seja, o significado que é fornecido pelo falante e que leva em consideração a sua intenção comunicativa. Conforme o autor, não existe acaso e, portanto, as informações transmitidas são intencionais.

Além disso, o autor afirma que há distinção entre o que é dito e o que é implicado. Dois exemplos que ilustram o que Grice postula como implicatura conversacional são as seguintes frases:

(19) Você tem algum dinheiro com você?

significando:

(20) Eu não tenho dinheiro. Você pode me emprestar um pouco?

Assim, pode-se afirmar que a implicatura conversacional é uma inferência, é uma mensagem adicional que o receptor¹¹ consegue apreender a partir do que é dito, recorrendo às regras que governam a conversação a fim de que ela seja bem sucedida. E este panorama pode ser relacionado com o processo de compreensão das expressões idiomáticas, já que elas possuem um significado que vai além do que é dito, ou seja, o sentido figurado que elas apresentam.

Observe o exemplo seguinte:

(21) *It's raining cats and dogs outside!*

Significando:

(22) Está chovendo muito lá fora!

Através da utilização da expressão idiomática *rain cats and dogs*, é possível observar que o participante da situação comunicativa precisa inferir que o sentido original dos vocábulos da expressão não está sendo utilizado e, sim, o seu sentido idiomático. Então, através da implicatura conversacional, o ouvinte é capaz de compreender o sentido completo da frase e a intenção comunicativa do falante.

Logo, o que foi dito nesta frase é diferente do que é implicado através do uso de uma expressão idiomática. Grice (1975) propõe, então, que as implicaturas como (20) e (22) podem ser calculadas a partir de sentenças como (19) e (21), considerando-se três aspectos:

- 1) O significado lingüístico usual do que é dito;
- 2) a informação contextual (compartilhada ou de conhecimento geral);

¹¹ Emissor e receptor, bem como os termos falante e ouvinte, são utilizados com o mesmo significado neste trabalho; apenas ilustram os participantes de um diálogo.

3) a suposição de que o emissor está obedecendo ao que o autor denomina de Princípio Cooperativo (PC).

O autor afirma que o PC consiste na crença de que os falantes têm o propósito comum de obter sucesso na comunicação. Conforme Grice (1975), o emissor deve adequar sua contribuição comunicativa ao que é esperado e deve fazê-la no momento oportuno, de acordo com o propósito da conversa na qual ele está engajado. Em outras palavras, pode-se dizer que o emissor deve agir na conversação de acordo com o princípio geral de que ambos (falante e ouvinte) estão inseridos em uma atividade cooperativa e o sucesso dela é benéfica aos dois. Conforme *Op.Cit.* (1975):

Our talk exchanges do not normally consist of a succession of disconnected remarks, and would not be rational if they did. They are characteristically, to some degree at least, cooperative efforts, and each participant recognizes in them, to some extent, a common purpose or set of purposes, or at least a mutually accepted direction.¹² (Grice, 1975, p. 311)

O autor aponta, então, quatro máximas conversacionais que compõem o PC:

I) Máxima de Quantidade: seja tão informativo quanto o requerido; não dê mais informações do que o requerido.

II) Máxima de Qualidade: não afirme algo em que você não acredita; não afirme algo para o qual você não tenha nenhuma evidência.

III) Máxima de Relação: seja relevante.

IV) Máxima de Modo: seja perspicuo: seja direto, claro, objetivo e evite ambigüidade.

Através dessas máximas, Grice (1975) afirma que é possível descrever como uma pessoa consegue comunicar mais do que diz. Mais especificamente, o autor coloca que há três maneiras de explorar as máximas conversacionais a fim de gerar implicaturas:

a) Quando o receptor assume que o emissor está obedecendo às máximas, ou seja, quando nenhuma máxima é violada.

¹² “Nossos diálogos normalmente não se constituem em uma sucessão de frases desconexas, e não seriam racionais se parecessem. Eles são tipicamente, em algum nível, esforços cooperativos e cada participante reconhece neles, em algum grau, um objetivo comum ou, ao menos, uma direção mutuamente aceita”.

Observe o seguinte exemplo:

(23) A: Estou sem gasolina.

B: Há um posto na esquina.

B implicou que o posto está aberto e que é possível colocar gasolina no carro.

Observe a mesma pressuposição, que nenhuma máxima conversacional é violada, através da utilização de uma expressão idiomática:

(24) A: How did John know about his surprise party?

B: Oh! Sorry. I spilled the beans.

Através do uso da expressão idiomática *spill the beans* e da pressuposição que o falante está obedecendo aos princípios griceanos, é possível inferir que o significado literal das palavras não está sendo utilizado. Logo, o ouvinte implica que o sentido idiomático, no caso, de revelar um segredo, é que foi utilizado.

b) Quando uma máxima é violada para preservar outra.

Exemplos:

(25) A: Onde Paulo mora?

B: Em algum lugar no sul da França.

B está sendo menos informativo do que o requerido. Logo, há a quebra da máxima de quantidade para preservar a máxima de qualidade (como A não sabe realmente onde Paulo mora, ele não acrescentou informações que não seriam verdadeiras).

(26) A: What did your brother do during this summer?

B: He fooled around.

Através deste exemplo, pode-se inferir que B está fornecendo menos informações do que o requerido, permitindo a quebra da máxima de quantidade. Afinal, o falante perguntou o que o seu irmão fez durante as férias e a resposta não forneceu nenhuma informação específica, já que o significado da expressão é ‘passar’, sem mencionar onde ou com quem a pessoa estava. Porém, a quebra da máxima da quantidade pode estar relacionada com a preservação da máxima da qualidade, já que B pode não saber informações mais detalhadas sobre seu irmão. Então B não quis acrescentar detalhes que não seriam verdadeiros.

c) Quando uma das máximas é intencionalmente desconsiderada (aparentemente violada) para ser explorada.

- Da máxima de quantidade

(27) A: Como ela sofre por ele.

B: Amor é amor.

Neste exemplo, pode-se inferir que o amor é sinônimo de sofrimento ou que as pessoas que amam sempre sofrem.

(28) A: I am glad Peter is back.

B: There, there.

Mais uma vez, ao utilizar uma expressão idiomática, o significado do que foi dito é diferente do sentido do que foi implicado. Através da expressão idiomática com seu sentido literal, pode-se afirmar que as informações fornecidas não são suficientes, ou seja, há a quebra da máxima de quantidade. Entretanto, no exemplo, através do processo inferencial, B implicou que concorda com A, que ele está feliz com o retorno de Peter.

- Da máxima de qualidade

(29) A: Como estou?

B: A mais linda do mundo.

A entende claramente que B está exagerando (hipérbole) para implicar que ele a considera muito bonita, embora não acredite, provavelmente, no que diz, porque também não possui evidência do que afirma.

(30) A: How much money do you have to buy your new house?

B: Zilch!

Através deste outro exemplo que ilustra mais uma expressão idiomática sendo utilizada, há a quebra da máxima de qualidade, já que o significado da expressão *Zilch* é zero. Em outras palavras, se A perguntou a B quanto dinheiro ele tinha para comprar sua casa nova e se B respondeu que não tem dinheiro algum, ele está provavelmente exagerando, fazendo uso do recurso da linguagem, já que ninguém decide comprar uma casa sem ter dinheiro.

- Da máxima de relação

(31) A: Vamos sair hoje?

B: Viste o Oscar?

A resposta de B parece não ter relação com o tópico da pergunta de A, porém B pode estar implicando que não quer falar sobre o assunto naquele momento.

(32) A: You have already told me lots of things about your trip.

B: No, I only scratched the surface.

A resposta de B parece, também, não estar relacionada com a afirmação de A. Porém, se o significado idiomático da expressão for inferido e considerado, aí então é possível compreender a resposta de B. Logo, através da quebra da máxima de relação, B implica que ainda tem muitas coisas para contar sobre a sua viagem.

- Da máxima de modo

(33) A: Gostaste da festa?

B: Bem, ... eu ... é ...

Observa-se que há não somente a vaguidade de conteúdo, como também a vaguidade da forma. Além disto, a resposta de B pode implicar que ele não gostou da festa e não quis dizer.

(34) A: What are you working on today?

B: Well, I'm *at sixes and sevens*.

Através deste exemplo, que também ilustra a quebra da máxima de modo, é possível observar que B não forneceu nenhuma informação correta ou específica sobre a pergunta de A. Portanto, B não respeitou os princípios da máxima, que são a objetividade, a clareza e a falta de ambigüidade. Ao utilizar a expressão idiomática, B pode implicar que ele realmente não sabe no que está trabalhando ou que ele não quer falar sobre seu trabalho.

Assim sendo, pode-se dizer, conforme visto anteriormente, que as implicaturas conversacionais são geradas a partir da violação ou da não-violação das máximas conversacionais, e, segundo o autor, existem dois tipos de implicaturas:

I) Implicaturas Convencionais: estão na dependência do código.

(35) A: Ele é político, mas é honesto.

Desse enunciado, infere-se, independentemente de qualquer contexto conversacional, algo como

(36) Políticos não são honestos.

Isso se deve estritamente à ocorrência da conjunção *mas* no enunciado. A semelhança com a implicatura conversacional generalizada é devida ao fato de que algumas expressões lingüísticas podem contribuir, de modo bastante direto, para derivar a interpretação pretendida.

Observe mais um exemplo que traz uma expressão idiomática:

(37) Smith is *by far* the best friend I've ever had.

Mais uma vez, independentemente do contexto comunicacional e através do uso da expressão idiomática, é possível inferir que, definitivamente, Smith é o melhor amigo que o falante já teve, pois a expressão *by far* implica em tal conclusão com seu sentido idiomático.

II) Implicaturas Conversacionais: se subdividem em:

a) Implicaturas Conversacionais Generalizadas – estão na dependência do código e do contexto comunicacional; porém, não requerem condições/pistas contextuais particulares para serem inferidas.

(38) A: Onde está Maria?

B: Ela está cuidando de um menino.

Nesse caso, a falta de especificidade do enunciado de B pelo uso da expressão *um menino* sugere a violação da máxima de quantidade. Aqui, a interpretação não depende de um contexto particular, como mostra o próximo exemplo, mas é mais generalizada, no sentido de que *um menino*, em geral, não é usado para referir alguém conhecido de A (o filho de Maria, por exemplo), ou mesmo alguém conhecido de B.

Em outras palavras, ao utilizar o sintagma nominal indefinido, B aparentemente viola a máxima de quantidade; entretanto, A permanece supondo que B esteja sendo cooperativo, e que seu enunciado seja razoável. Assim, A pondera que, se B não pode ser mais específico, é porque o indivíduo ao qual o sintagma se refere não é conhecido nem de A e nem de B e nem tampouco é alguém ligado à Maria.

(39) A: What's she doing?

B: Uh! She's probably *cooking someone's goose*.

Através deste exemplo, ao utilizar a expressão idiomática *cook someone's goose* o falante quebra a máxima de quantidade, já que não há uma informação específica, ou seja, não se sabe sobre quem está se falando ao usar o pronome *someone*. Entretanto, A permanece supondo que B esteja sendo cooperativo, e que seu enunciado seja razoável. Então, A pondera que, se B não pode ser mais específico, é porque o indivíduo ao qual o sintagma se refere não é conhecido nem de A e nem de B ou que B realmente não imagina contra quem a pessoa esteja tramando algo.

b) Implicaturas Conversacionais Particularizadas – estão na dependência de pistas contextuais particulares.

(40) A: Você tem medo de fantasmas?

B: O que você acha?

Percebe-se a violação das máximas de quantidade e de relação, tendo em vista que B aparentemente não oferece uma resposta apropriada à indagação de A. Contextualizando esta seqüência de enunciados, obtêm-se o seguinte:

(41) A e B encontram-se numa casa abandonada, à noite. Ao ouvirem ruídos estranhos, A percebe a inquietação de B e indaga-lhe: "*Você tem medo de fantasmas?*" B, sem esconder sua reação de medo, responde-lhe: "*O que você acha?*" Neste caso, o comportamento de B serve como pista para derivar a compreensão, por parte de A, de uma resposta afirmativa de B.

Observe outro exemplo utilizando uma expressão idiomática:

(42) A: Are you tired?

B: Maybe I would like to *take forty winks*.

Através da resposta de B, há a quebra das máximas de modo e relação, já que o significado do enunciado de B parece não estar adequado a pergunta de A. Mas, determinando um contexto para a situação, delinea-se um novo panorama:

(43) A e B chegam em casa após um longo e cansativo dia de trabalho. Ao perceber que B está visualmente exausto e já deitado na cama, A pergunta: "*Are you tired?*" B sem nem mesmo abrir

seus olhos, responde: “*Maybe I would like to take forty winks.*” Desse modo, o comportamento de B serve como pista contextual para derivar a compreensão, por parte de A, de uma resposta afirmativa de B.

Como se disse, as implicaturas convencionais e as implicaturas conversacionais compreendem a divisão feita por Grice (1975). Desse modo, através do modelo inferencial do autor, é possível explicar, então, como os enunciados podem comunicar o que tradicionalmente se tem chamado de conteúdos explícitos e implícitos das mensagens. Como é possível observar a partir do exposto, o autor postula que a interpretação do significado implícito é apreendida pelo ouvinte através do processo inferencial.

Logo, pode-se inferir, a partir do modelo postulado por Grice (1975), que as expressões idiomáticas também são melhor compreendidas se forem interpretadas através do processo inferencial griceano, já que o sentido idiomático delas está no nível do que é implicado, pois seu sentido figurado é implícito.

Além disso, *Op. Cit.* (1975) sugere que as máximas conversacionais não são convenções arbitrárias, mas sim funcionam como um veículo racional que conduz a trocas cooperativas.

De acordo com Levinson (1983), as máximas conversacionais também governam nosso comportamento não-lingüístico. Considere a situação na qual A e B estão consertando um carro. Se a máxima de qualidade é interpretada como uma condição para produzir ações verdadeiras e se um dos participantes da comunicação não obedece a este princípio, provavelmente o resultado obtido não será o esperado. Imagine que o falante A pede a B o líquido de freio e B propositadamente alcança para A o óleo para o motor. Da mesma maneira, a máxima de quantidade não estaria sendo obedecida se A solicitasse a B cinco parafusos e se B trouxesse apenas um.

A partir disso, pode-se afirmar que as máximas são derivadas de considerações racionais que se aplicam a todos os casos de trocas cooperativas. Entretanto, a razão do interesse lingüístico nas máximas é que elas geram inferências no escopo semântico dos enunciados. Tais inferências são, por definição, as implicaturas conversacionais, onde o termo *implicatura* é usado para contrastar com termos como *implicação lógica*, *acarretamento* e *consequência lógica* que são geralmente usados para as inferências derivadas da lógica ou da semântica pura.

De acordo com a Teoria Pragmática, as implicaturas não são inferências semânticas, mas sim inferências baseadas no conteúdo do que é dito e em algumas suposições específicas sobre a natureza cooperativa da interação verbal. Assim, pode-se afirmar que se algo é dito, não é calculado, é uma questão semântica. Porém, a implicatura deve ser deduzida a partir da relação do dito com o implicado.

Costa (1984) postula que a linguagem é o veículo para uma inferência e que o cálculo inferencial é um modelo que representa o que as pessoas fazem para compreender uma inferência. Estas inferências, conforme visto anteriormente, podem surgir de duas maneiras, ou seja, através da violação ou não das máximas conversacionais.

Grice (1975) apresenta uma definição de implicatura. Considere a situação seguinte:

(44) A diz p e conversacionalmente implica q se:

- (a) A está observando as máximas conversacionais ou o PC (no caso de estar violando uma das máximas a fim de gerar implicaturas);
- (b) Para manter essa suposição é necessário supor que A pensa q ;
- (c) A pensa que A e B mutuamente sabem que B pode recuperar essa suposição em (a) e então q é de fato requerido.

A seguir, o autor afirma que para B ser capaz de calcular a implicatura q , B precisa saber ou acreditar que ele sabe:

- (a) O conteúdo convencional do enunciado (p);
- (b) O PC e suas máximas conversacionais;
- (c) O contexto de p ;
- (d) Informações de conhecimento prévio;

(e) Que os fatos de (a) - (e) são de conhecimento mútuo compartilhados pelo falante e pelo ouvinte.

Em outras palavras, pode-se dizer que o processo inferencial se caracteriza da seguinte maneira: o falante ao dizer o enunciado p implica q , e pode-se afirmar que conversacionalmente implicou q , baseando-se na crença de que ele está observando e cooperando com as máximas conversacionais ou com o Princípio Cooperativo. Além disto, há a suposição por parte do emissor que o receptor sabe que q é necessário para a correta compreensão do enunciado. Finalmente, o falante espera que o ouvinte capture a suposição feita anteriormente e saiba que ela é necessária para a correta compreensão do enunciado. Observe os exemplos:

(45) A: Como está Pedro em seu novo emprego?

B: Está bem, eu acho. Ele gosta de seus colegas e ainda não foi mandado para a prisão.

A partir da resposta de B, A pode indagar o que B implicou, sugeriu ou afirmou com sua resposta. Pode-se implicar que Pedro é o tipo de pessoa que não resiste às tentações do seu trabalho, ou seja, ele está cometendo atividades ilícitas, ou que Pedro já sabia que iria trabalhar com negócios desonestos, e assim por diante.

(46) A: I heard John is sick.

B: Actually, he kicked the bucket last night.

Novamente, é possível observar a natureza do significado implícito das expressões idiomáticas. O falante, ao enunciar a frase 46a, menciona o fato de John estar doente. B, porém, parece não respeitar o tópico do diálogo ao utilizar a expressão *kick the bucket*, que com seu sentido literal significa “chutar o balde”. Mas, como pressupõe-se que B esteja sendo cooperativo e esteja respeitando as máximas conversacionais, então A une ao sentido do enunciado de B as informações contextuais disponíveis e é capaz de inferir e implicar o significado idiomático da expressão. E, a partir disto, a correta compreensão do sentido é capturada.

Conforme o exposto, pode-se afirmar que o processo inferencial se organiza da seguinte maneira:

- (a) O falante diz p .
- (b) Não há motivos para acreditar que ele não está observando as máximas conversacionais.
- (c) Então, o emissor não poderia estar fazendo isso a não ser que ele esteja supondo q .
- (d) O falante sabe (e sabe que o ouvinte sabe que ele sabe) que o receptor percebe que a suposição que ele pensa q é requerida.
- (e) O emissor não faz nada para proibir o receptor de pensar em q .
- (f) O receptor capta q .
- (g) E, então, o ouvinte implica q .

Desse modo, Grice (1975) acredita que as implicaturas são calculáveis e que elas devem ser deduzidas e conseguidas via cálculo inferencial. Em outras palavras, pode-se dizer que as implicaturas não vêm do que é dito, mas sim da relação do dito com o contexto comunicacional. Por sua vez, o contexto comunicacional pode ser considerado como uma base informativa para o enunciado; ou seja, ele é o conjunto de informações/suposições que vem à mente dos participantes de um diálogo no momento da situação comunicacional.

Dentro desta perspectiva, é possível novamente, traçar um comparativo entre o processo de compreensão da linguagem de modo geral, e, mais especificamente, com o processo de compreensão do significado figurado das expressões idiomáticas. Se, de acordo com Grice, as implicaturas se desenvolvem a partir da relação entre o que é dito e o que é implicado, então, pode-se inferir que o sentido figurado de uma dada expressão é apreendido através da relação entre a forma, ou a estrutura, da expressão em si e o contexto comunicacional em que ela é utilizada.

Então, Grice (1975) apresenta cinco propriedades das implicaturas:

I) Cancelabilidade: uma inferência será cancelável se é possível acrescentar novas premissas às originais/iniciais. Além disto, algumas implicaturas podem desaparecer quando estiver claro a partir do contexto do enunciado que aquelas inferências não podem ter sido implicadas dentro da situação comunicacional.

Por exemplo, imagine um pequeno fazendeiro que precisa garantir um financiamento para custear suas atividades e para tal ele só pode ter dez bois em sua propriedade. Então, chega o inspetor e faz a seguinte pergunta para um empregado da fazenda:

(47) A: Você sabe se John tem o número de bois necessários?

B: Ah! Sim, ele tem dez bois.

Observe que a resposta de B não o compromete com a seguinte implicatura:

(48) John tem somente dez bois e não mais.

É possível perceber que a resposta de B fornece apenas a quantidade de informação requerida pela pergunta de A, e não menciona o exato número de bois que John possa ter. Além disto, a implicatura também pode ser cancelada se a conjunção *se* for acrescentada.

(49) John tem dez bois, se não tiver mais.

Analise o seguinte exemplo que traz uma expressão idiomática:

(50) A: Hey, Peter! Do you know if David spilled the beans about the company's project?

B: Yes, that's ok. He didn't spill a single bean.

Através da resposta de B, tem-se a certeza de que David não contou nenhum detalhe sobre o projeto desenvolvido para a empresa e pode-se inferir que tudo esteja bem. Entretanto, observe mais um exemplo:

(51) A: And you Johnson? Do you know if David spilled the beans about the company's project?

B: Yes, that's ok. He probably *spilled just a few beans*.

Nesta nova situação, através do uso do advérbio *just*, a implicatura anterior foi cancelada, pois revelar apenas alguns segredos pode gerar outras inferências.

II) Não-destacabilidade: o autor afirma que uma implicatura é presa ao conteúdo semântico do que é dito e não à sua forma lingüística. Assim, uma implicatura não pode ser destacada de um enunciado simplesmente trocando suas palavras por sinônimos. Observe o exemplo:

(52) John é um gênio.

Se a palavra "*gênio*" for substituída, pode-se dizer:

(53) John tem uma enorme capacidade intelectual.

Ainda assim, o significado implicado será o mesmo.

O mesmo acontece com algumas expressões idiomáticas, já que determinadas mudanças estruturais ou substituições vocabulares são permitidas.

(54) I'm so tired. I'll *take forty winks*.

Se a palavra *take* for substituída da expressão idiomática, ao contrário do que afirmavam as primeiras pesquisas acerca do comportamento destas expressões, seu sentido figurado permanecerá o mesmo:

(55) I'm so tired. I'll *have forty winks*.

Portanto, o significado implicado é o mesmo.

III) Indeterminabilidade: uma expressão com um único significado pode gerar diferentes implicaturas em diferentes ocasiões. Observe:

(56) John é uma máquina.

Isso pode implicar que John é uma pessoa fria (sem sentimentos), ou uma pessoa eficiente (que nunca pára de trabalhar), ou, ainda, que ele é triste. Desta forma, as implicaturas possuem um certo grau de indeterminância que em muitos casos são incompatíveis com o sentido determinado com a teoria semântica.

(57) A: John is an excellent businessman.

B: Yeah. But he needs to remember that he can't *bite off more than he can chew*.

Dentro deste contexto, pode-se inferir que John deve ter cuidado para não se comprometer com muitas coisas ou compromissos de trabalho, mesmo sendo uma pessoa muito competente. Observe a mesma expressão idiomática, sendo utilizada em outro contexto:

(58) A: This party is great! The drinks are fantastic!

B: Be careful! Don't *bite off more than you can chew*.

Neste novo panorama, a mesma expressão pode gerar inferências diferentes. Afinal, se a festa está ótima e as bebidas são fantásticas, a resposta de B, através do uso da expressão *don't bite off more than you can chew*, pode ser um alerta para A não beber exageradamente, além do que deveria.

IV) Calculabilidade: para cada implicatura gerada é possível construir um argumento conforme mostrado anteriormente, contendo os passos de (a) até (g) que mostra como o significado literal ou o significado do enunciado juntamente com o PC e suas máximas fornecem subsídios para que o receptor calcule a inferência de acordo com o contexto comunicacional. Observe o cálculo inferencial delineado para capturar o sentido implícito de uma expressão idiomática:

(59) A: *I was offered a new job.*

B: *Will you take it?*

A: *Yeah, I think I'll give it a shot.*

(I) Foi oferecido um novo emprego para A e ele vai aceitá-lo.

(A) O interlocutor A

(B) O interlocutor B

(C) 1 – A está procurando um emprego há muito tempo;

2 – A não está encontrando um emprego adequado às suas expectativas;

3 – B sabe que A é uma pessoa muito exigente.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

1 – (A) disse (“*Yeah, I think I’ll give it a shot.*”);

2 – (A) não ofereceu as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (A) sabe que (B) sabe (C);

5 – (A) será relevante dizendo tal frase se pretender que (B) pense (I);

6 – (A) disse (1) e implicou (I).

Através deste exemplo, é possível observar que o significado das expressões idiomáticas não se esgota no nível do dito, e sim, é complementado com informações que estão no nível do que é implicado. Em outras palavras, pode-se dizer que as EIs quebram normas da semântica das línguas, já que não correspondem ao significado literal das palavras, e nem tampouco à soma dos seus significados.

Assim sendo, é possível afirmar que a semântica foi enriquecida com um significado que pertence ao todo, ou seja, o significado figurado da expressão idiomática que, por sua vez, está mais presente do que o significado literal das palavras. Portanto, é possível dizer que o

significado de uma expressão idiomática é uma variação do contexto literal que se torna constante, já que o significado de uma expressão será sempre o mesmo independente do contexto.

Desse modo, o significado da expressão é gerado através de uma implicatura conversacional particularizada, porém, como esse significado permanecerá sempre o mesmo, não importando o contexto, a implicatura passa a ser convencional.

Finalmente, pode-se afirmar que o sentido idiomático das expressões viola aparentemente as máximas conversacionais. Sabe-se que quando alguém afirma uma coisa falsa o outro interlocutor está autorizado a procurar o significado naquele contexto. No caso das expressões idiomáticas, os interlocutores parecem estar de comum acordo com relação ao significado da mesma, fazendo então com que a violação seja falsa, já que o receptor sabe que deve procurar o significado implícito da expressão em questão.

De acordo com o exemplo fornecido, a expressão "*give it a shot*" parece estar violando a máxima de relação, já que o significado literal das palavras (dar um tiro) parece não ter relação com o tópico da conversa entre A e B. Porém, conforme ilustrado, esta violação é apenas aparente, já que B acredita que A está sendo cooperativo. Logo, B busca o significado idiomático da expressão que está mais presente na memória do que o significado literal das palavras e implica o significado figurado da expressão.

Por outro lado, se o interlocutor quisesse utilizar a expressão com o seu significado literal, ele teria que fornecer alguma pista contextual para que seu parceiro consiga compreender sua intenção comunicativa.

V) Não-convencionalidade: a implicatura não é o significado das palavras. O ouvinte precisa saber o significado literal ou o sentido de uma frase antes de calcular suas implicaturas naquele contexto; porém, as implicaturas não fazem parte do significado literal do enunciado; elas fazem parte do conteúdo implícito das mensagens.

Tal pressuposto é facilmente relacionado ao significado implícito das expressões idiomáticas, pois sabe-se que o sentido de uma expressão deste tipo não corresponde à soma do significado das suas palavras constituintes. Portanto, ao utilizar uma expressão idiomática, o

falante e o ouvinte capturam o seu sentido idiomático através do cálculo inferencial griceano, que pode ser observado no exemplo acima.

Portanto, o que se viu até o presente momento, foi a descrição do processo inferencial acompanhado das suas propriedades: a cancelabilidade, a não-destacabilidade, a indeterminabilidade, a calculabilidade e a não-convencionalidade. Também foi apresentada uma descrição do modelo griceano de maneira não-problemática, conforme afirmado anteriormente. Além disto, ilustrou-se o mérito de Grice com a sua Teoria das Implicaturas, que consiste no delineamento de um modelo de comunicação inferencial que se dá a partir de informações não-lingüísticas, supondo a intenção do comunicador.

Foram apresentadas, também, as máximas conversacionais que compõem o Princípio Cooperativo, bem como se observou a classificação das implicaturas feita pelo autor. Em seguida, foram definidas as propriedades das implicaturas acompanhadas de situações comunicativas contextualizadas e analisadas à luz da teoria. Finalmente, foram desenvolvidos alguns aprimoramentos existentes à Teoria das Implicaturas de Grice.

Na próxima seção, são apresentadas as relações entre os princípios pragmáticos e as expressões idiomáticas, a fim de contextualizar, adequadamente, a análise que será feita no terceiro capítulo desta pesquisa.

3.3 AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS E A TEORIA DAS IMPLIATURAS DE GRICE

Tradicionalmente, o princípio da composicionalidade postula que o significado de uma expressão composta é unicamente determinado pelos sentidos dos seus constituintes e da maneira como eles estão dispostos. Uma consequência importante deste pressuposto teórico é que a interpretação é realizada integralmente como parte da gramática de uma língua, e deve, portanto, seguir suas regras.

O problema de tal definição se dá quando os significados de frases e expressões entram no escopo de interpretação sob esta perspectiva, já que muitas construções não seguem padrões gramaticais ou possuem um sentido figurado que não é formado pelo significado de suas partes

constituintes. Dentro desta perspectiva, fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos contribuem para uma interpretação adequada e precisam ser levados em consideração.

É deste modo, que a compreensão do significado não-literal das expressões idiomáticas se relaciona com a Teoria das Implicaturas de Grice, já que o modelo apresentado pelo autor, investiga as informações transmitidas a partir do que foi dito pelo falante e também através das informações extraliterais, contemplando assim, a totalidade do significado de uma expressão idiomática, que de acordo com as considerações apresentadas ao longo desta pesquisa, se constrói com informações que estão além do que sua estrutura contém.

Partee (2004) faz importantes apontamentos sobre a contribuição da composicionalidade para a adequada compreensão do sentido figurado de expressões compostas. A autora afirma que a composicionalidade, ao receber contribuições da sintaxe, da semântica e da pragmática, ganha seu lugar de destaque na interface entre estas áreas. Na mesma direção, a composicionalidade torna-se capaz de explicar algumas das modificações permitidas por determinadas expressões. E pode-se inferir, a partir deste contexto, que tal princípio também possa ser aplicado com as expressões idiomáticas. Sendo assim, as contribuições de Partee corroboram as conclusões parciais apresentadas nesta pesquisa, que pressupõem uma parceria entre a composicionalidade e a idiomaticidade do significado das expressões idiomáticas.

Jaeger (1999) em seus estudos acerca do comportamento da linguagem acredita que as expressões idiomáticas são objetos lingüísticos com uma evolução histórica própria, que acontece assim como a evolução das línguas em geral. O autor afirma que uma taxonomia que leve em consideração a variável composicional do sentido das expressões idiomáticas seja mais apropriada para observar os fenômenos relacionados a elas.

O pesquisador também argumenta que os falantes nativos tendem a visualizar que há uma conexão, uma relação intrínseca entre o sentido figurado e a forma de uma expressão idiomática. Ele acredita que os falantes nativos parecem saber, instintivamente, que o encontro deste significado não-literal com a estrutura de uma expressão, cria um novo conceito, veicula uma nova idéia, enfim, desencadeia o significado idiomático de uma dada expressão.

Do ponto de vista de Saussure (1959) e da sua Teoria da Arbitrariedade do signo lingüístico, tal relação entre o significado figurado e a forma de uma expressão, pode ser

estabelecida entre o significante, ou a expressão idiomática em si, e o símbolo, ou o seu sentido, de uma maneira não totalmente arbitrária. Saussure já acreditava que há uma ligação natural entre o significante e o significado das expressões, e a partir deste pressuposto, pode-se fazer a generalização para o contexto desta pesquisa, ou seja, entre a expressão idiomática e seu sentido não-literal.

Tais crenças reforçam a trajetória teórica desenhada neste estudo. Em primeiro lugar, conforme corroborado no capítulo 2 deste trabalho, a natureza do significado das expressões idiomáticas não se dá aleatoriamente como indicavam as primeiras pesquisas sobre estas expressões. Fato que enfraquece a idéia de atribuir um sentido ilógico para as expressões idiomáticas, que não podem mais ser consideradas como blocos fixos e indivisíveis.

Em segundo lugar, o enfraquecimento destas pesquisas, vem a fortalecer, então, a segunda etapa dos estudos acerca do comportamento e da natureza das expressões idiomáticas. De acordo com esta nova abordagem, as expressões idiomáticas são analisadas através de uma nova ótica, que observa novas características deste grupo de expressões. Fatores composicionais do seu sentido, alterações que são permitidas por algumas expressões e a motivação que deu origem ao surgimento de uma expressão são elencados pelos teóricos que se dedicaram ao estudo das expressões idiomáticas.

A partir deste fato, foi apresentada uma definição de expressão idiomática, ainda no capítulo 2, que será utilizada ao longo deste estudo para fins metodológicos, e que, leva em consideração, dois fatores principais envolvidos na formação do significado não-literal destas expressões: a idiomaticidade e a composicionalidade das expressões idiomáticas.

Em seguida, no capítulo 3, as duas características principais foram apresentadas através de uma perspectiva diacrônica, com o objetivo de elucidar questões que foram apresentadas e discutidas pelos pesquisadores da área. E, a partir destas considerações, a autora desta pesquisa delineou uma escala, que apresenta um *continuum*, onde a idiomaticidade e a composicionalidade estão dispostas e relacionadas com alguns fatores típicos das expressões idiomáticas. Tal pressuposto pode ser observado na figura 5, apresentada na seção 3.1 deste capítulo.

Desta maneira, estando o cenário sobre as expressões idiomáticas definido, tornou-se necessário fazer a explanação acerca da teoria pragmática que será utilizada na análise do próximo capítulo. Para atingir tal objetivo, a Teoria das Implicaturas de Grice foi delineada, acompanhada de exemplos que caracterizam sua perspectiva de análise da linguagem em situações reais de uso. Além disso, críticas e comentários a respeito da teoria de Grice foram apresentadas e comprovam o rigor e a importância deste arcabouço teórico dentro do campo dos estudos lingüísticos.

Portanto, o objetivo desta seção, é traçar as relações que se fazem entre a natureza do significado implícito das expressões idiomáticas e a compreensão das mesmas através da Teoria das Implicaturas de Grice.

Leme (2002) através da sua análise da natureza do sentido implícito das expressões idiomáticas da língua inglesa, através da Teoria das Implicaturas de Grice, comprovou que o referencial teórico griceano é capaz de descrever adequadamente o processo inferencial através do qual os falantes do inglês inferem o significado idiomático destas expressões. A análise de 22 expressões idiomáticas mostra que o significado figurado delas não se esgota no nível semântico, e sim no nível pragmático, pois o contexto comunicacional é sempre levado em consideração, ou seja, se o ouvinte considerar apenas o significado semântico das palavras do enunciado ele não obterá sucesso no processo de compreensão destas expressões. Portanto, pode-se afirmar que a natureza do significado delas encontra-se no nível pragmático; assim sendo, o sentido idiomático das expressões está implícito no enunciado, o que gera o processo inferencial.

Além disso, de acordo com a pesquisadora (2002), as expressões idiomáticas geram implicaturas conversacionais particularizadas, porque o contexto em que determinada expressão idiomática é utilizada é um dos fatores que auxilia o receptor durante o processo de compreensão do enunciado. Porém, como o significado da expressão em questão é constante (é possível determinar inúmeros contextos que o significado idiomático da expressão permanece o mesmo), a implicatura passa a ser do tipo convencional, ou seja, apenas o enunciado auxilia o ouvinte no momento da compreensão do mesmo porque o sentido idiomático da expressão está mais presente na mente dos indivíduos do que o significado literal das palavras.

Em contrapartida, quando o falante utilizar uma expressão idiomática com seu sentido literal, aí então o contexto comunicacional auxilia o ouvinte durante o processo inferencial e a

implicatura gerada é do tipo conversacional particularizada, porque o contexto da situação específica juntamente com o enunciado é que fornecem as pistas para a correta interpretação por parte do receptor.

Outro fato apontado por Leme (2002), é que as expressões idiomáticas quando utilizadas com seu significado figurado, na maior parte dos casos analisados, violam a máxima de relação, já que o significado idiomático da expressão parece não ter relação alguma com o tópico do diálogo.

Tais descobertas podem ser relacionadas com apontamentos de outros autores que também investigaram o comportamento das expressões idiomáticas. De acordo com Glucksberg (1993), o problema com estas expressões é que assim como muitos itens lexicais, elas têm uma estrutura interna que parece interagir com a produtividade dos mecanismos sintáticos e semânticos de uma língua.

Gibbs *et al.* (1989) afirmam que tais expressões são compreendidas mais rapidamente se interpretadas de acordo com seus significados idiomáticos do que se interpretadas em seus sentidos literais. O significado de "*morrer*" da expressão "*kick the bucket*", por exemplo, é compreendido mais rapidamente do que o seu significado literal de "*chutar o balde*". Similarmente, a expressão "*spill the beans*" é mais rapidamente reconhecida do que a sua paráfrase literal "*tell the secrets*" (revelar segredos).

Pulman (1993) argumenta que a flexibilidade das expressões idiomáticas não deve ser explicada através de uma teoria sintática, mas sim através de uma teoria semântica e da interpretação contextual dos enunciados nos quais elas ocorrem, ou seja, através de uma teoria pragmática. Deste modo, dada uma sentença, o sistema de processamento analisa gramaticalmente o enunciado, aplica as regras semânticas composicionais e fornece a forma lógica da sentença, que pode servir como um "*input*" para o mecanismo inferencial, que tem acesso ao significado postulado e às regras idiomáticas da expressão, ou seja, reúne as informações fornecidas pelo contexto comunicacional e o significado atribuído para aquela expressão, que juntos fornecem o significado implícito da expressão idiomática. Este processo pode adicionar interpretações figuradas à cadeia de significados e os papéis das interpretações figuradas e literais são então avaliadas contextualmente.

Dessa maneira, pode-se afirmar que é através do processo inferencial que os participantes do ato comunicativo captam o significado implícito das expressões idiomáticas, diferenciando através do seu uso o significado literal da expressão.

Pulman (1993) define esse procedimento como "*adequação contextual*", ou seja, o processo de retirar a informação que pode ser derivada lingüisticamente de uma sentença e adicioná-la com informações fornecidas pelo contexto ou pelo conhecimento prévio dos participantes do ato comunicativo, fato que leva o falante e o ouvinte a uma interpretação completa e específica para aquele enunciado naquele contexto particular.

Portanto, de acordo com os apontamentos de Leme (2002) e dos autores referenciados nesta seção, é possível afirmar que a natureza do significado das expressões idiomáticas não se esgota no nível sintático ou semântico, já que o contexto comunicacional é sempre levado em conta durante o processo de interpretação e compreensão. Logo, pode-se dizer que o significado de uma expressão idiomática é captado através da relação entre o significado lingüístico da expressão e o contexto comunicacional, o que gera uma implicatura conversacional ou convencional, dependendo da situação comunicativa, ou seja, fato que implica um raciocínio inferencial por parte dos falantes do ato comunicativo.

Além disso, é possível perceber que o significado idiomático está mais presente na mente dos interlocutores do que o significado literal das palavras. Portanto, isto parece ser uma evidência a favor da natureza do significado implícito das expressões idiomáticas quando utilizadas numa situação comunicativa, bem como ilustra a fragilidade das teorias sintática e semântica para descrever e explicar este fenômeno, que é facilmente ilustrado através da teoria griceana.

Logo, conforme delineado anteriormente, através da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), é possível explicar como os enunciados podem comunicar o que se tem chamado tradicionalmente de conteúdos explícitos e implícitos das mensagens. E, dentro dos estudos dos implícitos, as expressões idiomáticas representam um importante campo de investigação, já que o significado destas expressões não se esgota no enunciado dito por um interlocutor, ou, em outras palavras, no nível explícito.

Desse modo, um aprendiz da língua inglesa, ao se deparar com o uso de uma expressão idiomática pode não ter competência comunicativa suficiente para compreender o significado figurado desta expressão. Esta dificuldade se dá pelo fato de haver expressões idiomáticas cujos sentidos são aparentemente imprevisíveis, ou seja, não correspondem à soma dos significados de suas partes.

Assim sendo, através da análise apresentada por Leme (2002), que comprova que a Teoria Griceana apresenta condições descritivas e explanatórias através do processo de inferências, também chamado de processo de implicaturas, de esclarecer uma propriedade inferencial do uso das expressões idiomáticas da Língua Inglesa. Através dos exemplos analisados e em todos os casos apresentados, o significado idiomático da expressão é gerado a partir da violação ou não de uma das máximas griceanas, já que não é possível obter o completo sucesso na comunicação se somente o significado literal da expressão for levado em consideração. Portanto, pode-se concluir que o processo de implicaturas griceano é capaz de descrever e explicar um dos aspectos do uso destas expressões.

Além disso, *Op. Cit.* (2002) afirma que mesmo que as expressões idiomáticas tenham um conteúdo convencional semântico próprio das línguas, o uso destas expressões pode ser mais bem esclarecido via Teoria das Implicaturas de Grice, principalmente através do processo inferencial que envolve a violação da máxima de relevância, fenômeno que também foi confirmado através da análise das expressões em situações comunicacionais.

A partir da análise das 22 expressões idiomáticas contextualizadas, a autora conclui que durante o processo de compreensão destas expressões, o receptor percebe que não é possível processar a expressão somente utilizando o sentido literal das palavras que a compõem. Logo, ele reúne as informações contextuais que estão disponíveis para ele naquele momento juntamente com o enunciado fornecido pelo seu interlocutor. Então, o receptor percebe que houve uma aparente quebra de uma máxima griceana e infere o significado implícito da expressão idiomática em questão.

Além disso, a implicatura gerada pela violação ou pela aparente violação de uma das máximas conversacionais será sempre do tipo convencional quando a expressão estiver sendo utilizada com seu significado idiomático, já que o significado figurado de uma expressão é

constante; mesmo que ela ocorra em contextos variados, seu significado implícito permanece o mesmo.

Por outro lado, quando uma expressão idiomática estiver sendo utilizada com o seu significado literal, a implicatura gerada é do tipo conversacional particularizada, porque as pistas contextuais particulares de cada situação ajudam o receptor no momento da realização do processo inferencial. Em outras palavras, pode-se afirmar que as informações contextuais pertencentes ao diálogo são de fundamental importância para o interlocutor, que une a elas o enunciado dito e então consegue apreender o sentido literal da expressão.

Portanto, o que se viu neste capítulo foi a explanação teórica a respeito das duas características apontadas na definição de expressão idiomática elencada neste estudo. Desse modo, a idiomatidade e a composicionalidade das expressões idiomáticas foram revisitadas e relacionadas através de um *continuum* proposto pela autora deste trabalho, conforme pode ser observado na figura 5.

A seguir, a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) foi apresentada e comentada com o intuito de delinear sua importância e seu rigor dentro do campo dos estudos linguísticos.

Finalmente, a relação que se faz entre a natureza do significado das expressões idiomáticas e a capacidade explanatória da teoria griceana foi descrita. As relações entre o que é dito quando um falante utiliza uma expressão idiomática e o conteúdo implícito da mensagem que contém uma expressão deste tipo foram elucidadas a luz da teoria pragmática e comprovadas através da pesquisa de Leme (2002).

No próximo capítulo deste trabalho, será apresentada a análise das expressões idiomáticas e de suas características (a idiomatidade e a composicionalidade) com o objetivo de observar em que medida a motivação situacional que deu origem à criação de uma determinada expressão idiomática, contribui para o fortalecimento dos traços composicional e idiomático destas expressões.

Para que tal objetivo seja alcançado, um *corpus* de expressões idiomáticas será definido bem como suas origens históricas acompanhadas do significado idiomático inicial das

expressões. Através de uma análise diacrônica, espera-se analisar as possíveis mudanças que possam ocorrer com este grupo de expressões e também o sentido idiomático que atualmente é atribuído a elas. Por fim, com o auxílio da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), a autora anseia analisar as expressões idiomáticas em situações reais de uso contrastando seu significado inicial com o sentido contemporâneo de tais expressões, a fim de mensurar a contribuição dos traços composicional e idiomático.

4 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: IDIOMATICIDADE E COMPOSICIONALIDADE NA INTERFACE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA-ETIMOLÓGICA

“The very word ‘Idiom’ comes from the Greek ‘idios’, ‘one’s own, peculiar, strange’. Idioms therefore break the normal rules. They do this in two main areas – semantically, with regard to their meaning, and syntactically, with regard to their grammar. A consideration, then, of the semantic and syntactic elements of idioms leads to an answer to the question: What is an idiom?”
Flavell e Flavell (2002, p. 6)

Este capítulo objetiva analisar as expressões idiomáticas dentro da abordagem pragmática, e, mais especificamente, de acordo com a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), buscando esclarecer o processo de compreensão do significado não-literal destas expressões. Portanto, em primeiro lugar, é apresentado o panorama de análise das expressões idiomáticas, bem como os critérios que norteiam a investigação. Logo após, é construída a análise do *corpus* desta pesquisa. Por fim, são pontuadas e discutidas as descobertas feitas através da análise.

4.1 CRITÉRIOS NORTEADORES DA ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Esta seção apresenta o quadro teórico que será utilizado durante a análise das expressões idiomáticas através das conclusões apresentadas nos capítulos anteriores desta pesquisa.

Portanto, conforme ilustrado no primeiro capítulo deste estudo, as expressões idiomáticas variam de expressões aparentemente unitárias (como *by and large*) até expressões compostas (por exemplo, *carry coals to Newcastle*) nas quais o sentido idiomático pode ser capturado a partir dos significados originais de suas partes e do seu conteúdo alusivo.

Tal variabilidade, por si só, já é um indício de que elas apresentam graus de composicionalidade da sua interpretação semântica. Autores como Cacciari e Tabossi (1988) e Gibbs et al (1989), entre outros já mencionados anteriormente, apresentaram diferentes maneiras de classificar as expressões idiomáticas de acordo com o traço composicional.

De modo geral, estas tipologias procuravam abordar o caráter variável destas expressões, através da sua estrutura léxico-gramatical, e o grau de facilidade apresentado por elas durante a recuperação do seu sentido figurado, ou seja, a presença maior ou menor da composicionalidade.

Para atingir tal objetivo, características sintáticas, semânticas e pragmáticas foram esclarecidas com o intuito de determinar um padrão de funcionamento para estas expressões. Entretanto, os autores parecem concordar que, definitivamente, as expressões idiomáticas se constituem num dos fenômenos mais desafiadores para as teorias tradicionais sobre a linguagem natural.

Gibbs (1990, 1993) e Glucksberg (1993) acreditam que os problemas enfrentados pelas teorias tradicionais estão ligados à ausência do traço idiomático durante o processo de análise destas expressões, que pecam ao fazer considerações e generalizações, e assim, então, acabam negligenciando sua verdadeira natureza. Em oposição a estas abordagens, os estudos mais recentes passam a considerar a idiomaticidade como um fator importante para desencadear a adequada compreensão do sentido não-literal de uma expressão idiomática.

Gibbs (1995) acrescenta que as expressões idiomáticas são composicionais e que seus sentidos figurados são motivados pelo conhecimento metafórico que as pessoas possuem sobre o mundo. Essas relações metafóricas é que estariam presentes na construção semântica do sentido idiomático de uma expressão e faz, então, com que elas sejam totalmente compreendidas, se observadas adequadamente.

Portanto, tais afirmações corroboram o delineamento do arcabouço teórico traçado neste trabalho. Desse modo, se as expressões idiomáticas forem analisadas de acordo com a perspectiva composicional, os primeiros estudos sobre o comportamento destas expressões tem seu valor teórico enfraquecido. Pesquisadores como Smith (1925), Roberts (1944), Weinreich (1969), Makkai (1972), Katz (1973) e Chomsky (1980) ilustram a tendência inicial das pesquisas sobre as expressões idiomáticas e as caracterizam, de maneira geral, como blocos fixos de palavras que apresentam um sentido ilógico.

Todavia, através da flexibilidade sintática ou da flexibilidade lexical permitida por algumas expressões, novos estudos apresentaram características diferentes para este grupo de

expressões. A partir do surgimento da Escala da Hierarquia de Fraser (1970) apresentada no primeiro capítulo, muitas pesquisas buscaram melhor esclarecer o funcionamento das expressões idiomáticas. Nunberg (*apud* Nunberg *et al.*, 1994), Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Nunberg *et al* (1994), Fernando (1996), Moon (1998) e Pitt e Katz (2000) são alguns dos pesquisadores que trabalharam dentro desta nova perspectiva.

Sendo assim, Fernando (1996) e Pitt e Katz (2000) são os autores mais adequados para fornecerem os subsídios que descrevem a definição de expressão idiomática adotada neste trabalho e que considera, por sua vez, duas características principais: a idiomaticidade e a composicionalidade.

Riehemann (2001), ao escrever sua tese de doutorado, acredita que a principal motivação das expressões idiomáticas é que as palavras não podem ocorrer com seus sentidos idiomáticos fora da expressão como um todo e que a construção de uma expressão idiomática envolve mais do que uma simples combinação aleatória. A autora observa as estruturas complexas apresentadas por algumas expressões e acredita que elas possuam uma natureza composicional.

Além disso, Riehemann observa que alguns tipos de variações envolvem uma modificação semântica das partes constituintes das expressões idiomáticas, que mostram, por sua vez, que estes pedaços de expressões possuem correspondentes com as “fatias” do sentido idiomático.

A pesquisadora também reconhece o papel da idiomaticidade das expressões idiomáticas e acredita que esta característica está relacionada com a possibilidade que algumas expressões possuem, que é a alteração estrutural. Finalmente, Riehemann postula que o fenômeno da idiomaticidade por si só não é encontrado livremente nas línguas, mas que ele ocorre em determinados contextos e construções, como, por exemplo, nas expressões idiomáticas.

Desse modo, o segundo capítulo deste trabalho teve como objetivo descrever diacronicamente a idiomaticidade e a composicionalidade para caracterizar a importância destes fatores para a adequada compreensão do objeto de estudo desta pesquisa. Além disso, foi delineada a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) com o intuito de traçar o panorama que será utilizado durante a análise destas expressões neste capítulo. Essa teoria foi descrita e ilustrada

com exemplos acerca da linguagem natural e, mais especificamente, com exemplos de expressões idiomáticas utilizadas em situações comunicacionais, caracterizando as diversas nuances da abordagem pragmática e da sua capacidade explanatória dos fenômenos lingüísticos.

De acordo com esta perspectiva, na próxima seção, as expressões idiomáticas serão analisadas dentro de situações comunicacionais com o objetivo de examinar o grau de idiomaticidade e de composicionalidade envolvidos durante o processo de compreensão das mesmas. Além disso, as motivações históricas que colaboraram para a formação de cada expressão idiomática pertencente ao *corpus* deste trabalho são descritas e investigadas a fim de comprovar a influência destas motivações sobre o sentido idiomático de cada expressão. Finalmente, procurar-se-á examinar também se há a permanência do significado figurado original de cada expressão ainda hoje ou se novos fatores influenciaram uma alteração deste sentido ao longo da evolução da língua inglesa.

Logo, a escala descrita a seguir será utilizada para investigar o grau de influência da idiomaticidade e da composicionalidade na formação do sentido figurado das expressões idiomáticas. A relação dos dois fatores elencados na figura abaixo foi definida na seção 3.1 e foi comprovada através das afirmações de Fernando (1996), Moon (1998), Schapira (1999), Pitt e Katz (2000) e Riehemann (2001).

GRAUS	INFLUÊNCIA DOS DOIS FATORES
Nível 1	Menor idiomaticidade / Maior composicionalidade
Nível 2	Idiomaticidade = Composicionalidade
Nível 3	Maior idiomaticidade / Menor composicionalidade

Figura 6 – Os graus de idiomaticidade e de composicionalidade das expressões idiomáticas
 Fonte: A autora (2008)

Através dos níveis determinados na figura acima, as expressões serão analisadas e classificadas de acordo com a presença maior ou menor de cada um dos dois fatores com base nas teorias descritas e nas observações empíricas do comportamento das expressões.

Para que as motivações históricas que incentivaram o surgimento de uma determinada expressão idiomática sejam adequadamente investigadas e comprovadas, serão utilizados seis dicionários etimológicos da língua inglesa. São eles: *Chambers Etymological English Dictionary* (1886), *Roget's Thesaurus of English Words and Phrases* (1936), *Dictionary of Word and*

Phrase Origins (1962) e *Roget's Thesaurus* (2007) que compreendem o período desde o surgimento das expressões do *corpus* utilizado aqui até a atualidade. Além disso, será consultado também o dicionário *Oxford Dictionary of English* (2005) que traz informações históricas sobre os vocábulos e algumas expressões e se constitui numa obra consagrada da língua inglesa. Assim, as origens da criação das expressões idiomáticas poderão ser observadas permitindo que possíveis contribuições ou alterações que tenham acontecido diacronicamente sejam identificadas.

Com o objetivo de corroborar as descobertas descritas sobre a formação das expressões idiomáticas, também serão consultados outros sete dicionários específicos sobre expressões idiomáticas da língua inglesa para confirmar a veracidade das informações. São eles: *Oxford Dictionary of Current Idiomatic English* (1975), *Dictionary of Idioms and Their Origins* (1992), *Scholastic Dictionary of Idioms* (1996), *Phrases and Idioms* (1998), *The American Heritage Dictionary of Idioms* (2003), *Collins Cobuild Dictionary of Idioms* (2003) e *McGraw-Hills's Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs* (2006).

Portanto, a partir do exposto, pode-se afirmar que o aparato teórico apresentado neste estudo busca melhor esclarecer o funcionamento de um dos aspectos da linguagem natural, as expressões idiomáticas, e, em especial, as expressões da língua inglesa, que possuem características muito específicas em relação ao seu comportamento.

Dessa maneira, a idiomatidade, que se constitui num fenômeno lingüístico presente nas línguas de modo geral, juntamente com a composicionalidade, que passa a ser observada através da perspectiva pragmática, são reunidas e utilizadas num *continuum* criado para mensurar a presença destas características e seus efeitos durante a compreensão das expressões idiomáticas. Por sua vez, a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) serve de panorama para que tal análise seja possível, além de ser capaz de explicar, mais adequadamente, a dinâmica do processo de compreensão do significado implícito destas expressões. Finalmente, a interface entre a idiomatidade, a composicionalidade e a Teoria Griceana é completada com o traço etimológico, que procura fornecer subsídios para descrever o surgimento das expressões elencadas no *corpus* desta pesquisa.

Para que o quadro teórico fique completo, resta ainda apresentar as expressões idiomáticas que constituem o *corpus* da pesquisa, que estão listadas na ordem em que elas serão analisadas. São elas:

1. Asleep at the switch
2. Kick the bucket
3. Rub the wrong way
4. Bring down the house
5. Through the grapevine
6. Footloose and fancy free
7. Break the ice
8. Spill the beans
9. Bite the bullet
10. Go down the drain
11. Carry the ball
12. Face the music
13. Bark is worse than a bite
14. Black sheep of the family
15. Be in the driver's seat
16. Has the cat got your tongue
17. Don't count your chickens before they hatch
18. Drop someone like a hot potato

Por fim, as expressões idiomáticas serão enquadradas em situações comunicacionais formuladas de acordo com o modelo de cálculo inferencial utilizado pela Teoria das Implicaturas de Grice (1975):

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) O contexto (conjunto de proposições potenciais, conhecidas por (A) e (B) ou que, pelo menos, possam ser aceitas como não-controversas);
- (E) O enunciado (a expressão idiomática contextualizada);
- (I) Implicaturas (inferências pragmáticas Griceanas).

A seguir, a análise das expressões idiomáticas da língua inglesa é detalhadamente apresentada a fim de verificar as questões norteadoras que permeciam esta investigação.

4.2 A ANÁLISE DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE ACORDO COM A TEORIA DAS IMPLICATURAS DE GRICE

Através do delineamento teórico apresentado anteriormente, o que se segue são as análises das expressões idiomáticas acompanhadas de considerações acerca dos seus comportamentos. Além disso, a utilização de cada expressão é ilustrada em situações reais de comunicação, dentro de contextos pré-determinados.

Expressão Idiomática 1: Asleep at the switch

(E1) 1.1 A: What happened to Shelley? She's so sad!

1.2 B: Well, she lost her job because she was *asleep at the switch*.

1.3: A: Oh! Poor girl.

(I) Shelley perdeu seu emprego por não corresponder às expectativas de seu chefe.

Através do uso da expressão idiomática, percebe-se que o significado literal dos vocábulos da expressão parece não fazer sentido com o tópico do diálogo. Se o sentido literal de *asleep* (adormecer) e de *switch* (interruptor) forem levados em consideração, a utilização da expressão fica fora do contexto do diálogo. Porém, se o significado idiomático da expressão é utilizado (no caso, fazer menos do que o esperado, do que se deveria), o diálogo ganha sentido.

Tal constatação pode ser relacionada com a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) que afirma que os participantes de uma determinada situação comunicacional tendem a ser cooperativos.

Então, através do sentido lingüístico usual do que é dito, da informação contextual compartilhada pelos falantes e da suposição de que o emissor está obedecendo ao Princípio Cooperativo, pode-se afirmar que o falante do enunciado 1.2 esteja, aparentemente, violando as máximas conversacionais de relação e modo. Afinal, o significado literal da expressão não é relevante com a situação acima e também não parece ser objetiva e clara.

Dessa maneira, ao utilizar a expressão *asleep at the switch*, o falante gerou uma implicatura conversacional generalizada, já que está na dependência do código lingüístico e de pistas contextuais para ser inferida.

Observe a análise da implicatura com base no cálculo descrito na Teoria Griceana, já explicitado detalhadamente na seção 3.2 do capítulo anterior desta pesquisa:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – Shelley gostava de seu emprego;
2 – Porém Shelley trabalhava pouco;
3 – Shelley não era uma funcionária esforçada;
4 – Shelley não percebeu que não estava atendendo às expectativas da empresa.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E1.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E1.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E1.2) e implicou (I).

Logo, através deste exemplo, é possível observar que o significado das expressões idiomáticas não se esgota no nível do dito, e sim, é complementado com informações que estão no nível do que é implicado. Em outras palavras, pode-se dizer que as expressões idiomáticas quebram as normas da semântica das línguas, já que seus significados não correspondem à soma do sentido dos seus vocábulos constituintes.

Além disso, a composicionalidade observada sob o escopo da pragmática ganha seu espaço no processo de compreensão das expressões idiomáticas e valida as teorias apresentadas anteriormente.

Assim sendo, é possível afirmar que a semântica foi enriquecida com um significado que pertence ao todo, ou seja, com o significado figurado da expressão idiomática que, por sua vez, parece estar disponível já que o falante (A) inferiu seu sentido não-literal. Portanto, tais verificações estão de acordo com o arcabouço teórico delineado nos capítulos anteriores deste trabalho e demonstram a validade da pesquisa até o momento.

Outra constatação possível a partir do exemplo acima é que o significado de uma expressão idiomática é uma variação do contexto literal que se torna constante, já que o significado de uma expressão será sempre o mesmo independentemente do contexto em que ela esteja inserida. Desse modo, o sentido da expressão idiomática, gerado através de uma implicatura conversacional generalizada, passa a ser convencional já que o significado idiomático não será alterado, não importando o contexto do seu uso.

Além disso, pode-se afirmar que o sentido idiomático das expressões viola aparentemente as máximas conversacionais. Sabe-se que quando alguém afirma algo falso o outro interlocutor está autorizado a procurar o significado naquele contexto. No caso das expressões idiomáticas, os interlocutores parecem estar de comum acordo com relação ao significado da expressão em questão, fazendo então, com que a violação seja falsa, já que o receptor sabe que deve procurar o sentido implícito da expressão idiomática.

Com relação a composicionalidade e a idiomaticidade, de acordo com a tabela criada na seção 4.1, esta expressão é considerada de nível 3, já que seu sentido literal não indica pistas para a conclusão do seu significado idiomático. Ou seja, o sentido literal 'adormecer na tomada ou no interruptor' não mostra indícios da relação com 'não estar apto a realizar determinadas atividades em tempo' ou ainda 'de não corresponder às expectativas de alguém, especialmente o chefe, a pessoa responsável'.

Outro fato que merece consideração é a questão da origem da expressão idiomática. Através de pesquisas nos dicionários já mencionados na seção 4.1, sabe-se que a expressão surgiu no início do século XVIII na área das ferrovias onde uma das mais importantes tarefas de um ferroviário era comandar a alavanca localizada na bifurcação dos trilhos no momento adequado. Se o trabalhador adormecesse no lugar, no momento da troca, o trem poderia sair dos trilhos ou mesmo colidir com outro. Ao longo do tempo, seu uso foi ampliado e, atualmente, a

expressão é utilizada com qualquer pessoa que não consiga realizar as tarefas que lhe são cabidas adequadamente, no momento certo.

Através da contribuição etimológica, pode-se inferir que a expressão ganha composicionalidade quando interpretada a partir da situação motivacional de sua criação. Entretanto, com o passar do tempo, a história do seu surgimento foi sendo esquecida e a expressão, hoje em dia, é utilizada como se o seu sentido fosse global. Pode-se afirmar que durante o processo de recuperação do seu significado, conforme ilustrado na análise acima, através da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), as pessoas inferem seu sentido inteiro, usando as informações contextuais que estão disponíveis para elas no momento da utilização.

Em outras palavras, diacronicamente, a origem da criação da expressão idiomática é apagada e o que fica disponível aos usuários da língua é o seu sentido figurado como um todo. Ou seja, os falantes da língua inglesa sabem que o sentido da expressão *asleep at the switch* é falhar, não ser capaz de cumprir com a sua responsabilidade, mas eles, provavelmente, não recuperam o histórico do surgimento da expressão durante sua utilização.

A partir desta constatação, pode-se concluir que, quando do “desaparecimento” da situação motivacional da criação de uma expressão, ela passa a ser considerada como um sintagma, com seu significado global.

Da mesma maneira, se a expressão for considerada no momento da sua criação, quando os falantes conheciam a origem do seu sentido figurado, poder-se-ia classificá-la como sendo de nível 1, já que há muita composicionalidade presente no seu significado idiomático. Ao longo do tempo, ela passou para o nível 2 e hoje é classificada como nível 3 porque a idiomaticidade é mais presente do que a composicionalidade.

Observe outro exemplo analisado:

Expressão Idiomática 2: Kick the bucket

(E2) 2.1 A: Do you know any news about John?

2.2 B: Yeah. He *kicked the bucket* a few days ago.

2.3: A: Oh! How sad! I hope his family is OK.

(I) John morreu há alguns dias.

Mais uma vez, percebe-se que o sentido literal das palavras da expressão idiomática em questão não corresponde ao contexto do diálogo. Portanto, se os falantes da situação comunicacional estão sendo cooperativos, conforme afirma a Teoria das Implicaturas de Grice (1975), o significado da expressão *kick the bucket* está no nível implícito, e não no nível do explícito.

Desse modo, ao reunir as informações contextuais, o sentido dos enunciados e a crença de que os usuários da língua estejam sendo cooperativos, obtém-se o cálculo inferencial para que se possa verificar a compreensão do sentido não-literaI da expressão idiomática. Observe:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – John era conhecido dos interlocutores A e B;
2 – John estava doente;
3 – John estava hospitalizado.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E2.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E2.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E2.2) e implicou (I).

Através deste exemplo, também é possível observar que o significado implícito da expressão idiomática é recuperado em sua totalidade e encontra-se no nível do que é implicado. Logo, o falante (B), ao ouvir a utilização da expressão *kick the bucket*, percebe que o significado literal das palavras (no caso, chutar o balde) não está de acordo com o tópico do diálogo, e então, ele reúne as informações contextuais que estão disponíveis e infere que ela esteja sendo usada com seu sentido figurado (morrer), tornando a comunicação bem sucedida.

Portanto, a implicatura gerada, num primeiro momento, parece ser a Implicatura Conversacional Generalizada, já que o sentido implícito encontra-se relacionado com o código, ou o enunciado, e o contexto comunicacional. Porém, conforme afirmado anteriormente, como o significado da expressão é sempre o mesmo, independentemente da situação comunicacional, a implicatura passa a ser do tipo Convencional, ou seja, ela só é dependente do código lingüístico, do enunciado.

Para verificar tal constatação, observe a mesma expressão idiomática sendo usada em outra situação, num contexto diferente:

Expressão Idiomática 2: Kick the bucket

(E2) 2.4 A: Peter, what about that old car that your mother had?

2.5 B: Uau! During last summer my mom's Thunderbird kicked the bucket!

2.6 A: What a pity! It was a beautiful car.

(I) O carro antigo da mãe de Peter estragou completamente.

Novamente, através deste diálogo, a expressão *kick the bucket* expressa o fim de algo ou alguém. Nesta situação, há a morte simbólica do carro, que, provavelmente, não funciona ou não existe mais.

Desse modo, o cálculo inferencial realizado permite inferir o sentido figurado da expressão que é capturado através de uma Implicatura Convencional, pois seu sentido é constante e não há dependência de pistas contextuais particulares para que seu significado seja compreendido.

Veja o cálculo inferencial desta situação comunicacional:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A mãe de Peter possuía um Thunderbird bastante antigo;

2 – Os amigos de Peter conheciam o carro;

3 – O carro estava com problemas mecânicos.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E2.5);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E2.5) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E2.5) e implicou (I).

Do ponto de vista das características das expressões idiomáticas, *kick the bucket* também é classificada como sendo de nível 3, pois seu sentido idiomático não apresenta traços fortes composicionais, ou seja, a presença mais forte é da idiomaticidade.

Em contrapartida, se a origem da expressão for levada em consideração, tal definição muda, pois o motivo situacional do surgimento da expressão aumenta a composicionalidade da mesma.

Através da consulta ao material já mencionado, descobriu-se que a expressão *kick the bucket* começou a ser utilizada no início do século XVI quando era costumeiro matar criminosos através do enforcamento. A prática consistia em deixar o condenado em pé em cima de um balde, colocar uma corda em volta do seu pescoço e então chutar o balde de baixo dos seus pés. Ou seja, o ato de chutar o balde resultava na morte da pessoa. Além disso, as fontes também acrescentam que os prisioneiros, ainda encarcerados, quando queriam cometer suicídio, enforcavam-se em suas celas da mesma maneira, colocando a corda em volta do pescoço e eles mesmos chutavam o balde que estava sob seus pés.

Ao longo do tempo, a expressão ganhou espaço e hoje em dia ela é utilizada em qualquer contexto que envolva a morte de alguém ou o término de algo.

Portanto, se os fatos da criação da expressão idiomática são conhecidos, sua compreensão torna-se mais fácil e ela passa a ser considerada de nível 1 pois há a composicionalidade mais fortemente presente. Assim como no exemplo anterior, com a expressão idiomática *asleep at the switch*, logo após o surgimento da expressão, a composicionalidade está muito clara, porém, com

o passar do tempo, ela parece esvair-se, e a expressão começa a perder composicionalidade. Então, ela é classificada como de nível 2, até chegar ao nível 3, hoje em dia.

Então, ao reunir todos os fatores analisados, pode-se afirmar que a semântica, novamente, é enriquecida com o traço pragmático, que por sua vez, facilita o processo de compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas. Além disso, a origem da expressão influencia as características das mesmas, que também sofrem alterações diacronicamente.

Veja mais uma expressão idiomática sendo utilizada:

Expressão Idiomática 3: Rub the wrong way

(E3) 3.1 A: Did you hear what she just said?

3.2 B: Uh-huh. What's wrong?

3.3 A: Well, it *rubbed me the wrong way*.

(I) A ouviu um comentário de alguma colega e não gostou, o que o deixou irritado.

Este terceiro exemplo confirma as constatações anteriores e corrobora as conclusões alavancadas nesta pesquisa até o presente momento, ou seja, de que o sentido das expressões idiomáticas, que não se esgota no nível semântico, é inferido através da perspectiva pragmática. Pode-se dizer que se o receptor considerasse apenas o sentido literal das palavras, a comunicação não teria sucesso, já que o significado semântico das palavras da expressão *rub someone the wrong way* (mostrar o caminho errado para alguém) não tem relação alguma com o assunto do diálogo, ao passo que o seu sentido figurado se encaixa perfeitamente no tópico da conversação (irritar alguém).

Portanto, mais uma vez, há a aparente violação das máximas de relação e de modo, porém como o destinatário percebe que o remetente está sendo cooperativo, ele sente-se autorizado a buscar o sentido figurado da expressão, que como um todo parece estar mais presente no uso da língua do que o sentido literal das palavras.

Deste modo, pode-se traçar uma relação entre a situação que deu origem para a expressão idiomática e a aparente quebra das máximas conversacionais Griceanas. Afinal, se o motivo da

criação da expressão idiomática não está disponível aos usuários da linguagem, a expressão é processada como um bloco único, e não há conexão aparente entre o significado literal das palavras e seu sentido figurado.

Entretanto, como os usuários conhecem o sentido idiomático da expressão, a quebra é apenas aparente, ou seja, o falante capta o significado não-literal da expressão em questão, através das informações fornecidas no enunciado lingüístico, das informações pertencentes ao contexto comunicacional e da crença de que ambos estão sendo cooperativos, para que a comunicação se torne bem sucedida.

A implicatura convencional também é gerada já que as pistas contextuais podem ser diferentes, mas o significado figurado da expressão será permanente, não sofrerá alteração. Observe o cálculo inferencial da compreensão do sentido figurado da expressão:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são colegas de trabalho;
- 2 – A e B ouviram um comentário que uma terceira colega disse;
- 3 – Esta terceira colega gosta de falar das pessoas.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

- 1 – (A) disse (E3.3);
- 2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (A) sabe que (B) sabe (C);
- 5 – (A) será relevante dizendo (E3.3) se pretender que (B) pense (I);
- 6 – (A) disse (E3.3) e implicou (I).

A fim de comprovar a invariabilidade do sentido figurado de uma expressão idiomática, mesmo que ela seja utilizada em situações comunicacionais diferentes, observe a seguinte frase, que traz a expressão *rub the wrong way* dentro de outro contexto:

Expressão Idiomática 3: Rub the wrong way

(E3) 3.4 It certainly rubbed Mary Jane the wrong way when Mike asked her if she got her hair cut in a pet shop.

(I) Mary Jane ficou irritada com a pergunta de Mike.

De acordo com mais este exemplo, a expressão idiomática permanece com seu mesmo significado idiomático, ou seja, de causar irritação a alguém. E, portanto, é processada através do processo inferencial Griceano, que une as informações lingüísticas ao contexto comunicacional, gerando a inferência do significado, através da quebra das máximas conversacionais de relação e modo.

Assim como no exemplo anterior, a expressão causa apenas a aparente quebra das máximas, já que o falante segue buscando o sucesso na comunicação, e então, implica o sentido figurado da expressão, através de uma Implicatura Convencional.

Resta ainda verificar a contribuição da composicionalidade e da idiomaticidade de acordo com a tabela apresentada na seção 4.1 deste capítulo, que pode ser definida como nível 3 porque a composicionalidade parece não fornecer subsídios suficientes para que se conclua o significado idiomático da expressão. E, em contrapartida, a idiomaticidade está mais fortemente presente, pois “mostrar o caminho errado para alguém” não parece ter relação com “irritar”.

Porém, se a situação motivacional que deu origem para a expressão for considerada, a classificação será diferente. De acordo com o material consultado, e já previamente referido, *rub the wrong way* surgiu no início do século XVIII quando os trabalhadores que cortavam árvores já preparavam a madeira para ser levada até as fábricas. Desse modo, ao limpar e cortar a madeira, mostrar ou fazer o caminho errado significava não respeitar o sentido das veias da árvore, o que causava aspereza nela e prejudicava a qualidade do material e do seu tratamento.

Dentro deste novo contexto, a expressão passa a mostrar um grau maior de composicionalidade, de nível 1. Entretanto, mais uma vez, observa-se o distanciamento que há entre a origem da expressão e o seu sentido idiomático na atualidade.

Portanto, de acordo com as expressões analisadas até aqui, pode-se concluir que a pragmática consegue melhor observar a compreensão das expressões idiomáticas, a partir do pressuposto de que o significado figurado é inferido. Do mesmo modo, a composicionalidade e a idiomatidade são características constantes destas expressões e sua variabilidade diacrônica demonstra a natureza composicional do significado de uma dada expressão, que pode ser enfraquecida na medida em que as motivações históricas do seu surgimento começam a ficar distantes e, conseqüentemente, esquecidas. Finalmente, a contribuição etimológica é fundamental, pois comprova a natureza composicional do surgimento de uma expressão idiomática.

Expressão Idiomática 4: Bring down the house

(E4) 4.1 A: Hey! Look! That's our principal.

4.2 B: Yes! He's on stage dressed like a woman!

4.3 A: Well, he's great! He's *bringing down the house!*

(I) O diretor está vestido de maneira engraçada e está fazendo todos aplaudirem e rirem muito.

Através de mais este exemplo, é possível observar que o significado das expressões idiomáticas não se esgota no nível do dito, e sim, é complementado com informações que estão no nível do que é implicado. Em outras palavras, pode-se verificar que as expressões idiomáticas quebram as normas da semântica das línguas, já que não correspondem ao significado literal das palavras, e nem tampouco à soma dos seus sentidos, fato comprovado em todos os exemplos analisados.

Assim sendo, é possível afirmar que a semântica, novamente, foi enriquecida com um significado que pertence ao todo, ou seja, o sentido figurado da expressão, que, por sua vez, está mais presente na mente dos falantes do que o significado literal das palavras. Portanto, é possível dizer que o significado de uma expressão idiomática é uma variação do contexto literal que se torna constante, visto que o sentido dela será sempre igual independentemente do contexto.

Logo, o significado da expressão é gerado através da aparente quebra das máximas de relação e de modo, conforme já constatado nos exemplos anteriores, causando a geração da implicatura convencional, o que leva o falante a inferir o sentido figurado da expressão.

Observe o cálculo inferencial apresentado no modelo de Grice (1975):

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são colegas de escola;
- 2 – A e B estão num evento realizado pelo colégio;
- 3 – Todos os alunos estão presentes e reunidos.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

- 1 – (A) disse (E4.3);
- 2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (A) sabe que (B) sabe (C);
- 5 – (A) será relevante dizendo (E4.3) se pretender que (B) pense (I);
- 6 – (A) disse (E4.3) e implicou (I).

Com relação à motivação histórica da expressão, ela também parece fornecer subsídios que comprovam a natureza composicional das expressões idiomáticas. *Bring down the house* surgiu, de acordo com os materiais consultados, por volta do início do século XVII, quando a platéia batia palmas veementemente ao final de um espetáculo, causando um barulho muito forte, como se a casa, ou no caso o teatro, fosse realmente cair.

Diacronicamente, a expressão ganhou espaço e começou a ser usada em vários contextos, sempre com o sentido de aplaudir bastante determinada situação. Hoje em dia, a expressão tem o significado de aplaudir muito ou de rir bastante em função de uma situação engraçada.

Portanto, a expressão é considerada de nível 3 se observada somente em relação ao seu significado não-literal e com a contribuição mais forte da idiomaticidade e mais fraca da composicionalidade. Mas, ao contrário, se a motivação histórica que causou o surgimento da expressão for considerada, então ela é classificada como nível 1, pois a composicionalidade passa a ser mais presente, causando o enfraquecimento da idiomaticidade.

Com o intuito de demonstrar a contribuição das informações contextuais para a adequada compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas, observe a mesma expressão sendo utilizada em outra situação comunicativa:

Expressão Idiomática 4: Bring down the house

(E4) 4.4 A: This singer is great!

4.5: You are right. That's why he brings down the house after his show!

(I) O show do cantor é veementemente aplaudido pela platéia.

Observe a descrição do contexto comunicativo:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B estão assistindo uma apresentação de um cantor;

2 – O show está no final;

3 – Toda a platéia está em pé aplaudindo o cantor.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

1 – (B) disse (E4.5);

2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (B) sabe que (A) sabe (C);

5 – (B) será relevante dizendo (E4.5) se pretender que (B) pense (I);

6 – (B) disse (E4.5) e implicou (I).

Logo, através da caracterização da expressão em questão, é possível dizer que o contexto comunicativo é parte importante do processo de compreensão do sentido não-literal de uma expressão idiomática, fato postulado por Grice (1975) em sua teoria, e que ele se constitui num dos elementos facilitadores para a correta inferência deste significado idiomático.

Além disso, é possível observar também a permanência do significado figurado da expressão, mesmo sendo usada em uma situação diferente, fato que comprova a geração de uma implicatura conversacional generalizada que se transforma em uma implicatura convencional, justamente em função da constância deste sentido implícito.

Expressão Idiomática 5: Through the grapevine

(E5) 5.1 A: Jane! I have something to tell you.

5.2 B: What is it?

5.3 A: I heard through the grapevine that I am going to get a big promotion!

(I) A ouviu informalmente, através de rumores ou fofocas, que ele ganhará uma promoção.

Novamente, é possível observar que o sentido figurado da expressão idiomática não está no nível do que foi dito, pois *through the grapevine* (através ou ao longo da videira) não está de acordo com o assunto do diálogo. Portanto, o sentido figurado da expressão encontra-se no nível do que é implicado e é inferido através da aparente quebra das máximas conversacionais de relação e modo do modelo Griceano.

Então, pode-se dizer que o falante (B) capta o sentido não-literal da expressão (ouvir ou descobrir algo através de rumores ou fofocas) ao reunir o enunciado dito, as informações contextuais disponíveis aos participantes do diálogo e acreditando que ambos estão imbuídos num processo cooperativo, para que então a comunicação se torne bem sucedida. Logo, através da geração de uma implicatura convencional, o processo de compreensão é concluído.

Para verificar se a expressão permanece com o mesmo sentido idiomático, observe seu uso em outra situação comunicacional:

Expressão Idiomática 5: Through the grapevine

(E5) 5.4 A: The students heard through the grapevine that the teacher was going to give a surprise test.

5.5 B: This is terrible. I didn't study!

(I) A ouviu informalmente, através de rumores ou fofocas, que o professor fará um teste surpresa.

Através deste outro exemplo, pode-se perceber que o sentido figurado da expressão permanece igual, bem como o processo de compreensão de seu significado. Portanto, há a aparente quebra das máximas de relação e modo e a implicatura gerada também é do tipo convencional.

Veja o processo do cálculo inferencial que, de maneira geral, pode ser aplicado nas duas situações apresentadas com a expressão *through the grapevine*:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são colegas de escola;
2 – A e B estão preocupados com as provas.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

- 1 – (A) disse (E5.4);
- 2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (A) sabe que (B) sabe (C);
- 5 – (A) será relevante dizendo (E5.4) se pretender que (B) pense (I);
- 6 – (A) disse (E5.4) e implicou (I).

É possível, mais uma vez, postular que a semântica das expressões idiomáticas é complementada com a abordagem pragmática, acréscimo que permite melhor caracterizar o comportamento e a compreensão destas expressões. Além disso, a composicionalidade semântica, que não é capaz de descrever a natureza do significado implícito das expressões idiomáticas, ganha uma nova perspectiva, a composicionalidade pragmática, que então descreve adequadamente como os usuários de uma língua conseguem apreender o sentido figurado de uma determinada expressão.

Com relação ao motivo histórico que deu origem para a expressão, através da consulta ao material referido, a expressão surgiu em meados do século XVI e faz alusão ao crescimento da parreira, que gruda seus galhos nas paredes ou em qualquer lugar que esteja próximo dela e continua seu desenvolvimento. De uma maneira similar, as notícias podem circular de pessoa em pessoa, seja na língua falada ou escrita, e então, espalham-se.

Finalmente, se a motivação histórica que colaborou para o surgimento da expressão é levada em consideração, pode-se dizer que a composicionalidade está bastante presente na formação do sentido figurado da expressão, e faz com que ela seja considerada de nível 1. Em contrapartida, se a expressão é observada atualmente, ou seja, quando já houve o distanciamento da sua criação, ela é considerada de nível 3, pois a compreensão literal da expressão não ajuda o falante no seu entendimento enquanto expressão idiomática.

Portanto, pode-se postular que na expressão *through the grapevine*, assim como constatado nos exemplos anteriores, há a presença maior da idiomaticidade em detrimento da composicionalidade. Mas, se a motivação da sua criação for de conhecimento dos usuários da linguagem, então o processo é inverso, há mais presença da composicionalidade e o enfraquecimento da idiomaticidade.

Verifique mais uma expressão idiomática analisada de acordo com a perspectiva pragmática da Teoria das Implicaturas de Grice (1975) juntamente com a contribuição do traço etimológico do seu surgimento *versus* a presença da composicionalidade e da idiomaticidade.

Expressão Idiomática 6: Footloose and fancy-free

(E6) 6.1 A: Do you know if Edward has a girlfriend?

6.2 B: He's just *footloose and fancy-free*.

(I) Edward é solteiro e não tem namorada.

Considerando o que já foi apresentado, é possível observar, novamente, através deste exemplo, que a natureza do significado das expressões idiomáticas não se esgota no nível semântico, e sim no nível pragmático. Ou seja, além do enunciado dito, é necessário considerar também as informações contextuais para que a interpretação do enunciado seja bem sucedida.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a semântica foi enriquecida com o sentido figurado da expressão idiomática *footloose and fancy-free* (não ser comprometido com ninguém, não estar apaixonado por ninguém), que por sua vez, está mais disponível para os falantes do que o significado literal da expressão (pé solto e imaginação livre).

Observe o cálculo inferencial da situação comunicacional descrita acima:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são amigos;
- 2 – A está interessada em Edward;
- 3 – A quer descobrir mais informações sobre Edward.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E6.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E6.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E6.2) e implicou (I).

Logo, através da aparente quebra das máximas conversacionais de relação e modo, B implicou que Edward não está comprometido com ninguém e A inferiu tal fato através de uma implicatura convencional.

Se a expressão em questão for observada com relação aos níveis de composicionalidade e de idiomaticidade apresentados por ela, a mesma será definida como sendo de nível 3 pois seu sentido literal não fornece pistas claras para que seu significado idiomático seja mais facilmente compreendido. Entretanto, através do processo inferencial, o falante pode construir relações implícitas entre o fato de “estar com o pé solto e com a imaginação livre” e o fato de alguém solteiro ter liberdade para ir onde desejar e, assim, compreender mais facilmente o sentido figurado de *footloose and fancy-free*.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o processo de geração de inferências, descrito pela Teoria das Implicaturas de Grice (1975), é capaz de explicar o caminho percorrido pelo usuário da linguagem para que se consiga implicar o sentido figurado das expressões idiomáticas.

Entretanto, analisando a origem da formação da expressão idiomática, tal classificação é alterada já que através do seu surgimento ela passa a apresentar o traço composicional com mais força.

Em consulta aos materiais já definidos na seção 4.1 desta pesquisa, *footloose and fancy-free* teve sua origem no século XVI quando a palavra “*fancy*” significava “amor” e, portanto, “*fancy-free*” designava alguém que não possuía um amor por ninguém, ou seja, estava livre da paixão. Além disso, em meados do século XVII, a expressão “*footloose*” significava que uma pessoa era livre para ir para qualquer lugar, pois estar solto indica que a pessoa não está conectada a nada nem a ninguém.

Então, com o passar do tempo, os dois vocábulo passaram a ser utilizados em conjunto, para designar uma pessoa que está com o coração livre e que pode ir para qualquer lugar, já que não tem ligações afetivas. Atualmente, a expressão é usada para fazer referência à ausência de relações afetivas, de comprometimento com um emprego ou, até mesmo, de conexão com algum lugar, como uma cidade.

Dentro desta nova perspectiva, se a interface entre a etimologia da expressão e as características das expressões idiomáticas forem traçadas, o grau de composicionalidade apresentado pela expressão é maior e o grau de idiomatidade é menor, fazendo com que ela seja considerada de nível 1.

Porém, como estas origens tendem a desaparecer na medida em que o tempo passa, a expressão como um todo começa a se distanciar da motivação que causou seu surgimento e ela passa a ser de nível 2 até chegar ao nível 3 hoje em dia.

A partir da contextualização destas 6 expressões idiomáticas apresentadas até o presente momento, pode-se afirmar que o fenômeno da compreensão do seu sentido figurado é comum para todas. Em outras palavras, pode-se concluir que as 6 expressões possuem um significado figurado que é constante, independentemente da situação comunicacional em que elas estejam

inseridas, conforme ilustrado através das expressões idiomáticas dos exemplos 1 (*asleep at the switch*), 2 (*kick the bucket*), 3 (*rub the wrong way*), 4 (*bring down the house*), 5 (*through the grapevine*) e 6 (*footloose and fancy free*).

Desse modo, se o significado das expressões é invariável, seu sentido é inferido através de uma implicatura convencional, já que não há dependência de pistas particulares da situação comunicativa e nem tampouco de pistas específicas do enunciado lingüístico. Fato que também foi comprovado através das situações delineadas acima.

Além disso, o significado semântico das expressões idiomáticas é complementado pelo traço pragmático de observação dos fenômenos lingüísticos na medida em que o significado delas não se esgota no nível do que foi dito, no nível semântico, mas sim, no nível do que é implicado, no nível pragmático.

Isto acarreta dizer que a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) é capaz de descrever adequadamente o processo de compreensão do sentido implícito destas expressões e que a interface com a etimologia permite, ainda, traçar uma relação entre a criação da expressão e seu desenvolvimento diacrônico, incluindo a influência das duas características atribuídas a elas, ou seja, os níveis de composicionalidade e de idiomaticidade apresentados por uma determinada expressão quando do momento da sua criação e a evolução até os dias de hoje.

Outro fato importante que merece atenção é que as inferências geradas pelo ouvinte em uma situação comunicativa estão na dependência das informações contextuais, do enunciado dito pelo falante e do pressuposto que ambos participantes do diálogo estão sendo cooperativos. A reunião destes três itens é que possibilita, então, a inferência do sentido figurado de uma expressão idiomática.

Veja, então, mais uma expressão idiomática utilizada dentro de uma situação comunicativa:

Expressão Idiomática 7: Break the ice

(E7) 7.1 A: My husband always needs something to *break the ice* when he meets someone for the first time.

7.2 B: Me too! I always get nervous in situations like that.

(I) O marido de A precisa de ajuda para iniciar uma conversa ao conhecer uma pessoa.

Através deste diálogo, é possível perceber, novamente, a natureza do significado implícito de uma expressão idiomática, já que o processo de compreensão só se completa quando o interlocutor realiza o processo inferencial, descrito logo abaixo:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são amigos;

2 – A e B estão participando de uma festa da empresa do marido de A;

3 – O marido de A está conhecendo seu novo chefe.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

1 – (A) disse (E7.1);

2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (A) sabe que (B) sabe (C);

5 – (A) será relevante dizendo (E7.1) se pretender que (B) pense (I);

6 – (A) disse (E7.1) e implicou (I).

Portanto, se o receptor levar em consideração o significado literal das palavras, ocorre novamente a aparente violação das máximas de relação e de modo, já que o tópico do diálogo terá sido desrespeitado. Porém, conforme postulado na Teoria de Grice (1975), emissor e receptor firmam um acordo em que ambos são cooperativos e compartilham da mesma realidade durante uma situação comunicacional. Logo, o receptor, ao se deparar com uma expressão idiomática, no exemplo acima *break the ice*, percebe que há uma falsa afirmação e se sente autorizado a buscar seu significado implícito. Como ele espera que o emissor esteja sendo

cooperativo, ele então sabe que houve uma falsa violação das máximas conversacionais e implica o sentido figurado do enunciado, tornando o processo comunicacional bem sucedido.

Observe mais uma situação comunicacional ilustrando o sentido idiomático da expressão:

Expressão Idiomática 7: Break the ice

(E7) 7.3 A: Pierre was very shy when he met Cindy. He didn't know how to *break the ice*.

(I) Pierre não sabia como se comportar quando conheceu Cindy.

Portanto, mais uma vez, há a permanência do significado figurado da expressão, mesmo quando ela é usada em contextos diferentes. Fato que corrobora a conclusão já apresentada que diz que a implicatura gerada é do tipo convencional, visto que não há dependência de pistas específicas de cada situação comunicacional em que a expressão seja utilizada e nem de pistas lingüísticas particulares do enunciado.

Fato interessante surge quando a origem da expressão é descoberta. Através da consulta aos materiais previamente descritos, na seção 4.1, verifica-se que a expressão *break the ice* começou a ser utilizada na literatura por volta do final do século XV, quando escritores famosos como Shakespeare passaram a usar a expressão. Sua origem está relacionada com as navegações no período do inverno quando a água ficava congelada na sua superfície e um barco, especialmente designado para tal função, era obrigado a “quebrar o gelo” do oceano para que então os navios pudessem iniciar a navegação.

Com o passar dos anos, a expressão teve seu uso generalizado, e atualmente ela é utilizada para fazer referência ao ato de iniciar uma conversa ou de conhecer uma pessoa. Ou seja, o gelo da expressão idiomática representa a sensação de frieza que as pessoas sentem quando encontram alguém pela primeira vez e não sabem o que fazer ou o que dizer. Então, pode-se dizer que a concretização do sentido da expressão (a ação de quebrar o gelo) faz alusão direta ao seu significado idiomático, posto que as pessoas precisam de algo que lhes façam sentir mais calmas em situações novas ou embaraçosas.

Desse modo, parece que a expressão, se classificada dentro da escala que ilustra a composicionalidade e a idiomaticidade, pode ser definida como sendo de nível 2 já que há uma

presença parcial da composicionalidade e da idiomaticidade. Em outras palavras, a alusão ao ato de quebrar o gelo pode ser relacionada com o fato de a pessoa precisar de alguma coisa para quebrar a tensão de uma determinada situação. Ou seja, o significado literal dos vocábulos da expressão (no caso “break”, quebrar e “the ice”, o gelo) parece contribuir para a formação do sentido idiomático (que é “quebrar a tensão”).

Da mesma maneira, se a origem da criação da expressão for considerada, ela será classificada como sendo de nível 1 porque a contribuição composicional para o significado idiomático é bastante forte.

Verifique a análise de outra expressão idiomática:

Expressão Idiomática 8: Spill the beans

(E8) 8.1 A: How did John know about his surprise party?

8.2 B: Oh! Sorry, but I *spilled the beans*.

(I) B revelou o segredo sobre a festa surpresa para John.

Com o delineamento de mais este exemplo, é possível observar a aparente quebra das máximas de relação e modo, pois o sentido literal da expressão (espalhar ou derramar os feijões) não respeita o assunto do diálogo e também não parece ser objetivo. Por sua vez, o significado idiomático da expressão *spill the beans* respeita o tópico do discurso e é bastante claro (revelar um segredo).

Portanto, pode-se afirmar que, mais uma vez, a natureza do significado implícito da expressão idiomática é uma variação do contexto literal que se torna uma constante, afinal é possível determinar vários contextos que o sentido da expressão permanece invariável. Além disto, pode-se postular que a expressão idiomática gera um tipo de implicatura conversacional. Entretanto, como seu significado é constante e não depende de pistas específicas do contexto ou do código lingüístico, ela passa a ser uma implicatura convencional.

A fim de comprovar tal afirmação, observe o uso da mesma expressão idiomática em outra situação:

Expressão Idiomática 8: Spill the beans

(E8) 8.3 A: Don't *spill the beans*, but Adrienne is getting the art award.

8.4 B: This is great!

(I) Não conte para ninguém que Adrienne irá ganhar o prêmio.

Por sua vez, o processo do cálculo inferencial será:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são colegas de trabalho;

2 – A e B são colegas de Adrienne;

3 – Há uma premiação para os melhores projetos da empresa.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

1 – (A) disse (E8.3);

2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (A) sabe que (B) sabe (C);

5 – (A) será relevante dizendo (E8.3) se pretender que (B) pense (I);

6 – (A) disse (E8.3) e implicou (I).

Sobre a classificação em níveis, de acordo com a presença mais forte ou fraca da composicionalidade e da idiomaticidade, a expressão *spill the beans* pode ser definida como nível 2 pois há a presença dos dois fatores em harmonia, na medida em que o ato de derramar os feijões pode ser relacionado com o fato de revelar um segredo. Portanto, assim como descrito no exemplo anterior, novamente, através da construção do sentido não-literal da expressão parece que há uma relação entre a sua estrutura, ou seja, entre *spill the beans* e a formação do seu significado figurado “revelar o segredo”, na medida que pode se traçar uma ligação alusional entre os dois sentidos, daí sua classificação como nível 2.

Em outras palavras, pode-se inferir que o sentido idiomático da expressão não funciona como um bloco único e indivisível, como mostram os 6 primeiros exemplos analisados. Ao contrário, a expressão em questão, bem como o exemplo anterior, de número 7, deixam transparecer uma relação alusional do significado figurado com o sentido literal dos vocábulos que formam as expressões. E tal relação indica haver um balanço na presença das duas características determinadas para a classe de expressões idiomáticas desta pesquisa, motivo que levou a sua classificação como sendo de nível 2.

Resta ainda checar a contribuição do traço etimológico da formação da expressão idiomática. Portanto, em consulta às obras elencadas no delineamento teórico no início deste capítulo, a expressão *spill the beans* tem duas correntes acerca de sua criação. A primeira delas acredita que a formação da expressão idiomática está ligada à história da Grécia Antiga e de suas sociedades secretas para onde as pessoas eram eleitas ou não, através de votação. E esta era realizada com feijões pretos e brancos, que simbolizavam os votos, respectivamente, não e sim. Além disso, a contagem deveria ser feita em sigilo. Porém, se alguém acidentalmente batesse na jarra dos “votos” e se ela caísse no chão e se os feijões fossem espalhados, a contagem estaria revelada.

A outra hipótese que ilustra o nascimento da expressão idiomática faz referência a uma gíria americana usada no início do século XIX e que combinava duas palavras do inglês antigo: “spill” que significava “falar” no século XV e “beans” que possuía o sentido de “informação” durante o século XII. Então, a combinação dos dois vocábulos teria dado origem ao surgimento de “spill the beans” que ao longo do tempo ganhou a conotação de falar sobre um segredo e daí então, revelar um segredo, uma informação sigilosa.

Qualquer que seja a teoria verdadeira, ao analisar a história da expressão idiomática, a presença do traço composicional passa a ser mais forte, transformando a expressão em nível 1 da escala que apresenta as características destas expressões. Da mesma maneira que constatado nos exemplos anteriores deste estudo, ao haver o distanciamento do surgimento da expressão idiomática com o passar do tempo, sua origem tende a ficar esquecida, e somente seu sentido idiomático fica registrado para os falantes de uma língua. Por este motivo é que se acredita que o sentido integral de uma expressão idiomática esteja mais fortemente gravado na memória dos falantes de um idioma e que, portanto, ao inferir o uso de uma expressão idiomática dentro de um diálogo, seu significado figurado surja por inteiro.

Expressão Idiomática 9: Bite the bullet

(E9) 9.1 A: I don't know what to do about moving to another country.

9.2 B: Don't keep talking about it. Just *bite the bullet* and do it.

(I) B acredita que A não precisa ficar indeciso sobre a mudança para outro país, basta ter coragem para fazer o que deve ser feito.

Veja também o modelo do cálculo inferencial de acordo com a perspectiva pragmática para a compreensão do seu sentido idiomático:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são conhecidos;

2 – A recebeu uma nova proposta de emprego;

3 – O novo emprego é em um país estrangeiro.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

1 – (B) disse (E9.2);

2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (B) sabe que (A) sabe (C);

5 – (B) será relevante dizendo (E9.2) se pretender que (A) pense (I);

6 – (B) disse (E9.2) e implicou (I).

É possível observar novamente a aparente quebra das máximas Griceanas de relação e modo tendo em vista que o significado literal da expressão (morder a bala de um revólver) não respeita o assunto do diálogo e nem tampouco é direto e objetivo. Em contrapartida, o sentido idiomático da expressão está de acordo com o tópico do discurso e parece ter objetividade (ter coragem para tomar uma decisão importante ou encarar um desafio).

Então, mais uma vez, pode-se dizer que a natureza do sentido figurado da expressão idiomática complementa o significado semântico da expressão através da geração do processo inferencial, e, mais especificamente, da geração de uma implicatura convencional.

Da mesma maneira, se a composicionalidade e a idiomaticidade forem integradas ao panorama de análise, pode-se postular que a expressão *bite the bullet* é de nível 2 já que ela também pode ser relacionada com a situação alusiva de “morder a bala” e “encarar um desafio”, ou seja, há uma relação entre o seu sentido literal e o figurado na medida em que morder a bala de um revólver pode indicar coragem.

A origem do surgimento da expressão relata uma ligação com o início do século XIX durante a guerra, quando os médicos davam, literalmente, uma bala de revólver para o soldado machucado morder para que então ele fosse operado, já que as condições num campo de guerra são, muitas vezes, precárias. Logo, a única maneira que o soldado tinha para conseguir agüentar a dor de uma cirurgia sem anestesia, era mordendo uma bala de revólver para não gritar e não desviar a atenção do médico durante o procedimento.

Tendo em vista este panorama histórico, a expressão muda de nível e pode, então, ser classificada como nível 1 em função da grande contribuição composicional no processo de formação do sentido não-literal da expressão.

Observe a construção de outro enunciado utilizando a mesma expressão a fim de verificar a veracidade dos apontamentos descritos:

Expressão Idiomática 9: Bite the bullet

(E9) 9.3 A: What do you think I should do?

9.4 B: Come on! *Bite the bullet!*

(I) Aceite o desafio.

Ou seja, há a permanência do sentido figurado da expressão, assim como a geração do processo inferencial para que se possa compreender adequadamente o seu significado e a posterior geração da implicatura convencional.

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são amigos;
- 2 – A está indeciso sobre o seu casamento;
- 3 – B acredita que A deve se casar.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E9.4);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E9.4) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E9.4) e implicou (I).

Além disso, mais uma vez, pode-se traçar uma relação entre a estrutura da expressão e o seu sentido figurado, que se constrói a partir da geração das inferências por parte do receptor da situação comunicativa. Ou seja, a expressão *bite the bullet* também parece apresentar uma ligação alusiva dos seus vocábulos (a saber “bite” significa morder e “the bullet” é a bala de um revólver) com seus sentidos idiomáticos (“encarar um desafio”) na medida em que o fato de literalmente morder uma bala de revólver se constitui em encarar um desafio.

Expressão Idiomática 10: Go down the drain

(E10) 10.1 A: Why are you sad?

10.2 B: Because the electricity went out and I didn't save my work on the computer. All those hours of work went down the drain.

(I) Em função da falta de energia elétrica, horas de trabalho haviam sido desperdiçadas.

Veja o modelo do cálculo inferencial descrito de acordo com a Teoria das Implicaturas de Grice (1975) para a compreensão do sentido idiomático da expressão:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são colegas de trabalho;
2 – A e B estão na empresa;
3 - B está trabalhando num projeto importante para a empresa.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E10.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E10.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E10.2) e implicou (I).

Através de mais este exemplo, é possível observar a aparente quebra das máximas de relação e modo, já que o sentido literal da expressão *go down the drain* (ir / entrar pelo ralo) não respeita o tópico do diálogo e não é claro em relação ao seu significado. Entretanto, o sentido figurado da expressão está de acordo com o assunto da conversa e é objetivo (perder ou desperdiçar alguma coisa).

Observe mais um exemplo utilizando a expressão idiomática *go down the drain*:

(E10) 10.3 A: When Christina's company went out of business, all her money went down the drain.

(I) Cristina perdeu todo seu dinheiro.

Então, novamente, pode-se afirmar que a natureza do significado de uma expressão idiomática é uma variação do contexto literal que se torna constante; afinal, é possível determinar vários contextos nos quais o sentido da expressão permanece inalterado. Além disso, pode-se mencionar o fato de que a expressão idiomática gera um tipo de implicatura conversacional que, em função desta constância do seu significado idiomático, se torna uma

implicatura convencional, já que ele não é dependente de um contexto específico e nem de pistas lingüísticas particulares para que possa ser inferido.

Portanto, a parceria que há entre a semântica e a pragmática esclarece o processo de compreensão do sentido figurado das expressões idiomáticas, posto que a teoria pragmática completa e elucida a teoria semântica em relação a sua capacidade explanatória dos fenômenos lingüísticos, especialmente, acerca das expressões idiomáticas.

Do mesmo modo, a interface fica completa quando as duas características deste grupo de expressões são incluídas no panorama de análise. Portanto, se os níveis das características forem colocados em pauta, a expressão *go down the drain* é de nível 2 porque a composicionalidade fornece pistas para a melhor compreensão do sentido da expressão e está, portanto, igualada com a idiomaticidade. Tal afirmação pode ser comprovada com a seguinte comparação: se alguma coisa vai pelo ralo literalmente, é o mesmo que dizer que esta coisa está perdida, ou seja, daí a contribuição para a formação do significado idiomático da expressão. E o papel da idiomaticidade se dá na medida em que a expressão não ocorre literalmente, mas apenas, simbolicamente.

Com relação à criação da expressão, os materiais já referenciados indicam haver uma relação com lugares onde a água é um bem precioso em função de ser rara, chegando a ter mais valor que o petróleo ou mesmo o ouro. A falta de água faz com que as plantações não se desenvolvam e que as pessoas tenham suas vidas muito sacrificadas. Portanto, se a água nestes lugares é desperdiçada no ralo, isto é um fato triste e deve ser evitado.

Conhecendo-se as motivações históricas do surgimento da expressão, é possível traçar uma relação que comprova a ligação entre o significado literal da expressão e o seu sentido idiomático, já que o ato de desperdiçar a água pelo ralo é a concretização do sentido figurado da expressão, de desperdiçar algo metaforicamente.

Observe mais uma expressão idiomática onde seu significado literal parece contribuir para a compreensão do seu sentido figurado:

Expressão Idiomática 11: Carry the ball

(E11) 11.1 A: Angela is the new managing director.

11.2 B: Yes, now she's *carrying the ball*.

(I) Angela é a responsável pela empresa agora.

Se a expressão é contextualizada pelo processo inferencial, obtém-se o seguinte:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são colegas de trabalho;

2 – A e B acabam de saber quem é a sua nova chefe.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

1 – (B) disse (E11.2);

2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (B) sabe que (A) sabe (C);

5 – (B) será relevante dizendo (E11.2) se pretender que (A) pense (I);

6 – (B) disse (E11.2) e implicou (I).

Através da contextualização desta expressão idiomática, é possível observar que as conclusões apresentadas anteriormente ao longo desta pesquisa são corroboradas. Em primeiro lugar, o sentido literal da expressão (segurar ou agarrar a bola) não tem relação com o assunto da situação comunicacional e também não parece ter objetividade, violando as máximas de relação e modo.

Entretanto, o significado figurado da expressão (estar no controle de algo ou ser responsável por alguma coisa ou alguém) faz com que a quebra das máximas seja falsa, ou seja, ela é apenas aparente. Logo, através da geração de uma implicatura convencional, o receptor é levado a inferir o sentido implícito da expressão e a comunicação torna-se bem sucedida.

Veja a mesma expressão sendo utilizada em outro contexto:

Expressão Idiomática 11: Carry the ball

(E11) 11.3 A: As for organizing the ski trip, Peter will carry the ball.

(I) Peter será o responsável pela organização da viagem.

Em primeiro lugar, é possível verificar novamente que o sentido idiomático da expressão permanece o mesmo, ainda que a situação comunicativa seja diferente. Em segundo lugar, o uso das expressões idiomáticas pode ser mais bem esclarecido via Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e, mais especificamente, através do processo inferencial que descreve o mecanismo utilizado pelos interlocutores no momento da compreensão destas expressões numa situação comunicacional.

Em terceiro lugar, a interface que se construiu neste estudo e que envolve a semântica sendo complementada pela pragmática e, ainda, com a contribuição do traço etimológico da formação de uma determinada expressão idiomática, através da análise das suas características, que são a idiomaticidade e a composicionalidade, mostra-se válida, já que tal relação permite a observação das expressões idiomáticas sob a ótica diacrônica.

Além disso, a expressão também parece ser de nível 2, se analisada do ponto de vista da contribuição do traço composicional visto que o fato de carregar a bola ou de estar com a bola durante uma prática esportiva indica que esta pessoa é que está em vantagem, ou seja, é ela que está com o poder de jogar ou de marcar pontos. Portanto, a relação alusional que se dá entre o sentido semântico e o significado pragmático de uma expressão idiomática pode ser mais facilmente ilustrado através dos exemplos de números 7, 8, 9, 10 e 11, já que há uma presença mais forte do traço composicional que pode, por sua vez, auxiliar o receptor quando do momento da construção das inferências geradas para a correta compreensão do significado figurado de uma expressão idiomática.

Por fim, se a sua origem for investigada, descobre-se, de acordo com o material consultado, que esta expressão idiomática realmente tem sua formação dentro da área esportiva e data do início do século XX. Ao longo do tempo, ela ganhou espaço e hoje em dia ela pode ser

usada dentro de qualquer contexto para designar que a pessoa que está com a bola é aquela que é responsável ou que detém o poder.

Expressão Idiomática 12: Face the music

(E12) 12.1 A: Michael was caught up by the police during a robbery.

12.2 B: Yes, and now he has to face the music.

(I) Michael tem de encarar as conseqüências de seus atos.

Observe a expressão idiomática e seu cálculo inferencial:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são conhecidos de Michael;
2 – A e B recebem notícias de Michael.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E12.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E12.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E12.2) e implicou (I).

Portanto, através de mais um exemplo, pode-se verificar que o comportamento das expressões idiomáticas, em relação ao processo de compreensão do seu sentido figurado, é bastante semelhante em todos os casos analisados neste estudo.

Pode-se observar que o significado não-literal da expressão é inferido através da falsa quebra das máximas de relação e modo, já que o sentido literal dos vocábulos da expressão não está de acordo com o assunto do diálogo e parece não ser objetivo. Tal operação permite ao receptor inferir o significado não-literal da expressão em questão, através da geração de uma

implicatura convencional, pois não há influência de fatores externos específicos sobre o sentido da expressão idiomática.

Da mesma maneira, a expressão é classificada como nível 2 porque é possível demarcar uma relação entre o sentido literal das palavras da expressão (encarar a música) e o seu significado figurado (encarar as conseqüências do que se faz). Ou seja, nesta expressão também há uma conexão alusiva entre o significado semântico dos vocábulos e o sentido figurado da expressão, na medida em que “encarar ou dançar conforme a música” pode ser uma forma de comparação com “encarar as conseqüências do que se faz”. Daí a equiparação entre a composicionalidade e a idiomaticidade.

Sobre a origem da criação da expressão, *face the music* é relacionada com o início do século XVIII e, de acordo com os dicionários consultados, existem duas teorias a seu respeito. A primeira teoria afirma que seu surgimento se deve ao teatro quando a audiência não gostava de uma apresentação e era preciso, então, muita coragem por parte do ator para encarar a platéia hostil ao final do espetáculo no momento em que a orquestra tocava a música de encerramento da sessão.

A segunda teoria relata que a expressão pode ter surgido dentro da área militar quando um soldado desonrado era expulso do exército ao som da banda militar, e devia, portanto, sair encarando a música.

Em ambas situações pode-se constatar que a presença do traço composicional é bastante forte e faz com que a expressão seja classificada como nível 1, tendo em vista a menor contribuição da idiomaticidade. Entretanto, ao longo do tempo, a expressão se distancia da situação motivacional e começa a perder o traço composicional, tornando-se nível 2 e até chegar no nível 3 atualmente.

O que se pode concluir a respeito das 12 expressões idiomáticas analisadas até então é que parece haver dois grupos de expressões delineados através da classificação das características destas expressões. Ou seja, as seis primeiras expressões analisadas de acordo com a interface que se propôs neste estudo, mostram que a idiomaticidade está mais fortemente presente do que a composicionalidade. Logo, a compreensão destas expressões se dá numa interpretação única, como se o significado figurado da expressão estivesse compilado num bloco

indivisível de significação idiomática. É o caso das expressões *asleep at the switch*, *kick the bucket*, *rub the wrong way*, *bring down the house*, *through the grapevine* e *footloose and fancy free* que são classificadas de acordo com o nível 3 da tabela que expressa os graus de idiomaticidade e de composicionalidade das expressões idiomáticas.

Já a observação das seis últimas expressões verificadas através da mesma interface proposta nesta pesquisa constatou que há uma pequena mudança de comportamento no processo de compreensão do sentido figurado destes exemplos. Em outras palavras, a composicionalidade parece contribuir mais diretamente durante o processo de formação do significado não-literal destas expressões fazendo com que a concretização deste sentido literal ajude na apreensão da sua contra-parte figurada. Portanto, as expressões *break the ice*, *spill the beans*, *bite the bullet*, *go down the drain*, *carry the ball* e *face the music* são classificadas como nível 2, de acordo com os graus de presença da idiomaticidade e da composicionalidade, pois há um equilíbrio entre as duas características.

A seguir, são apresentadas mais seis expressões idiomáticas contextualizadas a fim de verificar seu comportamento durante o processo de compreensão do seu significado figurado de acordo com a mesma perspectiva de análise, ou seja, através da interface que se delineou entre a semântica, a pragmática, a etimologia e a presença das duas características das expressões idiomáticas, a idiomaticidade e a composicionalidade.

Expressão Idiomática 13: a bark is worse than a bite

(E13) 13.1 A: Our boss is complaining about everything today.

13.2 B: Don't worry. *His bark is worse than his bite.*

(I) O chefe de A parece mais bravo do que realmente é.

Observe a contextualização da expressão de acordo com o modelo Griceano:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

- (C) 1 – A e B trabalham na mesma empresa;
- 2 – A é um funcionário novo;
- 3 – B trabalha há bastante tempo na companhia.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E13.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E13.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E13.2) e implicou (I).

Através da contextualização desta expressão, é possível observar que a composicionalidade está diretamente relacionada com a idiomaticidade da mesma. O receptor, ao captar o enunciado, deverá procurar o significado figurado da expressão através do processo inferencial e da aparente quebra da máxima de relação, posto que o seu significado literal (o seu latido é pior que sua mordida) não está de acordo com o assunto do diálogo. Um fato novo constatado neste exemplo é que parece haver, também, a quebra da máxima de qualidade porque o sentido literal da expressão não é possível de se tornar verdadeiro, na medida em que as pessoas não latem.

Logo, ao inferir o significado implícito da expressão, através de uma implicatura convencional, o falante percebe que há, apenas, a aparente quebra das máximas conversacionais, e que o significado figurado da mesma apresenta relação com o tópico da conversa (Seu comportamento é pior que suas ações) e faz somente uma comparação com o latido e a mordida de um animal.

Se a expressão for analisada de acordo com os graus das suas características, a expressão é classificada como nível 1 já que a composicionalidade está muito aparente na construção do sentido figurado desta expressão. Em outras palavras, pode-se dizer que o usuário da linguagem, ao se deparar com a expressão *a bark is worse than a bite*, pode imaginar a cena de um latido e de uma mordida, e pode relacionar tais fatos com o comportamento do chefe e suas ações reais.

Com relação ao histórico do seu surgimento, de acordo com os dicionários consultados e já definidos no início deste capítulo, a expressão tem seu início por volta do século XVI e surgiu na cultura popular quando as pessoas perceberam que alguns cães, embora tenham uma latida muito forte e amedrontadora, não mordem as pessoas. Logo, surgiu a comparação com o latido e a mordida do animal.

Veja mais uma expressão idiomática dentro de uma situação comunicativa já acompanhada do seu processo inferencial:

Expressão Idiomática 14: Black sheep of the family

(E14) 14.1 A: Geraldine is the *black sheep of the family*.

14.2 B: Yeah. She's always causing trouble.

(I) Geraldine é a pessoa menos admirada de sua família.

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são familiares;

2 – A e B são parentes de Geraldine;

3 – Geraldine está sempre causando problemas.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

1 – (A) disse (E14.1);

2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;

3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (A) sabe que (B) sabe (C);

5 – (A) será relevante dizendo (E14.1) se pretender que (B) pense (I);

6 – (A) disse (E14.1) e implicou (I).

Nesta situação, pode-se constatar que o processo de compreensão do sentido não-literal da expressão se dá de maneira muito semelhante ao exemplo anterior. Em outras palavras, há a aparente quebra das máximas conversacionais de relação e de qualidade, já que o assunto não

está de acordo com o tópico da conversa e também não pode ser verdadeiro, pois não há como uma pessoa ser uma ovelha negra na realidade.

Porém, se a expressão for compreendida em função do seu significado figurado, verifica-se que a quebra das máximas é falsa, na medida em que “ser a pessoa menos admirada da sua família ou grupo” torna a conversação bem sucedida.

Além disso, como o sentido da expressão é sempre o mesmo, independentemente do contexto específico em que ela seja utilizada, a implicatura gerada é do tipo convencional.

Veja a expressão sendo usada em outra situação comunicativa:

Expressão Idiomática 14: Black sheep of the family

(E14) 14.3 A: Mr. Miller is the *black sheep of the family*.

14.4 B: I agree with you. He's the worse teacher we've ever had.

(I) Mr. Miller é o professor menos querido ou admirado pelos alunos.

Portanto, a partir da delimitação de outro contexto para a utilização da expressão, verifica-se que há a permanência do sentido idiomático de *black sheep of the family*. Assim, pode-se concluir que a implicatura convencional se consolida no processo inferencial de compreensão das expressões idiomáticas.

Dentro deste panorama, a expressão é considerada de nível 1, de acordo com a escala dos graus de idiomaticidade e de composicionalidade, apresentada na seção 4.1 deste capítulo, na medida em que também é possível fazer uma comparação entre a imagem de uma ovelha negra entre várias ovelhas brancas e o fato de ter uma pessoa na família ou no grupo social que sempre causa problemas. Ou seja, nas duas situações, a ovelha escura e a pessoa problemática, se sobressaem na totalidade do conjunto, fato que ilustra a presença mais forte da composicionalidade para a formação do sentido da expressão.

De acordo com a motivação histórica do surgimento da expressão, ela foi criada em meados de século XVIII pelos pastores que acreditavam que as ovelhas pretas eram trazidas pelo

diabo, e eram, portanto, seres amaldiçoados. Além disso, como há um número muito reduzido de ovelhas pretas dentro de um rebanho, os pastores acreditavam que elas poderiam assustar as outras ovelhas, sem mencionar o fato de que a lã preta não permite qualquer tipo de tingimento e não possui um valor financeiro para a sua comercialização, fazendo com que as ovelhas pretas sejam consideradas seres inferiores.

Através da contextualização da criação da expressão idiomática, torna-se mais transparente ainda a comparação que se faz entre a ovelha negra de um rebanho e uma pessoa não afortunada em uma família ou num grupo social, o que comprova a influência da composicionalidade durante o processo de formação das expressões idiomáticas. Finalmente, a contribuição da idiomaticidade se dá na medida em que uma pessoa não pode ser uma ovelha, fazendo com que a expressão ganhe sentido somente quando usada com seu significado idiomático.

Expressão Idiomática 15: Be in the driver's seat

(E15) 15.1 A: Now that Mr. Bender is retired from the company, his son *is in the driver's seat*.
15.2 B Let's see how he can manage that.

(I) O filho do Sr. Bender está no comando da empresa.

Observe o cálculo inferencial realizado pelos falantes:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B trabalham na mesma empresa;
2 – O filho do Sr. Bender também trabalha para a companhia;
3 – O Sr. Bender está se aposentando.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

- 1 – (A) disse (E15.1);
- 2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;

4 – (A) sabe que (B) sabe (C);

5 – (A) será relevante dizendo (E15.1) se pretender que (B) pense (I);

6 – (A) disse (E15.1) e implicou (I).

Pode-se verificar, através do exemplo descrito acima, que o processo de compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas, descrito anteriormente, ao longo das análises já delineadas nesta pesquisa, se consolida na medida em que o sentido literal da expressão não é suficiente e relevante para demonstrar sucesso no processo comunicacional.

Conseqüentemente, no intuito de capturar o sentido não-literaI da expressão, o falante percebe que há a violação das máximas conversacionais de relação e qualidade, visto que o tópico da conversa é desrespeitado e não há veracidade no seu sentido, já que a situação não se desenvolve dentro de um veículo.

Além disso, a implicatura convencional permite ao usuário da linguagem capturar esse significado que não faz parte do conteúdo do que foi dito, mas sim, pertence ao nível do que é implicado.

Por sua vez, a expressão *be in the driver's seat* é considerada de nível 1 porque a presença da composicionalidade pode ser facilmente observada e sugerida através da comparação traçada com o fato de que o motorista de qualquer meio de transporte é a pessoa que está no comando, ou seja, é ele quem determina aonde ir e como ir. Logo, se alguém está no seu lugar, no assento do motorista, significa dizer que esta pessoa está no comando de uma dada situação.

Os dicionários utilizados para a averiguação das origens históricas das expressões idiomáticas relatam que esta expressão surgiu no início do século XX quando os carros e os veículos automotores começaram a se tornar populares. Então, ela faz alusão ao fato de que o motorista é a pessoa responsável pelo veículo. Com a evolução do uso da expressão, ela generalizou-se e pode ser usada para designar qualquer pessoa que esteja no comando, seja de uma empresa, partido político, ou até mesmo de um grupo social.

Para checar tal crença sobre a amplitude do sentido da expressão, veja mais uma situação comunicativa delineada com este propósito:

Expressão Idiomática 15: Be in the driver's seat

(E15) 15.3 A: Is Mrs. Smith in charge of organizing the party?

15.4 B: Yes. She *is in the driver's seat*.

(I) Mrs. Smith está encarregada de organizar a festa.

Através deste outro exemplo utilizando a mesma expressão idiomática, verifica-se que o significado implícito da expressão permanece inalterado, confirmando as expectativas acerca do comportamento destas expressões, bem como as afirmações já traçadas neste estudo ao longo das análises apresentadas neste capítulo.

Com o intuito de solidificar ainda mais as afirmações já descritas sobre as expressões idiomáticas, observe mais um exemplo contextualizado e acompanhado do seu cálculo inferencial:

Expressão Idiomática 16: Has the cat got your tongue

(E16) 16.1 A: Why don't you answer me? *Has the cat got your tongue?*

16.2 B: Please, I just want to be quiet.

(I) Qual é o motivo pelo qual você não me responde?

Veja o cálculo inferencial realizado pelos falantes:

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são colegas;

2 – A e B estão na escola;

3 – A e B estão no intervalo da aula;

4 – A está perguntando para B algumas dúvidas sobre a matéria da aula.

O cálculo inferencial feito por (B) deverá ser o seguinte:

- 1 – (A) disse (E16.1);
- 2 – (A) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (A), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (A) sabe que (B) sabe (C);
- 5 – (A) será relevante dizendo (E16.1) se pretender que (B) pense (I);
- 6 – (A) disse (E16.1) e implicou (I).

Portanto, pode-se constatar que as afirmações previamente apresentadas são corroboradas com mais este exemplo de expressão idiomática sendo contextualizada em uma situação comunicacional.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a implicatura gerada permanece sendo a do tipo convencional e que as máximas de relação e qualidade são aparentemente violadas, em virtude da falta de relação entre o assunto da conversa e o sentido semântico da expressão, e da falta de veracidade do fato designado pela expressão em si, já que é muito improvável que um gato coma a língua de uma pessoa. Dentro deste contexto, o significado implícito da expressão idiomática é inferido e faz com que a comunicação seja bem sucedida.

Além de analisar o processo de compreensão deste grupo de expressões idiomáticas, a interface construída permite melhor descrever as características destas expressões e o seu comportamento desde o momento da criação de uma expressão idiomática e ao longo da sua evolução diacrônica.

Desse modo, a expressão *has the cat got your tongue* também é classificada como nível 1 em função da contribuição do traço composicional, que pode ser facilmente relacionada com o fato de que se um gato comeu a língua de alguém, realmente esta pessoa não tem como falar. Todavia, como o fato é apenas hipotético, a idiomaticidade fornece uma pequena contribuição para a formação integral do significado da expressão.

Resta ainda investigar a natureza motivacional que formou a expressão idiomática e que, de acordo com o material já referenciado, surgiu na metade do século XVIII através da cultura popular. Acredita-se que a expressão foi criada com o intuito de questionar o motivo pelo qual uma pessoa não fala em uma determinada situação, mas não quis fazer a pergunta diretamente e

então sugeriu sua indagação através da alusão a uma situação na qual a pessoa estaria realmente impossibilitada de falar.

Observe mais um exemplo que ilustra o processo de compreensão de uma expressão idiomática e a influência das suas características:

Expressão Idiomática 17: Don't count your chickens before they hatch

(E17) 17.1 A: I spent the money I planned to earn and the job was canceled.

17.2 B: You *shouldn't have counted your chickens before they hatched!*

(I) Você não deveria ter gastado o dinheiro antes de receber pelo trabalho.

O cálculo inferencial realizado pelos participantes da situação comunicativa deverá ser o seguinte:

- (A) O interlocutor A;
- (B) O interlocutor B;
- (C) 1 – A e B são amigos;
- 2 – A é conhecido por gastar muito dinheiro;
- 3 – A possui sua própria empresa.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E17.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E17.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E17.2) e implicou (I).

Através do uso da expressão idiomática ilustrada em uma situação contextualizada, observa-se a validação do arcabouço teórico delimitado ao longo desta pesquisa, pois as questões

norteadoras estão comprovadas e demonstradas ao longo da análise das 17 expressões idiomáticas que compõem o *corpus* do trabalho até o presente momento.

Então, é válido afirmar, conforme mostra a situação comunicativa logo acima, que há a permanência da aparente quebra das máximas de relação e modo, bem como a geração da implicatura convencional. Além disso, a expressão é considerada de nível 1 devido ao maior grau de composicionalidade do seu sentido figurado, posto que há uma relação entre a galinha e os ovos e o fato de que não se pode tomar algo como pronto antes da sua verdadeira conclusão.

De acordo com o material consultado, a expressão tem sua origem nas fábulas escritas por Esopo. Em uma delas, o autor descreve uma mulher que carrega uma cesta de ovos e, alegremente, passeia imaginando quanto ela ganharia quando os ovos fossem chocados e ela poderia, então, vender os animais. Ela fica tão feliz e distraída pensando no seu futuro que deixa a cesta cair no chão, fazendo com que os ovos sejam todos esmagados.

Dessa maneira, pode-se perceber que há uma presença bastante forte da composicionalidade nesta expressão idiomática e uma pequena contribuição da idiomaticidade na medida em que a expressão ocorre somente figurativamente.

Verifique a análise da última expressão pertencente ao *corpus* desta pesquisa:

Expressão Idiomática 18: Drop someone like a hot potato

(E18) 18.1 A: Did you know that Mr. Sommer is getting money away from the company?

18.2 B: Is that true? Let's drop him like a hot potato.

(I) Se o Sr. Sommer está roubando dinheiro da empresa, vamos isolá-lo, ou seja, vamos deixá-lo de lado.

(A) O interlocutor A;

(B) O interlocutor B;

(C) 1 – A e B são amigos;

2 – A e B trabalham para a mesma companhia;

3 – A e B estão discretamente conversando sobre um colega.

O cálculo inferencial feito por (A) deverá ser o seguinte:

- 1 – (B) disse (E18.2);
- 2 – (B) não ofereceu todas as informações pertinentes ao contexto comunicacional;
- 3 – (B), ainda assim, deve estar cooperando;
- 4 – (B) sabe que (A) sabe (C);
- 5 – (B) será relevante dizendo (E18.2) se pretender que (A) pense (I);
- 6 – (B) disse (E18.2) e implicou (I).

Novamente, é possível observar a natureza do significado implícito de uma expressão idiomática. E este fato corrobora a afirmação feita nas análises anteriores de que as expressões idiomáticas geram implicaturas conversacionais, as quais acabam se transformando em implicaturas convencionais, já que o sentido de uma expressão idiomática é independente de um contexto específico quando utilizada com seu significado figurado e também não necessita de pistas lingüísticas especiais para sua compreensão.

Observe a mesma expressão idiomática delineada dentro de outro contexto:

Expressão Idiomática 18: Drop someone like a hot potato

(E18) 18.3 A: When she found out that her husband was lying to her, she dropped him like a hot potato.

(I) Ao descobrir a mentira do marido, a mulher o deixou imediatamente.

Além disso, se o receptor considerar o significado literal das palavras, ocorrerá, mais uma vez, a aparente violação das máximas de relação e qualidade, já que o emissor estará informando algo que não é relevante para a situação e algo que não é verdadeiro, posto que não há como alguém pegar e largar uma pessoa como se ela fosse uma batata quente.

Entretanto, conforme afirma Grice (1975), emissor e receptor firmam um acordo que ambos são cooperativos e compartilham da mesma realidade durante uma situação comunicacional. Logo, o receptor, ao se deparar com a expressão idiomática, percebe que há uma falsa afirmação e se sente autorizado a buscar o seu significado implícito. Como ele espera

que o emissor esteja sendo cooperativo, ele então sabe que houve uma falsa violação das máximas Griceanas e implica o sentido figurado do enunciado, tornando o processo de comunicação bem sucedido.

Em outras palavras, pode-se dizer que, quando o destinatário se depara com o significado semântico de uma expressão idiomática, ele imediatamente presume que houve uma falsa quebra das máximas conversacionais e, então, interpreta o enunciado de acordo com seu sentido idiomático. Para construir o cálculo inferencial, o receptor utiliza as informações que estão disponíveis no enunciado dito pelo falante, reúne as pistas contextuais comuns aos participantes da situação comunicativa e presume que ambos estejam respeitando o Princípio Cooperativo, de acordo com a teoria Griceana (1975).

É importante observar também a presença das duas características pertencentes às expressões idiomáticas, de acordo com o exposto no capítulo anterior deste estudo. Dessa maneira, a composicionalidade parece estar mais fortemente presente na expressão *drop someone like a hot potato*, posto que é possível imaginar que se pegamos uma batata quente na mão e ela queima a pele, a primeira reação que se tem é largá-la, deixá-la cair. Assim, a expressão é considerada de nível 1. Por sua vez, a contribuição da idiomatidade se dá já que a ação de largar a batata quente acontece apenas figurativamente.

Por fim, com relação ao motivo situacional que permitiu a formação da expressão, o material consultado indica sua criação por volta de meados do século XIX, quando ela começa a surgir na literatura. Originalmente, a expressão *hot potato* significa um problema vergonhoso ou perigoso. Diacronicamente, a expressão ganhou espaço e seu sentido foi generalizado, até chegar no seu significado atual de “largar alguém que signifique um problema” ou de “deixar uma pessoa ou um problema de lado, diminuir as relações com ela”.

Assim sendo, nesta seção, foi feita a análise de 18 expressões idiomáticas contextualizadas e observadas de acordo com a abordagem teórica delineada nesta pesquisa e que envolve a interface entre o significado semântico das expressões idiomáticas, analisado sob a perspectiva da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), com o intuito de mensurar o grau de contribuição da composicionalidade e da idiomatidade, dentro de uma perspectiva diacrônica e levando em consideração o traço etimológico de formação destas expressões.

Na seção seguinte, são evidenciadas as constatações sobre o comportamento das expressões idiomáticas inferidas a partir do quadro teórico construído ao longo dos três capítulos desta pesquisa e também, através dos resultados obtidos pelas análises das expressões idiomáticas contextualizadas.

4.3 RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS ANÁLISES

A partir das análises realizadas com as 18 expressões idiomáticas contextualizadas e observadas sob o enfoque da Teoria das Implicaturas de Grice (1975) e também de acordo com a perspectiva diacrônica acerca da presença da composicionalidade e da idiomaticidade, e considerando, ainda, a natureza etimológica do surgimento das expressões idiomáticas da língua inglesa, de acordo com a definição apresentada na seção 2.3 desta pesquisa, pode-se postular que:

- O sentido idiomático atual de uma expressão idiomática pode apresentar níveis de composicionalidade e idiomaticidade. Quanto maior é a presença do traço composicional para a formação do seu significado figurado, mais fácil tende a ser a inferência deste sentido por parte dos usuários da linguagem, conforme é possível se observar através dos exemplos de números 13 a 18 nos quais há uma transparência maior da formação do significado idiomático das expressões, classificadas como nível 1. Em contrapartida, estão os exemplos de números 1 até 6 do *corpus* delineado na seção 4.2, onde não há indícios sobre a natureza deste sentido não-literal e as expressões idiomáticas são classificadas como de nível 3.

- Conseqüentemente, esta variabilidade das duas características das expressões idiomáticas demonstra que a composicionalidade e a idiomaticidade estão diretamente relacionadas e que o aumento da presença de uma, implica na diminuição da contribuição da outra, fato que também pode ser verificado em todos os exemplos descritos na seção anterior.

- O processo de compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas, através do modelo Griceano de geração das implicaturas conversacionais, indica haver a recuperação global do sentido idiomático da expressão. Em outras palavras, parece que o falante implica o sentido não-literal da expressão em questão mesmo desconhecendo o motivo histórico da sua criação, fazendo com que a expressão seja equivalente a um sintagma.

- Tal recuperação integral do sentido idiomático de uma dada expressão pode ser a causa da obscuridade que é comumente atribuída às expressões idiomáticas, já que, se a formação histórica de uma expressão não é de conhecimento dos falantes de um idioma, logo este histórico não pode ser acessado quando da utilização da expressão idiomática. Por sua vez, este desconhecimento faz com que a expressão seja interpretada como um bloco único de significação, que, em muitos casos, não demonstra indícios da ligação entre o sentido literal e o significado figurado da expressão idiomática.

- A reunião das informações contextuais, do sentido dos enunciados e da crença que os participantes de uma situação comunicativa estejam imbuídos dos pressupostos do Princípio Cooperativo postulado por Grice (1975) forma o conjunto necessário para que se possa traçar o caminho percorrido pelos falantes com o propósito de se capturar o significado figurado das expressões idiomáticas que, por sua vez, se dá através da aparente quebra das máximas conversacionais formuladas pelo autor.

- E, esta construção do processo inferencial é o caminho percorrido pelos falantes durante o processo de busca do significado idiomático de uma dada expressão. Estas inferências, geradas a partir da reunião das informações contidas no enunciado dito por um falante, das características contextuais comuns aos participantes do diálogo e dos pressupostos do Princípio Cooperativo, postulado por Grice (1975), podem ser facilitadas pela presença mais forte do traço composicional, conforme se pode observar nos exemplos de números 7 até 12, onde há um balanço entre a composicionalidade e a idiomaticidade, e também nos exemplos 13 até 18, onde há muita composicionalidade presente na formação do significado figurado das expressões.

- Por sua vez, a falsa violação das máximas conversacionais acarreta a geração de uma implicatura, que pode ser do tipo convencional, conforme ilustrado nos exemplos delineados neste capítulo e que é a mais comumente gerada em função da estabilidade do sentido não-literal das expressões idiomáticas; ou do tipo conversacional, que pode se desdobrar nas implicaturas conversacionais generalizadas ou nas implicaturas conversacionais particulares.

- A comprovação da contribuição da Teoria Griceana, durante o processo de compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas da língua inglesa ratifica a importância da Teoria Pragmática e da interface que se delineou neste estudo com a Teoria Semântica. Portanto, pode-se afirmar que a Teoria Semântica é enriquecida com a Teoria

Pragmática. Além disso, pode-se postular que o sentido figurado das expressões idiomáticas é inferido, conforme pode ser analisado através das 18 situações comunicacionais descritas anteriormente.

- Outro fato que pode ser afirmado através dos exemplos descritos no *corpus* deste estudo é que o sentido idiomático de uma expressão é uma variação do significado literal que se torna constante, em que a maioria dos exemplos observados mostrou a geração da implicatura convencional, visto que este tipo de implicatura não depende de pistas específicas do contexto comunicativo e nem tampouco de códigos lingüísticos específicos para que possa ocorrer.

- Um ponto importante que permeia todas as análises realizadas na seção 4.2 se deve ao fato de que a máxima de relação é aparentemente violada em todas as situações comunicacionais em função de que o sentido original dos vocábulos que formam uma expressão idiomática não está diretamente relacionado aos tópicos dos diálogos. Logo, isto parece reforçar os pressupostos descritos no Modelo Ampliado de Grice descrito por Costa (1984), que privilegia a posição da Máxima de Relação do Modelo Griceano (1975). De acordo com Costa (1984), as regras gerais da conversação são guiadas por uma Supermáxima Geral que diz que para os falantes “Serem o mais relevante possível”. Tal aprimoramento parece estar de acordo com os resultados obtidos através da análise do *corpus* definido nesta pesquisa, já que em todos os casos analisados ocorreu a falsa violação da máxima de relação, acompanhada das máximas de modo ou qualidade.

- Por sua vez, a etimologia também tem sua importância comprovada na medida em que ela corrobora a hipótese acerca da natureza composicional das expressões idiomáticas. Ou seja, quando as motivações históricas que levaram a criação de uma dada expressão idiomática são de conhecimento dos falantes da língua inglesa, a captação do seu sentido idiomático é mais clara, visto que a expressão expõe o traço composicional de maneira mais evidente. Tal fato pode ser comprovado através das análises expostas na seção anterior desta pesquisa, através da alteração do grau de composicionalidade e de idiomatidade apresentados pelas expressões idiomáticas quando observadas através da perspectiva diacrônica.

- A abordagem diacrônica, por sua vez, ratifica a afirmação anterior a respeito da obscuridade apresentada pelas expressões idiomáticas. Em outras palavras, pode-se concluir que as expressões idiomáticas, quando são observadas sem o conhecimento dos fatores que

motivaram sua criação, parecem ser entidades globais, com sentidos opacos e que não parecem ter ligação com a estrutura apresentada pela expressão em si. Porém, se as mesmas expressões idiomáticas são analisadas com as informações etimológicas sobre a sua formação, tal obscuridade desaparece e a expressão adquire um significado fortemente composicional.

- A composição do *corpus* apresentado neste estudo compõe-se de 6 expressões idiomáticas consideradas de nível 3, visto o maior grau de idiomaticidade apresentado pela sua estrutura; outras 6 expressões idiomáticas classificadas como nível 2 em função da simetria delineada entre as duas características; e, mais 6 expressões idiomáticas consideradas de nível 1 devido ao maior grau de composicionalidade que suas estruturas deixam transparecer, indicando haver um *continuum* de composicionalidade destas expressões.

- Tais considerações ratificam a abordagem delineada nesta pesquisa construída através da interface entre a Semântica, a Pragmática e a Etimologia, levando em consideração as características das expressões idiomáticas: a idiomaticidade e a composicionalidade.

CONCLUSÃO

Procurar-se-á, agora, sintetizar as respostas para as questões norteadoras que direcionaram este estudo, a fim de que se estabeleçam algumas conclusões plausíveis com relação à problemática das expressões idiomáticas, mesmo levando-se em consideração a complexidade do tema abordado, somada às limitações deste trabalho e à necessidade de investigações mais aprofundadas.

Portanto, a fim de ratificar a trajetória histórica das pesquisas já realizadas sobre o comportamento das expressões idiomáticas, construiu-se ao longo do primeiro capítulo deste estudo, um arcabouço teórico para ilustrar tal panorama. E, através dos autores elencados, pode-se identificar duas tendências principais acerca das abordagens sobre estas expressões.

A primeira delas, formada por autores como Smith (1925), Roberts (1944), Katz (1963 e 1973), Weinreich (1969), Fraser (1970), Makkai (1972) e Chomsky (1980 e 1982), credita às expressões idiomáticas uma natureza ilógica, um significado indivisível que pertence ao todo da expressão e, na maioria dos exemplos fornecidos, o fato destas expressões não aceitarem mudanças estruturais.

Dentre estes pesquisadores, Fraser (1970) foi um dos que mais se destacaram em função da sua Escala da Hierarquia de Rigidez, descrita na seção 2.1, que privilegia as possíveis mudanças na estrutura das expressões idiomáticas e se constitui num marco importante dentro do percurso das pesquisas sobre estas expressões. E, a partir da sua Hierarquia de Rigidez, novos estudos surgiram com o intuito de analisar e comprovar o comportamento mais ou menos flexível que algumas expressões possuem.

Desse modo, delineou-se a segunda tendência das abordagens teóricas acerca destas expressões, através das pesquisas de Numberg (*apud* Numberg et al. 1994), Gross (1982), Cérnak (1988), Gibbs e Nayak (1989), Cacciari (1993), Glucksberg (1993), Numberg et al. (1994), Fernando (1996), Moon (1998) e Pitt e Katz (2000), que passou a considerar o aspecto composicional das expressões idiomáticas, já que havia muitos indícios que indicavam novas características para estas expressões.

Portanto, de acordo com os fundamentos do manancial teórico descrito, comprovou-se a primeira hipótese levantada nesta pesquisa, que afirma que as pesquisas tradicionais definem as expressões idiomáticas como estruturas fixas, com um significado opaco e ilógico.

De acordo com a nova perspectiva de análise sobre o comportamento destas expressões, Cacciari (1993) e Numberg et al. (1994) postulam que as expressões idiomáticas não se tornam automaticamente expressões desta natureza, mas que elas ganham idiomaticidade gradativamente ao longo do tempo. Cacciari (1993) ainda relata sua crença de que a criação de uma expressão idiomática esteja relacionada com o surgimento de uma metáfora, acarretando dizer que seu sentido não é arbitrário, pois suas palavras não são vazias de significação. E, se o seu sentido não é um bloco único e ilógico, a autora conclui que o sentido de uma determinada expressão idiomática é composicionalmente formado.

Gibbs (1995) também reconhece que as expressões idiomáticas possuem muita idiomaticidade e que quanto mais forte é a sua presença, mais difícil se torna a compreensão do seu sentido figurado. Tendo em vista esta gradativa obscuridade destas expressões, o autor sugere a criação de um *continuum* para que se possa explicar adequadamente a complexidade apresentada por elas.

Fernando (1996), seguindo a mesma linha de pesquisa, cria a Escala de Idiomaticidade com o objetivo de descrever o grau de variabilidade e o traço léxico-gramatical apresentados pelas expressões idiomáticas. Através desta escala, é possível observar os diferentes níveis idiomáticos das expressões e também as possíveis alterações permitidas em determinados grupos de expressões.

A partir das conclusões apresentadas por Fernando (1996) e dos apontamentos feitos pelos autores ilustrados acima e entre outros relatados ao longo do corpo teórico deste estudo, criou-se então, a Figura 5, delineada na seção 4.1, que mostra as variações das expressões idiomáticas e a influência destas alterações nas características destas expressões, ou seja, sobre a idiomaticidade e a composicionalidade. Logo, quanto mais rígida, opaca e não-literal é uma expressão idiomática, mais idiomaticidade e menos composicionalidade apresentará a expressão. É o caso, por exemplo, de *by and large*, que não permite nenhuma mudança na sua estrutura e possui um sentido idiomático totalmente opaco e não-literal, pois seus vocábulos constituintes

não fornecem indícios para a compreensão do seu significado figurado (a saber “de modo geral”).

Em contrapartida, quanto menor é a rigidez da estrutura de uma expressão, quanto menos opaca e não-literal é o seu sentido idiomático, mais composicional será a construção do seu significado figurado, e menos idiomática ela possuirá. Por exemplo, a expressão *has the cat got your tongue* analisada no capítulo 3 deste estudo, é classificada como nível 1, de acordo com a Figura 6, apresentada na seção 4.1, devido ao forte nível de composicionalidade presente na formação do seu sentido idiomático, na medida em que a concretização do significado literal da expressão ajuda o usuário da linguagem a inferir seu sentido idiomático.

Dessa maneira, a partir dos estudos de Fraser (1970) e da segunda etapa das pesquisas que atribui novas características para as expressões idiomáticas, comprovou-se também a segunda hipótese descrita neste estudo, que postula a possibilidade de algumas expressões realizarem mudanças estruturais sem que haja perda do seu significado idiomático.

Garrão (2006) também ratifica as descobertas realizadas através da análise do *corpus* delimitado nesta pesquisa e afirma que a modificação estrutural não é algo proibido para as expressões idiomáticas e que tais alterações são observadas em grande parte do *corpus* analisado por ela. Segundo a autora, a melhor explicação para a restrição de algumas expressões é que os falantes têm uma representação para a forma canônica da expressão idiomática e que, possivelmente, as pessoas têm mais facilidade para memorizar e utilizar este formato sem mudanças.

Das várias possibilidades de mudanças reconhecidas por Garrão (2006), estão as possíveis formas de flexão, os acréscimos, as supressões, a passivização, a topicalização, a referência pronominal e, ainda, o fato de que algumas expressões idiomáticas aparecem na sua forma incompleta e mesmo assim são reconhecidas pelos usuários de um idioma, conforme ilustram os exemplos a seguir:

- Expressão original: *count one's chickens before they hatched*
Enunciado: *That's a case of counting your chickens.*

- Expressão original: *scrape the bottom of the barrel*
Enunciado: *That suggestion came from the bottom of the barrel.*
- Expressão original: *lick somebody's boots*
Enunciado: *David is a real boot-licker.*
- Expressão original: *break the ice*
Enunciado: *Talking about family is a good ice breaker for me.*

Desse modo, os estudos de Moon (1998) e de Schapira (1999), além de outros apresentados ao longo dos capítulos deste trabalho, também são validados na medida em que as autoras descrevem níveis de composicionalidade e de idiomaticidade baseados nos grupos de expressões idiomáticas criados em função da maior ou menor liberdade apresentada por inúmeros exemplos de expressões. Afinal, se determinadas expressões permitem mudanças no seu formato original sem que ocorra alteração no seu sentido idiomático, isto sugere afirmar que há uma motivação composicional na criação do sentido não-literal de uma expressão e que seus vocábulos constituintes carregam traços desta motivação, e não são, portanto, vazios de significação.

Schapira (1999) reforça os estudos de Cacciari (1993) ao afirmar que todas as expressões idiomáticas sofreram uma motivação histórica que afeta o traço semântico da idiomaticidade, e que, diacronicamente, esta motivação que causou o surgimento de uma expressão pode sofrer influências que, então, modificam a composicionalidade originalmente apresentada por estas expressões.

Tal fato, já insinuado nos estudos de Gibbs (1990, 1993 e 1995) e, entre outros autores como Glucksberg (1993) e Flores d'Arcais (1993), confirma a crença de que algumas palavras contribuem individualmente para a compreensão da expressão idiomática em questão e de que a aparente pluralidade das estruturas apresentadas por estas expressões comprova a natureza composicional da sua interpretação.

Conseqüentemente, a composicionalidade e a idiomaticidade são ratificadas quanto a sua importância como principais características do grupo das expressões idiomáticas, conforme postulado na definição de expressão idiomática desta pesquisa, na seção 2.3, e corroboram,

então, a terceira hipótese delineada no estudo, que acredita na existência de duas características principais para este grupo de expressões, a composicionalidade e a idiomaticidade, que contribuem para a formação do sentido figurado de uma expressão idiomática.

Por sua vez, a comprovação da natureza composicional das expressões idiomáticas da língua inglesa, que pode ser observada através do *corpus* formado por 18 expressões analisadas na seção 4.2, pode ser relacionada com a inferência do sentido idiomático das mesmas, que se dá através da soma das informações contextuais da situação comunicacional em que uma expressão seja utilizada, do enunciado dito pelo falante e da crença que os participantes do diálogo estejam sendo cooperativos, conforme postula Grice (1975).

Portanto, as análises realizadas na seção 4.2, de acordo com os pressupostos da Teoria das Implicaturas de Grice (1975), comprovam a validade da quarta hipótese alavancada neste estudo. Em outras palavras, pode-se dizer que a interface entre a perspectiva semântica de compreensão das expressões idiomáticas e a abordagem pragmática, que visualiza a linguagem em situações reais de uso, melhor explica o processo de compreensão do significado implícito destas expressões, que não se encontra no nível do que é dito, mas sim, no nível do que é implicado.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a natureza composicional do sentido figurado destas expressões pode ser adequadamente explicada através da perspectiva de análise que se delimitou entre a Semântica e a Pragmática e a Etimologia, que possui a função de fornecer as informações históricas sobre o surgimento das expressões elencadas no *corpus* deste estudo. Ou seja, a partir do momento em que tais expressões são classificadas como formas de expressão, nas quais as principais características são a idiomaticidade e a composicionalidade, embora seu sentido não seja composto a partir da soma dos significados das suas partes, isto implica afirmar que a composicionalidade destas expressões é inferida, através da Teoria Pragmática.

Logo, vale postular também que a Teoria Semântica é complementada com a Teoria Pragmática, que, por sua vez, recebe subsídios da Etimologia, que melhor ilustram a natureza composicional das expressões idiomáticas.

Além disso, os níveis de composicionalidade e de idiomaticidade mostrados nas análises das expressões, na seção 4.2, ilustram a maior ou menor clareza apresentada por determinadas

expressões e que pode estar relacionada com o distanciamento temporal que se dá a partir da criação de uma determinada expressão até os dias atuais.

Isto significa afirmar a validação da quinta hipótese apresentada nesta pesquisa, que indica a contribuição do traço etimológico para o processo de compreensão do significado implícito das expressões idiomáticas e, que, por sua vez, ilustra e comprova a natureza composicional da formação das mesmas.

Através das análises realizadas com 18 exemplos de expressões compiladas no *corpus* deste estudo, também verificou-se que a evolução diacrônica da linguagem causou um distanciamento da situação motivacional que inspirou o surgimento de uma dada expressão, fazendo com que esta motivação histórica composicional não esteja mais fortemente presente na memória dos falantes de um idioma e é o que faz uma expressão idiomática parecer como um bloco global de significação, como um sintagma, quando observado isoladamente.

Em consequência disto, também é procedente afirmar que as expressões idiomáticas não perderam os fatores motivacionais que levaram à sua criação. O que acontece ao longo do tempo é apenas um esquecimento ou um apagamento das influências históricas acerca do nascimento de uma expressão. Assim, pode-se concluir que uma expressão idiomática nasce composicionalmente, mas, o contexto do seu surgimento vai sendo enfraquecido ao longo do tempo. E este distanciamento faz com que a expressão se transforme num sintagma, ou seja, durante o processo de compreensão, o falante capta diretamente o seu sentido idiomático, sem recuperar a ocasião da sua criação.

Um fato que merece maior atenção e se constitui em sugestão para pesquisas futuras é que, aparentemente, quanto mais antiga é uma expressão idiomática, mais esquecida está a sua formação histórica. Em outras palavras, parece que quanto mais antiga é a data provável do surgimento de uma dada expressão, mais enfraquecidas estão as suas raízes, e conseqüentemente, mais difícil é o reconhecimento da composicionalidade na estrutura da expressão.

Além disso, outra descoberta interessante e que justifica a criação de pesquisas futuras, é o fato de existir algumas expressões idiomáticas na língua inglesa que veiculam a mesma idéia, ou seja, o mesmo assunto. É o caso de *backseat driver, in the driver's seat* e *call the shots* onde a

idéia é de alguém que está no comando de uma situação; *bite the bullet*, *grit your teeth* e *face the music* que veiculam a noção de ter de enfrentar uma situação difícil; *drive you crazy*, *drive you mad*, *drive you nuts*, *drive you up the wall* e *climb the walls* que expressam a idéia de deixar alguém muito bravo; *from A to Z*, *everything but the kitchen sink* e *from soup to nuts* que indica a noção de fazer tudo aquilo que é possível naquele momento; e ainda, *go fly an egg*, *go jump in a lake*, *go fly a kite* e *go climb a tree* que veiculam a idéia de mandar alguém parar de incomodar e ir fazer outra coisa, entre outros exemplos.

Porém, seria interessante verificar se cada expressão foi, realmente, criada em função de uma motivação situacional histórica diferente, o que comprovaria, mais uma vez, a noção de que o significado figurado das expressões idiomáticas é formado composicionalmente.

Por fim, a terceira sugestão que se faz através das descobertas feitas durante a análise das expressões pertencentes ao *corpus* deste estudo, é que a aparente singularidade das expressões de uma língua, como por exemplo, as expressões idiomáticas da língua inglesa, não é tão fortemente enraizada como afirmam os pesquisadores tradicionais, pois algumas expressões possuem referentes em outras línguas, como a língua portuguesa, e que veiculam a mesma idéia.

São exemplos: *asleep at the switch* que na língua portuguesa adquire o formato de “dormir no ponto”; *kick the bucket* que equivale a “bater as botas”; *rub the wrong way* que se equipara com “alguma coisa que desceu atravessada”; *bring down the house* com sua tradução literal “botar a casa abaixo”; *break the ice* que transmite a mesma noção da sua tradução “quebrar o gelo”; *go down the drain* significando em português “entrar pelo cano”; *face the music* que simboliza na língua portuguesa “dançar conforme a música”; *bark is worse than bite* que possui a forma de “cão que late não morde” para os falantes do português; *black sheep of the family* que ganhou o mesmo formato “ovelha negra da família”; *has the cat got you tongue* que equivale a “o gato comeu sua língua?” e ainda *don't count your chickens before they hatch* que é similar a expressão “não conte com os ovos antes da galinha” na língua portuguesa.

Dessa maneira, parece ser muito promissor uma pesquisa que procure os motivos através dos quais as expressões idiomáticas se movimentam dentro das línguas e como este movimento se desenvolve.

Finalmente, faz-se importante mencionar ao final da pesquisa, que foram apresentadas no estudo algumas das teorias que investigam o comportamento das expressões idiomáticas da língua inglesa, visto que o objetivo deste trabalho não é esgotar as investigações neste campo, mas sim esboçar um quadro atual da situação destas expressões e de suas pesquisas para que se possa elencar suas características e então, desenvolver a análise proposta.

Assim sendo, espera-se que este trabalho possa ter contribuído com o estudo acadêmico das expressões idiomáticas e sua importante aplicação. Este assunto não se esgota aqui, muito pelo contrário, abrem-se precedentes para o aprofundamento deste tema, conforme indicam as sugestões para pesquisas futuras mencionadas anteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Robin. Fixed Expressions in English: reference books and the teacher. **English Language Teaching Journal**, Oxford, v. 38, n., 2, p. 127-134, 1984.

AMMER, Christine. **The American Heritage Dictionary of Idioms**. Boston: Houghton Mifflin Company, 2003. 473p.

CACCIARI, Cristina. The Place of Idioms in a literal and metaphorical world. *In*: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 27-56.

CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia. The comprehension of Idioms. **Journal of memory and language**, Orlando, v. 27, p. 668-683, 1988.

CÉRMAK, Frantisek. On the substance of idioms. **Folia Linguistica**, Berlim, v. 22, n. 3, p. 413-438, 1988.

CHOMSKY, Noam. **Rules and Representations**. New York: Columbia University Press, 1980.

_____. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1982. 407p.

COWIE, Anthony; MACKIN, Ronald. (eds). **Oxford Dictionary of Current Idiomatic English**. London: Oxford University Press, v. 1, 1975. 689p.

COSTA, Jorge Campos da. **A Relevância da Pragmática na Pragmática da Relevância: a lógica não-trivial da linguagem natural**. Porto Alegre: PUCRS, 1984. 188p. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada. Faculdade de Letras, 1984.

FERNANDO, Chitra. **Idioms and Idiomaticity**. Oxford: Oxford University Press, 1996. 265p.

FINDLATER, Andrew. **Chambers Etymological Dictionary of the English Language**. London: W. and R. Chambers, 1886. 599p.

FLAVEL, Linda; FLAVELL, Roger. **Dictionary of idioms and their origins**. London: Kyle Cathie Limited, 1992. 216p.

FLORES d'ARCAIS, Giovanni. The comprehension and semantic interpretation of idioms. *In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 79-98.*

FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. **Foundations of language.** Cambridge, v. 6, p. 22-42, 1970.

GARRÃO, Milena de Uzeda. **O corpus não mente jamais:** sobre a identificação e uso de combinações multivoculares do tipo verbo mais sintagma nominal. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2006. 124 p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, 2006.

GIBBS, Raymond. Psycholinguistic studies on the conceptual basis of idiomaticity. **Cognitive Linguistics.** New York, p. 417-451, 1990.

GIBBS, Raymond. What do Idioms really mean? **Journal of memory and language,** Orlando, v. 31, p. 485-506, 1992.

GIBBS, Raymond. Why Idioms are not Dead Metaphors. *In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 57-78.*

GIBBS, Raymond. Idiomaticity and human cognition. *In: EVERAERT, Martin. (ed) **Idioms: structural and psychological perspectives.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995, p. 97-116.*

GIBBS, Raymond; NAYAK, Nandini. Psycholinguistic studies on the syntactic behavior of idioms. **Cognitive Psychology,** Berkeley, University of California Press, v. 21, p. 100-138, 1989.

GIBBS, Raymond; NAYAK, Nandini; CUTTING, Cooper. How to kick the bucket and not decompose: analyzability and Idiom Processing. **Journal of memory and language,** Orlando, v. 28, p. 576-593, 1989.

GLUCKSBERG, Sam. Idiom meanings and allusional content. *In: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation.** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 3-26.*

GLUCKSBERG, Sam. **Understanding Figurative Language: from metaphors to idioms.** New York: Oxford University Press, 2001. 134p.

GRICE, Paul. Logic and Conversation. 1975. *In*: DAVIS, Steven. **Pragmatics**. New York: Oxford University Press, 1991. p. 305-315.

GROSS, M. Une classification des phrases ‘figées’ du français. **Revue Québécoise de Linguistique**, Quebec, v. 11, p. 151-185, 1982.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge: MIT Press, 1991. 283p.

JAEGER, Leon. **The nature of idioms: a systematic approach**. Berlin: Peter Lang, 1999. 268p.

JOHNSON-LAIRD, P. N. Apresentação. *In*: CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). **Idioms: processing, structure and interpretation**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. vii-x.

KATZ, Jerrold. Compositionality, Idiomaticity and Lexical Substitution. *In*: ANDERSON, S. R.; Kiparsky, P. (eds). **The Compositionality by Morris Halle**. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1973. p. 04-43.

KATZ, Jerrold; POSTAL, P. The semantic interpretation of idioms and sentences containing them. **MIT Research Laboratory of Electronics Quarterly Progress Report**, Massachusetts, v.70, p. 275-282, 1963.

KIPFER, Barbara Ann (ed). **Roget's Thesaurus**. New York: Harper Collins Publishers: 2007. 929p.

LEME, Andreza da Costa. **A natureza do significado implícito das expressões idiomáticas da língua inglesa através da teoria das implicaturas de Grice**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. 122p. Dissertação de Mestrado em Lingüística Aplicada. Faculdade de Letras, 2002.

LEVINSON, Stephen. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. 595p.

MAKKAI, Adam. **Idiom Structure in English**. The Hague: Mouton, 1972. 371p.

MOON, Rosamund. **Fixed Expressions and Idioms in English: a corpus-based approach**. Oxford: Oxford University Press, 1998. 338p.

MORRIS, William; MORRIS, Mary. **Dictionary of Word and Phrase Origins**. New York: Harper and Row Publishers, 1962. 376p.

NUNBERG, Geoffrey. *The Pragmatics of Reference*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1978. APUD: NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan; WASON, Thomas. *Idioms. Language*. Stanford, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan; WASON, Thomas. *Idioms. Language*. Stanford, v. 70, n. 3, p. 491-538, 1994.

PARTEE, Barbara. **Compositionality in Formal Semantics: selected papers**. Massachusetts: Blackwell, 2004. 288p.

PITT, David; KATZ, Jerrold. *Compositional Idioms. Language*, Stanford, v. 76, n. 2, p. 409-432, 2000.

PULMAN, Stephen. *The recognition and Interpretation of Idioms. In : CACCIARI, C.; TABOSSI, P. (org). Idioms: processing, structure and interpretation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1993, p. 249-270.

RIEHMANN, Susanne. **A Constructional Approach to Idioms and word formation**. California: Stanford University, 2001. 317p. Tese de Doutorado do Departamento de Linguística. Faculdade de Filosofia, 2001.

ROBERTS, M. H. *The science of idiom: a method of inquiry into the cognitive design of language. Modern Language Association of America*. New York, v. 69, p. 291-306, 1944.

ROGET, John Lewis. **Roget's Thesaurus of English Words and Phrases**. London: Longmans, Green and Co., 1936. 703p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Course in general linguistics**. New York: The Philosophical Library, 1959. 279p.

SCHAPIRA, C. **Les stereotypes en français: proverbes et autres formules**. Paris : Ophrys, 1999. 172p.

SINCLAIR, John (ed). **Collins Cobuild Dictionary of Idioms**. Glasgow: HarperCollins Publishers, 2003. 87p.

SMITH, Logan Pearsall. **Words and Idioms**. London: Constable, 1925. 300p.

SOANES, Catherine; STEVENSON, Angus. **Oxford Dictionary of English**. Oxford: Oxford University Press, 2005. 2112p.

SPEARS, Richard. **Phrases and Idioms**. Illinois: NTC Contemporary Publishing Group, 1998. 309p.

_____. **Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs**. New York: McGraw-Hill's, 2006. 1008p.

TABOSSI, Patrizia; ZARDON, Francesco. The activation of Idiomatic Meaning. *In*: Everaert, Martin. (ed). **Idioms: structural and psychological perspectives**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995, p. 273-282.

TERBAN, Marvin. **Scholastic Dictionary of Idioms**. New York: Scholastic Incorporation, 1996. 245p.

van der LINDEN, Erik-Jan. Incremental processing and the hierarchical lexicon. **Computational Linguistics**, Saarbrücken, v. 18, p. 219-238, 1992.

WEBELHUTH, G. X-bar Theory and Case Theory. *In*: WEBELHUTH, G. (Org). **Government and binding theory and the minimalist program**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 35-78.

WEINREICH, Uriel. Problems in the analysis of idioms. *In*: PUHVEL, J. (ed.) **The substance and structure of language**. Berkeley: University of California Press, 1969. p. 23-81.

ANEXOS

**LISTAGEM DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS –
Seus significados literais e idiomáticos**

Expressão Idiomática	Sentido Literal	Sentido Idiomático
(even) worse/worse (still)	Pior (ainda)/(ainda) pior	Muito pior
a Happy Birthday	Um feliz aniversário	Feliz aniversário
a Happy New Year	Um feliz ano novo	Feliz ano novo
a Merry Christmas	Um feliz natal	Feliz natal
Abstain (from)	Abster-se (de)	Abster-se (de)
All gone	Todos idos	Término de algo, fim
Arm in arm	Braço em braço	Abraçar-se com alguém
As easy as a pie	Tão fácil como uma torta	Uma tarefa muito fácil
As good as gold	Tão bom como ouro	Algo muito bom, de valor
As plain as a pike staff	Tão afiado como uma lança	Bastante direto e simples
Asleep at the switch	Adormecer na tomada	Fazer menos do que o esperado
At hand	Na mão	Próximo (em relação a tempo ou lugar)
At sixes and sevens	Nos seis e setes	Perdido no meio de uma confusão
Backlash	Recuo	Recuo
Backseat driver	Assento atrás do motorista	Pessoa que gosta de estar no comando, dar ordens
Bag and baggage	Mala e bagagem	Com todas as coisas que alguém possui
Bark is worse than a bite	Latido é pior do que a mordida	O comportamento de alguém é pior que suas ações
Be crazy about something, somebody	Ser louca por algo ou alguém	Amar ou gostar muito de algo ou alguém
Be in the driver's seat	Estar no assento do motorista	Estar no comando de algo, ser o responsável.
Beside oneself	Ao lado de alguém	Estar sentindo muita emoção
Bite the bullet	Morder a bala de um revólver	Encarar um desafio
Bite your head off	Morder sua cabeça	Falar asperamente com alguém, com raiva
Blackmail	Correspondência preta	Chantagear
Black sheep of the family	A ovelha negra da família	Pessoa menos admirada da sua família ou grupo social
Blow the lid off	Assoprar a pálpebra	Explodir de raiva, ficar furioso
Blow the whistle	Assoprar o apito	Reportar atos errados sobre alguém para as autoridades competentes
Blow to kingdom come	Assoprar para o reino que vem	Matar alguém ou destruir algo com uma arma ou bomba
Blow your stack	Assoprar sua chaminé	Explodir de raiva, ficar furioso
Blow your steam	Assoprar seu vapor	Conversar com alguém para desabafar

Blue film/story/joke/gag/comedian	Filme/história/piada/brincadeira/comédia azul	Filme/história/piada/brincadeira/comédia sem graça
Body and soul	Corpo e alma	Acreditar completamente em alguém ou algo
Bottom fall out of	Chão caiu de	Alcançar um limite mais baixo, mínimo de algo
Bought up	Comprou para cima	Comprou toda a quantidade disponível de algo
Bread and butter	Pão e manteiga	Algo muito simples
Break the ice	Quebrar o gelo	Fazer alguém se sentir à vontade
Bring down the house	Trazer para baixo a casa	Aplaudir muito ou rir bastante de algo
Bring up	Trazer para cima	Mencionar, lembrar de um assunto ou alguém
Burn one's boats/bridges	Queimar o barco/ponte de alguém	Tomar uma decisão que não permite retorno, arrependimento
By and large	De e grande	De modo geral
By dint of	De pancada, força de	Devido à
By far	De longe	De longe
By heart	De coração	Aprendido e gravado na memória
Call the shots	Chamar os tiros	Dar ordens, estar no comando
Carry coals to Newcastle	Carregar carvão para Newcastle	Fazer algo desnecessário
Carry the ball	Carregar a bola	Ser o responsável por ou estar no comando de algo
Catch fire	Colocar fogo	Atear fogo
Catch one's breath	Alcançar a respiração de alguém	Recuperar o fôlego
Chequered career/history	História/carreira quadriculada	Marcado por várias mudanças ou episódios
Chin wag	Mexer o queixo	Meter-se na conversa de alguém
Climbing walls	Subindo as paredes	Estar furioso
Come true	Trazer verdadeiro	Tornar verdadeiro
Cook someone's goose	Cozinhar o ganso de alguém	Fazer algo que estraga os planos de alguém
Count heads	Contar cabeças	Contar o número de pessoas
Curry favour	Favor com molho	Tentar ganhar um favor
Develop (from) (into)	Desenvolver (de) (para)	Transformar-se em
Devil-may-care	O diabo pode se preocupar	Atitude despreocupada
Don't bite off more than you can chew	Não morda mais do que você pode mastigar	Não se comprometer com algo além da sua capacidade
Don't count your chickens before they are hatched	Não conte com suas galinhas antes que elas choquem	Não conte com algo antes do que deveria
Drive you crazy	Dirigir você louco	Deixar alguém bravo, irritado
Drive you mad	Dirigir você maluco	Deixar alguém bravo, irritado
Drive you nuts	Dirigir você louco	Deixar alguém bravo, irritado
Drive you up the wall	Dirigir você para cima da parede	Deixar alguém bravo, irritado

Drop names	Derrubar nomes	Mencionar o nome de alguém importante como se você conhecesse
Drop someone like a hot potato	Largar alguém como uma batata quente	Isolar alguém, deixar de ter contato com uma pessoa
Easy does it	Fácil de fazer isto	Cuidadosamente e mais devagar
Everything but the kitchen sink	Tudo menos a pia da cozinha	Tudo aquilo que é possível em determinada situação; do início ao fim
Face the music	Encare a música	Aceitar o castigo, punição
Fall head over heels in love	cabeça caída nos calcanhares do amor	Apaixonar-se muito rápido e intensamente
Fat chance you've got	Chance gorda você teve	Quando alguém não tem simpatia por outra pessoa
Figure out	Figura fora	Descobrir
Fly off the handle	Desaparecer da asa	Perder a calma, a paciência
Fool around	Bobo por perto	Passar
Foot the bill	Pisar na conta	Assumir, pagar a conta
Footloose and fancy free	Pés soltos	Livre, sem compromisso
For example/instance	Por exemplo	Por exemplo
From A to Z	De A até Z	Tudo aquilo que é possível em determinada situação; do início ao fim
From soup to nuts	De sopa até nozes	Tudo aquilo que é possível em determinada situação; do início ao fim
Get away with	Pegar com	Escapar, fugir com algo
Get pissed off	Ficar bravo	Ficar bravo, enfurecido
Get/have/cold feet	Estar/ter pés frios	Ficar muito amedrontado para fazer algo
Give it a shot	Dar um tiro em algo	Tentar fazer algo
Go ahead and make my day!	Vá em frente e faça o meu dia!	Não me desobedeça ou será punido!
Go climb a tree	Vá subir em uma árvore	Vá embora e pare de me incomodar
Go down the drain	Ir para baixo do ralo	Entrar pelo cano, quando algo sai errado
Go fly a kite	Vá voar uma pipa	Vá embora e pare de me incomodar
Go fry an egg	Và fritar um ovo	Vá embora e pare de me incomodar
Go jump in a lake	Vá pular em um lago	Vá embora e pare de me incomodar
Good morning/day	Boa manhã/Bom dia!	Boa manhã, bom dia!
Grit your teeth	Ranja seus dentes	Agüentar uma situação difícil sem demonstrar medo
Guess what?	Adivinhe o que?	Maneira de iniciar uma conversa
Has the cat got your tongue?	O gato comeu sua língua?	Quando alguém não fala e nos deixa esperando

Heart and soul	Coração e alma	Parte central, mais importante de algo
High-handed	Mão alta	Usar o poder que se tem além do que deveria
Hit the ceiling	Bata no teto	Ficar muito bravo, furioso
In order to/that	Em ordem de/para	Com o propósito de
In sum	Em suma	Em suma, resumo
In the meantime	No meio-tempo	Enquanto isso
It's me, who did you see?	Sou eu, quem você viu?	Quem você achou ter visto?
Keep down	Fique abaixado	Humilhar ou reprimir alguém
Kick the bucket	Chutar o balde	Morrer
Kith and kin	Amigos e familiares	Pessoas muito próximas
Lend a hand	Emprestar uma mão	Ajudar alguém
Let the cat out of the bag	Deixar o gato fora da sacola	Revelar um segredo por acidente
Lick somebody's boots	Lamber as botas de alguém	Papricar alguém
Like taking candy from a baby	Como tirar doce de um bebê	Uma tarefa muito simples e fácil
Long time no see	Muito tempo não vejo	Há muito tempo que não vejo você
Make love to	Fazer amor para	Acariciar alguém
Make off with	Fazer com	Desaparecer com
Milk and honey	Leite e mel	Algo muito bom, fácil
Not a mouse stirring	Nem um rato agitado	Algo sem valor
Not even lift a finger	Ele não levantaria nem um dedo	Não ajudar alguém em nada
Not worth the paper it's printed on	Não vale o papel no qual está impresso	Algo/Alguém que não vale nada
Nothing loath	Sem relutar	De boa vontade
Of late	De tarde, atrasado	Ultimamente
On foot	A pé	A pé
On hand	A mão	Perto (com relação a tempo ou distância), fácil de fazer
On the contrary	Ao contrário	Ao contrário
One day	Um dia	Qualquer dia
Opt in favour of/for	Optar a favor de/para	Optar a favor de/para
Out of mind	Fora da mente	Algo que foi esquecido
Out of sight	Fora da vista	Algo que está fora do campo de visão
Pass the buck	Passar o bode	Passar a responsabilidade sobre algo para alguém
Pins and needles	Agulhas e alfinetes	Sentir físgadas pelo corpo
Pitter-patter/pit-a-pat	Sem tradução literal	'Tique-taque' do relógio
Potato crisps	Batata torrada	Rodelas de batata ondulada
Put through	Colocar através de	Passar por alguma situação nem sempre agradável
Rain cats and dogs	Chover gatos e cachorros	Chover bastante
Red herring	Peixe vermelho	Pista falsa
Rub the wrong way	Mostrar o caminho errado	Irritar
Salt and pepper	Sal e pimenta	Mistura elegante entre preto e branco ou outras duas cores

Saw logs	Serrar pedaços de tronco de árvore	Roncar
Say no more	Dizer mais nada	Ceder, concordar
Scrape the bottom of the barrel	Raspar o fundo do barril	Escolher algo entre opções não satisfatórias, algo aquém do que se espera
Scratch the surface	Arranhar a superfície	Falar ou escrever sobre um assunto superficialmente
Seize/grasp the nettle	Coçar a ferida	Lidar com alguma situação, resolver um problema
Set up	Deixar para cima	Organizar, configurar
Shoot the breeze	atirar na brisa	Conversar amenidades
Skeletons in the closet	Esqueletos no armário	Segredos vergonhosos
Smell a rat	Cheirar um rato	Suspeitar de algo
Spick and span	Mexicano e centrifugado	Novo em folha
Spill the beans	Espalhar os feijões	Revelar o segredo
Stir up trouble	Barulho em cima do tumulto	Evitar confusão
Take the Bull by the horns	Agarrar o touro pelos chifres	Aceitar um desafio
Take/have forty winks	Tirar/ter quarenta pestanejadas	Tirar uma soneca
Tall, dark and handsome	Alto, escuro e bonito	Pessoa muito bonita
The coast is clear	A costa está limpa	Você pode fazer ou ir a qualquer lugar, pois ninguém está por perto
There, there	Lá, lá	Tudo vai ficar bem
Through the grapevine	Através da videira	Ouvir rumores ou fofocas
To go to the whole dog	Ir para o cachorro inteiro	Ir a falência
To keep one's head above the water	Manter a cabeça de alguém acima da água	Tentar manter-se (financeiramente)
To pass away	Passar adiante	Falecer
To Peter out	O Peter para fora	Esgotar-se, ficar exausto
To pull strings	Puxar as cordas	Usar a influência para conseguir algo
To sail too near the wind	Navegar muito perto do vento	Fazer algo ilegal
Touch a nerve a couple of times	Tocar num nervo algumas vezes	Mexer com alguém ou algo
Try and go	Tentar e ir	
Twist someone's arm	Torcer o braço de alguém	Pressionar alguém
Very important person	Pessoa muito importante	Pessoa muito importante
Waste not, want not	Desperdiçar não, querer não	Se você não desperdiçar, sempre terá o que precisa
While the cat is away, the mice will play	Enquanto o gato está fora, os ratos irão brincar	Dizer ou fazer algo quando a pessoa sobre a qual se fala não está presente
White lie	Mentira branca	Mentira inocente
Zilch	zero	Nada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L551i Leme, Andreza da Costa
Idiomaticidade e composicionalidade das expressões
idiomáticas da língua inglesa: o significado na interface
semântico-pragmática-etimológica. / Andreza da Costa
Leme. – Porto Alegre, 2008.
168 f.

Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras,
PUCRS.
Orientação: Prof. Dr. Jorge Campos da Costa.

1. Expressões Idiomáticas. 2. Semântica.
3. Pragmática. 4. Etimologia. 5. Idiomaticidade.
6. Lingüística Inglesa. I. Título.

CDD 418.02
425.14

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)